

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ALINE JASPER

**MARCAS DE UM JORNALISMO REGIONAL: IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA NOS
DIÁRIOS PARANAENSES**

PONTA GROSSA
2016

ALINE JASPER

**MARCAS DE UM JORNALISMO REGIONAL: IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA NOS
DIÁRIOS PARANAENSES**

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo
da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Área de concentração: Processos Jornalísticos e
Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini

PONTA GROSSA
2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

J39 Jasper, Aline
 Marcas de um jornalismo regional:
 identidade cultural gaúcha nos Diários
 Paranaenses/ Aline Jasper. Ponta Grossa,
 2016.
 143f.

 Dissertação (Mestrado em Jornalismo -
 Área de Concentração: Processos
 Jornalísticos), Universidade Estadual de
 Ponta Grossa.

 Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz
 Gadini.

 1.Jornalismo regional paranaense.
 2.Mídia e identidade cultural. 3.Processos
 jornalísticos. I.Gadini, Sérgio Luiz. II.
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Mestrado em Jornalismo. III. T.

CDD: 070.4

ALINE JASPER

**MARCAS DE UM JORNALISMO REGIONAL: IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA NOS
DIÁRIOS PARANAENSES**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Área de concentração: Processos Jornalísticos e Práticas Sociais

Ponta Grossa, 25 de fevereiro de 2016.

Prof. Sérgio Luiz Gadini– Orientador
Doutor em Comunicação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Maria Lúcia Becker
Doutora em Comunicação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Ângela Cristina Trevisan Felippi
Doutora em Comunicação Social
Universidade de Santa Cruz do Sul



Universidade Estadual de Ponta Grossa
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo

TERMO DE RESPONSABILIDADE
Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, *ALINE JASPER*, CPF número *074.103.209-07*, RG número *8.701.450-9*, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado: *MARCAS DE UM JORNALISMO REGIONAL: A IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA NOS DIÁRIOS PARANAENSES*, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não), e que não sejam de minha exclusiva autoria, estão citados entre aspas, com a devida indicação de fonte (autor e data) e a página que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizado(a) legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 25 de fevereiro de 2016.

Aline Jasper
R.A.: 3100114002018

Dedico esta pesquisa a todos aqueles que lutam diariamente para que as culturas regionais não sejam esquecidas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pela força.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa durante a realização do mestrado.

Ao Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini, pelos conhecimentos repassados na orientação desta dissertação de mestrado.

À minha família, namorado e amigos, pelo apoio incondicional em todos os objetivos que traço em minha vida.

Pelo acesso gratuito aos jornais para a coleta de dados, agradeço ao *Jornal do Oeste*, *Diário do Sudoeste*, à Casa da Memória Paraná, em Ponta Grossa; Biblioteca Pública do Paraná; Biblioteca de Marechal Cândido Rondon, Biblioteca de Cascavel, Biblioteca da FAFIUV e Museu Willy Barth, de Toledo.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

*“Não terá cova nem ninho, há de andar sempre fugido,
sempre pobre e perseguido, como se fosse maldito;
pois ser gaúcho... Caramba!... ser gaúcho é até um delito!”*
(José Hernández, “El Gaucho Martín Fierro”)

*“O meu lar é o Paraná
E o mundo é meu lugar
Posso até mudar o mundo
Mas não posso me mudar”*
(Carlos Zatti, “Cevando Mate nos Campos Gerais”)

RESUMO

Com a emergência de uma sociedade global, se modifica a forma como se estruturam as identidades culturais. Esses processos de globalização, ao mesmo tempo em que integram e interconectam sociedades, também geram movimentos de reforço do regional como forma de resistência à homogeneização global. O jornalismo regional tem um papel fundamental na revalorização das singularidades e regionalismos, bem como na formação de identidades e representação da cultura na mídia. Baseada na relação de proximidade com o leitor, a imprensa regional tem a possibilidade de abordar temas de interesse da comunidade a que pertence. No Sul do Brasil, a identidade cultural gaúcha estabeleceu estratégias de sobrevivência e se espalhou para outras regiões, como o Paraná. Multicultural na sua essência, o estado do Paraná foi formado por frentes sucessivas de colonização, que fizeram com que a identificação cultural das regiões do estado se dê de formas distintas. Principalmente com o tropeirismo e com a colonização no Oeste do Paraná, a cultura gaúcha criou raízes e foi apropriada, modificada e assimilada pelo povo paranaense. Com o uso de referências metodológicas quantitativas e qualitativas, elaboradas com base em conceitos do jornalismo, esta pesquisa buscou verificar de que forma 11 jornais diários de diferentes regiões do Paraná abordam a cultura gaúcha em suas páginas, em dois momentos distintos: no período de 13 a 27 de setembro de 2014 e 2015. A escolha da data considera a relevância do dia 20 de setembro para o gauchismo e as celebrações da Semana Farroupilha, realizadas na primeira semana da análise, que mobilizam entidades tradicionalistas na promoção de eventos comemorativos. Com a análise dos dados, pôde-se perceber como as especificidades regionais e as características do jornalismo regional interferem no tratamento dado pelos diários ao tema. Uma das constatações aponta que quanto maiores as cidades e tiragens dos jornais, menor é a quantidade de referências à cultura gaúcha, muito provavelmente em função da pluralidade cultural que advém de públicos numericamente maiores. O estudo indica ainda que, no Oeste e Sudoeste do Paraná, são publicadas mais notícias sobre o gauchismo, pelas particularidades da colonização da região. E, por fim, a pesquisa revela que a cobertura jornalística do tema, no mesmo sentido do jornalismo cultural brasileiro, tem caráter de agenda cultural, com pouca problematização dos assuntos, que na maioria das vezes estão centrados na descrição de eventos e com uma limitada pluralidade editorial.

Palavras-chave: jornalismo regional paranaense, mídia e identidade cultural, processos jornalísticos.

ABSTRACT

With the emergence of a global society, the way cultural identities are structured changes. While the globalization processes integrate and interconnect societies, they also generate actions that reinforce the regional scope as means to resist global homogenization. Regional journalism has a fundamental role in revaluating singularities and regionalisms, as well as the shaping of identities and culture's portrayal in media. Based in the relation of proximity with readers, regional press has the possibility of approaching topics of interest to the community it belongs to. In Southern Brazil, gaúcho cultural identity has established survival strategies and spread to other regions, like Paraná. Multicultural in its essence, the State of Paraná was shaped by successive colonization fronts that caused cultural identification to happen differently in each region of the state. Mainly with tropeirismo and the colonization in Western Paraná, gaúcho culture took root and was adapted, modified and assimilated by Paraná's people. Using quantitative and qualitative methodologic references, this research aimed to verify how eleven daily newspapers from different regions of the state approach gaúcho culture in their pages in two distinct moments: between 13 and 27 September 2014 and 2015. The choice of date was made based on the relevance of September 20 to gauchismo and on the celebrations of Semana Farroupilha, performed on the first week of the analysis, that mobilize traditionalist entities to promote events. Analyzing the data, it could be perceived how regional specificities and the characteristics of regional journalism interfere in the treatment given by the diaries to this theme. Amongst the findings, it was found that the larger the cities and newspaper runs, the smaller the amount of references to gaúcho culture, very likely because of the cultural diversity that comes from larger public. It was also found that, in Western and Southwestern Paraná, more news is published about gauchismo, because of the particularities of settlement in the region. Also, the news coverage of this theme, in the same direction as Brazilian cultural journalism, features only cultural agenda, with little questioning of subjects, whose approach is often centered in describing events, with limited editorial diversity.

Keywords: Paraná's regional journalism, media and cultural identity, journalistic processes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa com a localização das cidades-sede dos jornais analisados.	24
Figura 2	Linha do tempo dos desmembramentos dos municípios selecionados na amostragem.	25
Figura 3	Mapa da posse espanhola e portuguesa das terras paranaenses de acordo com o Tratado de Tordesilhas.	48
Figura 4	Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce no Litoral e Curitiba.	51
Figura 5	Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce na região Centro-Oriental.	53
Figura 6	Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce nas regiões Centro-Sul e Sudeste.	55
Figura 7	Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce nas regiões Oeste, Sudoeste e Centro-Occidental.	56
Figura 8	Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce nas regiões Noroeste, Norte Central e Norte Pioneiro	60
Figura 9	Exemplos de matérias que utilizam o elemento identitário Chimarrão nos jornais <i>Gazeta do Povo</i> , <i>Diário do Sudoeste</i> , <i>Jornal do Oeste</i> , <i>O Paraná</i> e <i>Jornal de Beltrão</i> .	84
Gráfico 1	Percentual de matérias que fazem referência à identidade cultural gaúcha nas capas e páginas internas dos jornais analisados.	86
Figura 10	Exemplos de notícias sobre eventos tradicionalistas publicadas nos jornais <i>Folha de Londrina</i> , <i>Jornal do Oeste</i> , <i>Jornal de Beltrão</i> , <i>Correio do Povo do Paraná</i> , <i>O Presente</i> , <i>O Diário do Norte do Paraná</i> , <i>Diário do Sudoeste</i> e <i>O Paraná</i> .	87
Gráfico 2	Temáticas predominantes nas matérias sobre a identidade cultural gaúcha.	88
Gráfico 3	Número de entradas de gênero informativo e opinativo.	89
Gráfico 4	Formatos das chamadas de capa sobre a cultura gaúcha.	89
Gráfico 5	Formatos das matérias sobre a cultura gaúcha.	90
Gráfico 6	Média de fontes por matéria sobre a cultura gaúcha.	91
Gráfico 7	Classificação das fontes citadas nas matérias sobre a identidade cultural gaúcha.	92
Gráfico 8	Média de imagens por entrada nas matérias que tratam da cultura gaúcha nos	92

jornais analisados.

Gráfico 9	Tipos de imagens publicadas nas matérias sobre o gauchismo.	93
Gráfico 10	Total de elementos identitários mobilizados na amostragem da pesquisa.	94
Figura 11	Reportagem “O que é que a prenda tem?”, publicada pelo <i>Correio do Povo do Paraná</i> em 18/09/2015	95
Figura 12	Matéria “Artista de Irati conquista oito títulos em concursos”, publicada pelo <i>Diário dos Campos</i> em 24/09/2014.	98
Figura 13	Artigo “Graciosa, Despretensiosa”, publicado pelo <i>Diário dos Campos</i> em 17/09/2015	98
Figura 14	Matéria “Semana Farroupilha termina com gastronomia, mateada e provas de tiro de laço, em Pato Branco”, publicada pelo <i>Diário do Sudoeste</i> em 22/09/2014.	100
Figura 15	Matéria “Festejos farroupilhas seguem até domingo em Francisco Beltrão”, publicada pelo <i>Diário do Sudoeste</i> em 17/09/2015.	101
Figura 16	Matérias “Melhorias no Parque de Rodeios” e “Costela de Chão”, publicadas pela <i>Folha de Londrina</i> em 16 e 17/09/2015.	103
Figura 17	Matéria “Rota de Tropeiros, escarpa pode virar patrimônio natural”, publicada pela <i>Gazeta do Povo</i> em 13/09/2014.	105
Figura 18	Matéria “Diversificação com respeito às origens”, publicada pela <i>Gazeta do Povo</i> em 22/09/2015	106
Figura 19	Matéria “Eventos atraíram bom público nos cinco dias”, publicada pelo <i>Jornal de Beltrão</i> em 23 de setembro de 2014.	108
Figura 20	Coluna “A Voz do Tradicionalismo”, publicada no <i>Jornal de Beltrão</i>	109
Figura 21	Coluna “Entre uma cuia e outra”, publicada no <i>Jornal de Beltrão</i> .	109
Figura 22	Matéria “Programa Aprendiz de Tropeiro recupera as raízes do Paraná”, publicada pelo <i>Jornal do Oeste</i> em 17/09/2014.	112
Figura 23	Chamada de Capa “Semana Farroupilha”, publicada pelo <i>Jornal do Oeste</i> em 13/09/2015.	112
Figura 24	Matéria “Apaixonados pela cultura celebram Semana Farroupilha no Paraná”, publicada pelo <i>Jornal do Oeste</i> em 13/09/2014.	113
Figura 25	Matéria “Edição estréia com aplausos e carreata”, publicada pelo jornal <i>O Comércio</i> em 13/09/2014.	115
Figura 26	Charge publicada pelo jornal <i>O Comércio</i> em 15/09/2015.	116
Figura 27	Matérias “Convite” e “Diretoria CTG – 2014/2015”, publicadas pelo <i>O Diário do Norte do Paraná</i> em 17 e 18/09/2014.	118

Figura 28	Matéria “CTG realiza 1º Acampamento Farroupilha”, publicada pelo jornal <i>O Paraná</i> em 17/09/2014.	119
Figura 29	Matéria “Começa mais um Acampamento Farroupilha”, publicada pelo jornal <i>O Paraná</i> em 16/09/2015.	120
Figura 30	Matéria “Fruhlingsfest brinda a primavera e resgata tradições germânicas”, publicada pelo jornal <i>O Presente</i> em 16/09/2014.	122
Figura 31	Matéria “Chope Brahma será a bebida oficial da Oktoberfest”, publicada pelo jornal <i>O Presente</i> em 18/09/2014.	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tiragem e localização dos jornais selecionados para a análise	25
Tabela 2	Matérias publicadas no <i>Correio do Povo do Paraná</i> no período analisado.	94
Tabela 3	Elementos identitários referenciados pelo <i>Correio do Povo do Paraná</i>	96
Tabela 4	Matérias publicadas pelo <i>Diário dos Campos</i> no período analisado.	97
Tabela 5	Matérias publicadas pelo <i>Diário do Sudoeste</i> no período analisado.	99
Tabela 6	Elementos Identitários referenciados pelo <i>Diário do Sudoeste</i> nas matérias sobre a cultura gaúcha.	102
Tabela 7	Matérias publicadas pela <i>Folha de Londrina</i> no período analisado.	102
Tabela 8	Matérias publicadas pela <i>Gazeta do Povo</i> no período analisado.	104
Tabela 9	Matérias publicadas pelo <i>Jornal de Beltrão</i> no período analisado.	107
Tabela 10	Elementos Identitários referenciados pelo <i>Jornal de Beltrão</i> nas matérias sobre a cultura gaúcha.	110
Tabela 11	Matérias publicadas pelo <i>Jornal do Oeste</i> no período analisado.	111
Tabela 12	Elementos Identitários referenciados pelo <i>Jornal do Oeste</i> nas matérias sobre a cultura gaúcha.	114
Tabela 13	Matérias publicadas pelo jornal <i>O Comércio</i> no período analisado.	114
Tabela 14	Elementos Identitários referenciados pelo jornal <i>O Comércio</i> nas matérias sobre a cultura gaúcha.	116

Tabela 15	Matérias publicadas pelo <i>O Diário do Norte do Paraná</i> no período analisado.	117
Tabela 16	Matérias publicadas pelo jornal <i>O Paraná</i> no período analisado.	118
Tabela 17	Elementos Identitários referenciados pelo jornal <i>O Paraná</i> nas matérias sobre a cultura gaúcha.	120
Tabela 18	Matérias publicadas pelo jornal <i>O Presente</i> no período analisado.	121
Tabela 19	Elementos identitários referenciados pelo jornal <i>O Presente</i> nas matérias sobre a cultura gaúcha.	123

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	16
1	A PESQUISA EM JORNALISMO REGIONAL, ENTRE MÉTODOS E CONCEITOS	20
1.1	UNIVERSO DA AMOSTRAGEM DE MÍDIA IMPRESSA DIÁRIA NO PARANÁ	23
2	JORNALISMO LOCAL E REGIONAL	31
2.1	GLOBALIZAÇÃO E A RECONFIGURAÇÃO DO REGIONAL	31
2.2	JORNALISMO REGIONAL	33
3	IDENTIDADE CULTURAL, TRADIÇÃO E REPRESENTAÇÕES	36
4	JORNALISMO E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES	43
5	FORMAÇÃO E POVOAMENTO DO PARANÁ	47
5.1	LITORAL, SERRA DO MAR E CURITIBA	51
5.2	CAMPOS GERAIS	52
5.3	CAMPOS DE GUARAPUAVA E PALMAS	55
5.4	OESTE E SUDOESTE DO PARANÁ	56
5.5	NORTE E NOROESTE DO PARANÁ	59
6	IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA E GAUCHISMO NO PARANÁ	63
6.1	IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA	63
6.1.1	<i>O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E O NATIVISMO</i>	67
6.2	GAUCHISMO NO PARANÁ	72
6.2.1	<i>O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ</i>	80
7	EXPRESSÕES DA IDENTIDADE GAÚCHA NOS DIÁRIOS PARANAENSES	82

7.1	CORREIO DO POVO DO PARANÁ	94
7.2	DIÁRIO DOS CAMPOS	96
7.3	DIÁRIO DO SUDOESTE	99
7.4	FOLHA DE LONDRINA	102
7.5	GAZETA DO POVO	103
7.6	JORNAL DE BELTRÃO	106
7.7	JORNAL DO OESTE	111
7.8	O COMÉRCIO	114
7.9	O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ	117
7.10	O PARANÁ	118
7.11	O PRESENTE	121
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
	REFERÊNCIAS	128
	APÊNDICE A – LIVRO DE CÓDIGOS	138

INTRODUÇÃO

Com a complexificação da sociedade e crescente formação de uma cultura global, se torna cada vez mais presente um processo de valorização das culturas regionais. Enquanto a globalização parece impor uma padronização de gostos, costumes e culturas, a contrapartida vem por meio de movimentos que cada vez mais buscam representatividade e espaço na sociedade.

Dessa forma, não se pode falar em identidades culturais sem considerar esse movimento de luta e reforço da importância social. Seja por meio de movimentos organizados, seja pela resistência de costumes e usos rurais em um meio urbano, como é o caso da identidade gaúcha de que tratamos nesse trabalho, é necessário uma adaptação e constante afirmação da existência e persistência das culturas locais e regionais.

A mídia, por sua vez, é uma valiosa ferramenta no processo de resistência ou reconfiguração. Ao veicular notícias que remetem a elementos identitários de culturas regionais, o jornalismo dá voz aos movimentos e pode ser um agente aliado na luta das identidades por espaço na sociedade. No caso contrário, o jornalismo serve mais para acentuar a padronização cultural e emergência da sociedade global.

De forma específica, o jornalismo regional (e, mais ainda, o jornalismo local) tem características que o tornam essencial para a manutenção das identidades culturais regionais. Com base nas informações que têm proximidade com o leitor, tais periódicos podem construir ligações que resistem à padronização, e que falam de forma mais contundente sobre o cotidiano do público e seus hábitos culturais.

No Brasil, e especificamente na região Sul, uma identidade cultural em particular consegue manter espaço e representatividade. A cultura gaúcha, originada nos pampas do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai e depois espalhada por outras regiões, primeiro com as guerras que assolaram a região platina e o Sul do Brasil, em seguida com o tropeirismo, e ainda, de forma mais recente, com as expansões das fronteiras agrícolas, se mantém viva e atuante na sociedade brasileira há cinco séculos.

As lutas entre colonizadores portugueses e espanhóis pelas fronteiras entre as colônias deram início a esse movimento de ‘espalhamento’ do tipo cultural gaúcho. Alistado em milícias, o gaúcho, antes bandoleiro e nômade, como é explicado em pormenores na fundamentação teórica desse trabalho, começa a construir e levar consigo uma cultura peculiar, nascida da exclusão social e da sobrevivência. Com a Guerra Guaranítica, deflagrada em 1750, o índio agrega seus costumes a essa cultura, dando indícios da forma como se construiria a identidade cultural gaúcha dali pra frente: como uma colcha de retalhos, juntando costumes indígenas, dos imigrantes, dos locais por onde passou o gaúcho.

A Revolução Farroupilha, de 1835 a 1845, acontece em um momento crucial da formação dessa identidade e, portanto, dá insumos para seu fortalecimento. Em um momento em que a sociedade sulina se organiza essencialmente em torno das estâncias e charqueadas e o gaúcho deixa de ser nômade para se fixar e trabalhar nessas fazendas, uma revolução que utiliza como fermento o orgulho de pertencer a determinada região só poderia render frutos para a consolidação da identidade cultural em questão. Os efeitos dessa guerra, as perdas materiais e humanas que se sucederam só servem de estopim para um referencial de apego. Da mesma forma, as guerras do Paraguai (1864 – 1870) e Federalista (1893 – 1895) reforçam esse apego e criam uma imagem de uma cultura forte, guerreira e que não se entrega frente às adversidades, além de levar essa cultura para outras regiões e expandir seus adeptos.

O tropeirismo, que foi a principal forma de comércio e transporte de mercadorias no Brasil dos séculos XVII a XIX e continuou até meados do século XX, propiciou um contato do gaúcho com outras regiões do Brasil, como o Paraná. “Foi o contato íntimo e permanente do tropeiro de Sorocaba, dos Campos Gerais e do Rio Grande do Sul que conseguiu aproximar os gaúchos do resto do Brasil”, explica Wachovicz (2010, p. 129). Foi o tropeirismo que desenvolveu a porção central e leste do Paraná, e a cultura desta região deriva do gauchismo.

No século XX, o povoamento organizado por empresas colonizadoras leva os gaúchos para o Oeste do Paraná, onde deixam uma forte influência cultural. Ao contrário dos tropeiros, que passavam pelos locais e poucas vezes se fixavam ali, os agricultores envolvidos na expansão de fronteiras fixam residência na região, o que

fortalece mais ainda a troca cultural. Isto também acontece com a região Centro-Oeste do Brasil posteriormente, com o estabelecimento de gaúchos devido às novas fronteiras agrícolas.

Portanto, pode-se dizer que o Paraná foi influenciado em grande parte pela cultura gaúcha, em momentos distintos de sua história. Seja pela passagem dos tropeiros, seja pelas guerras de que participaram paranaenses e gaúchos, seja pelos colonos gaúchos que firmaram residência no Paraná, a cultura gaúcha encontrou campo fértil para se estabelecer nesse estado.

Da mesma forma, os costumes paranaenses também influenciam o gauchismo, como é o caso do chimarrão, como aponta Fernandes (2003, p. 348) que existia nos pampas, mas que tinha aceitação maior dentre os indígenas do Paraná, até pela adaptação das terras paranaenses ao cultivo da erva-mate (que foi importante para o desenvolvimento da economia regional, caracterizando um ciclo econômico do Paraná). “A exploração do mate fez surgir no Paraná um certo bem-estar e confiança no futuro, chegando a formar no interior uma classe média, composta de produtores, os quais, devido à posição conquistada na sociedade, vão exercer forte influência na política local” (WACHOVICZ, 2010, p. 156).

O movimento pela emancipação política do Paraná, que teve diversas tentativas desde 1811, foi influenciado, em grande parte, pela Revolução Farroupilha, ocorrida alguns anos antes, como conta Wachovicz (2010, p. 140). Em 1853, no dia 19 de dezembro, é sancionada pelo Imperador D. Pedro II a Lei nº 704, que cria a província do Paraná.

No presente trabalho, verifica-se de que forma os jornais paranaenses fazem referência à identidade cultural gaúcha em suas páginas no período de tempo em torno da data marcante da cultura: 20 de setembro, Dia do Gaúcho. O intuito é traçar um panorama da cobertura dessa cultura e identificar os aspectos jornalísticos dessas matérias.

Data do início da Revolução Farroupilha, o 20 de setembro também marca hoje o final das comemorações da Semana Farroupilha, evento que começa no dia 13 de setembro e que mobiliza os Centros de Tradições Gaúchas em todo o país. Assim, presume-se que haja uma concentração de eventos gaúchos nessa época, produzindo fatos

de interesse noticioso, principalmente para a imprensa regional.

Foram selecionados para esta pesquisa onze diários paranaenses, na tentativa de abranger o máximo possível do jornalismo regional no Paraná. São jornais que possuem características bastante variadas, de tiragem e abrangência de circulação, e cidades com populações e formações históricas diferentes. Por isso, os resultados refletem o contexto de cada jornal, suas preferências editoriais e, principalmente, seu papel nas regiões em que circulam.

CAPÍTULO 1 - A PESQUISA EM JORNALISMO REGIONAL, ENTRE MÉTODOS E CONCEITOS

Uma discussão sobre metodologia de pesquisa em jornalismo pressupõe a identificação de um campo social e científico de relativa autonomia e especificidade. Gadini (2005, p.2), aponta que o delineamento de especificidades discursivas dos produtos jornalísticos exige o reconhecimento da existência de forças que tencionam um jogo constante de posições diferenciadas, valores e sentidos que ganham visibilidade nos produtos midiáticos.

Dentre as lutas inerentes ao campo que têm influência nesse processo de construção, tem vital importância a formalização de procedimentos metodológicos “[...]que possam ser lidos e eventualmente validados universalmente, quer por pesquisadores do mesmo campo, quer por pesquisadores de áreas afins.”, afirma Cunha (2007, p.168). Nessa mesma linha de pensamento, Machado (2010, p. 23) sustenta que a institucionalização do Jornalismo como disciplina científica pressupõe uma ruptura com o modelo de pesquisa centrado na importação de metodologias concebidas por outras disciplinas. Ainda segundo o autor, essas metodologias não possuem o ferramental adequado para identificar, caracterizar, definir, classificar e sistematizar a prática do Jornalismo como objeto do conhecimento científico. Assim, essa dependência de estudos com metodologias vinculadas a outros campos do conhecimento estimula a replicação de estudos muito similares, com o jornalismo como objeto de estudo e não com o intuito de criar novas teorias do jornalismo, aponta Machado (2004, p.8).

Este trabalho tem como proposta utilizar uma metodologia de análise jornalística, baseada em teorias e conceitos específicos do jornalismo, com o intuito de diminuir limitações por conta do uso de metodologias originadas em outros campos. Essa metodologia foi constituída por um misto de análise quantitativa e qualitativa, já que estas

são abordagens que não se contrapõem, mas sim se complementam, apontando aspectos diferentes do objeto científico.

Se a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa (MINAYO; SANCHES, 1993, p.247).

Trata-se de uma estratégia metodológica que objetiva compreender e analisar as notícias com base nas características fundamentais do jornalismo, da produção jornalística e da expectativa de recepção do público. Os conceitos e características apontados pelas Teorias do Jornalismo têm, assim, papel fundamental na construção das categorias de análise. O produto jornalístico pode ser analisado de diversas formas e em diversas áreas do conhecimento: por sua característica linguística e textual, pela sua validade como documento histórico, por seu papel como difusor de informações e formador de opiniões. No entanto, essas metodologias de análise “emprestadas” da Sociologia, História, Letras, entre outras áreas, nem sempre dão conta de explicar o fenômeno notícia e seus processos de produção, circulação e recepção. Para isso, se torna necessário o uso de metodologias mais próximas ao Jornalismo e baseadas em teóricos do Jornalismo.

A tabulação dos dados facilita a compreensão e a visão do produto quantitativamente. Com base no formato de livros de códigos formulado pelo Grupo de Pesquisa em Mídia e Política da Universidade Estadual de Ponta Grossa (CERVI, 2002, p.5), se construiu uma tabela de análise quantitativa dos jornais. Como a primeira página dos jornais impressos tem características diferentes das páginas internas, há uma demanda de análise diferenciada. Nessa pesquisa, foi construída uma tabela e um livro de códigos (Apêndice A), com o objetivo de facilitar a coleta de dados.

Nas capas, decidiu-se coletar dados identificadores das edições, como a data e o número total de chamadas de capa, e dados referentes às chamadas que faziam referência à cultura gaúcha: temática, gênero, abrangência, formato, imagem e elementos identitários. Quanto ao gênero das notícias, se classificou em informativo ou opinativo; os formatos poderiam ser manchete com foto, manchete sem foto, chamada com foto,

chamada sem foto, foto-legenda e chamada-título. Se houver imagens, são indicadas como fotografia ou ilustração.

Groth (2011, p. 32) traz como duas das características fundamentais do Jornalismo a universalidade e a pluralidade, que podem aparecer na abrangência dos produtos noticiosos, na medida em que tal abrangência pode garantir tanto a inserção quanto a diversificação dos públicos. Quanto à abrangência da notícia, identificou-se em local, regional, nacional e internacional, sendo que as notícias locais se referem à cidade ou bairro de origem do jornal, as regionais têm ligação com as cidades vizinhas ou o Estado, as nacionais abrangem todo o país e as internacionais fazem referência a fatos acontecidos em outros países que não o país de origem do meio de comunicação. Essa divisão se baseia no princípio de territorialidade geográfica apontado por Tuchman (1983, p. 51). Os elementos identitários mobilizados pela matéria em questão poderiam estar em quatro locais: título, texto, imagem e legenda.

Com base na observação prévia das notícias e na fundamentação teórica sobre identidade cultural, foram elencados elementos identitários que poderiam aparecer nas matérias, com a possibilidade de elencar outros, caso, na observação dos jornais, apareça algo que não se encaixa nestes elementos. Esses elementos identitários considerados foram o chimarrão, a indumentária, danças, música, história, artesanato, culinária, relações familiares ou de amizade, eventos, poesia ou literatura, vocabulário, cavalo e símbolos cívicos.

Nas páginas internas, a pesquisa identificou a data do jornal, número total de páginas e número total de matérias. Quanto às matérias que têm relação com as identidades culturais pesquisadas, registrou-se dados referentes ao gênero, formato, fontes, imagem e elementos identitários. As referências a gênero, imagens e elementos identitários seguem o mesmo padrão das capas.

A identificação e análise dos formatos das matérias consideram aspectos que habitualmente são utilizados nas estruturas de produção e apresentação de peças jornalísticas. Assim, foram consideradas as categorias de notícias, ilustrações (em que também se enquadraram charges e infográficos), ensaio fotográfico, coluna assinada, artigo assinado, editorial, carta do leitor e nota informativa.

Baseada nas classificações de fontes de Schmitz (2011), essa pesquisa utiliza a classificação de fontes por grupo, que identifica em nome de que grupo fala a fonte, podendo ser oficial, empresarial, institucional, popular, notável, testemunhal, especializada ou de referência. As fontes oficiais, segundo o autor, referem-se aos entrevistados em funções ou cargos públicos, que se pronunciam por órgãos mantidos pelo Estado ou organizações agregadas, como juntas comerciais ou companhias públicas. As empresariais, por sua vez, representam organizações comerciais, industriais, de serviços ou agronegócios, diferentemente das fontes institucionais, que falam em nome de organizações sem fins lucrativos ou de grupos sociais e das fontes populares, que não representam nenhuma organização ou grupo social. As fontes notáveis são aquelas pessoas que se destacam por seu talento ou fama, geralmente artistas, escritores, esportistas, entre outros. Como dizem os nomes, as fontes testemunhais representam o que viram ou ouviram como participantes do fato noticioso, e as fontes especializadas são pessoas de notório saber específico. Por fim, as fontes de referência são os documentos, a bibliografia ou mídias consultadas pelo jornalista.

1.1.UNIVERSO DA AMOSTRAGEM DE MÍDIA IMPRESSA DIÁRIA NO PARANÁ

A amostragem do trabalho consiste em um período de duas semanas ao redor do dia 20 de setembro, ou seja, dos dias 13 a 27 de setembro, nos anos de 2014 e 2015. Essa escolha deu por conta do valor simbólico dessa data, sendo que o dia 20 de setembro é o chamado Dia do Gaúcho, comemoração do início da Revolução Farroupilha, em 1835. Ao realizar um estudo da produção jornalística em momentos (datas comemorativas), busca-se verificar se e como o jornalismo regional se apropria de aspectos, situações e contextos para compor uma cobertura de identidades culturais.

A escolha por um período comemorativo em que se concentram eventos da cultura gaúcha se deu para materializar as manifestações culturais que em outros momentos talvez estivessem dispersas. Considerou-se que, na cobertura da cultura regional, eventos organizados teriam maior possibilidade de receber destaque nos jornais do que costumes ou hábitos cotidianos.

Foram selecionados 11 jornais dentre os jornais de circulação diária no Paraná, na tentativa de abranger uma diversidade de regiões do estado e também de aspectos jornalísticos. Dessa forma, são analisados nesse estudo os jornais *O Paraná*, de Cascavel, *Jornal de Beltrão*, de Francisco Beltrão, *Gazeta do Povo*, de Curitiba, *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa, *Folha de Londrina*, de Londrina, *Jornal do Oeste*, de Toledo, *Diário do Sudoeste*, de Pato Branco, *Correio do Povo do Paraná*, de Laranjeiras do Sul, *O Comércio*, de União da Vitória, *O Presente*, de Marechal Cândido Rondon e *O Diário do Norte do Paraná*, de Maringá.

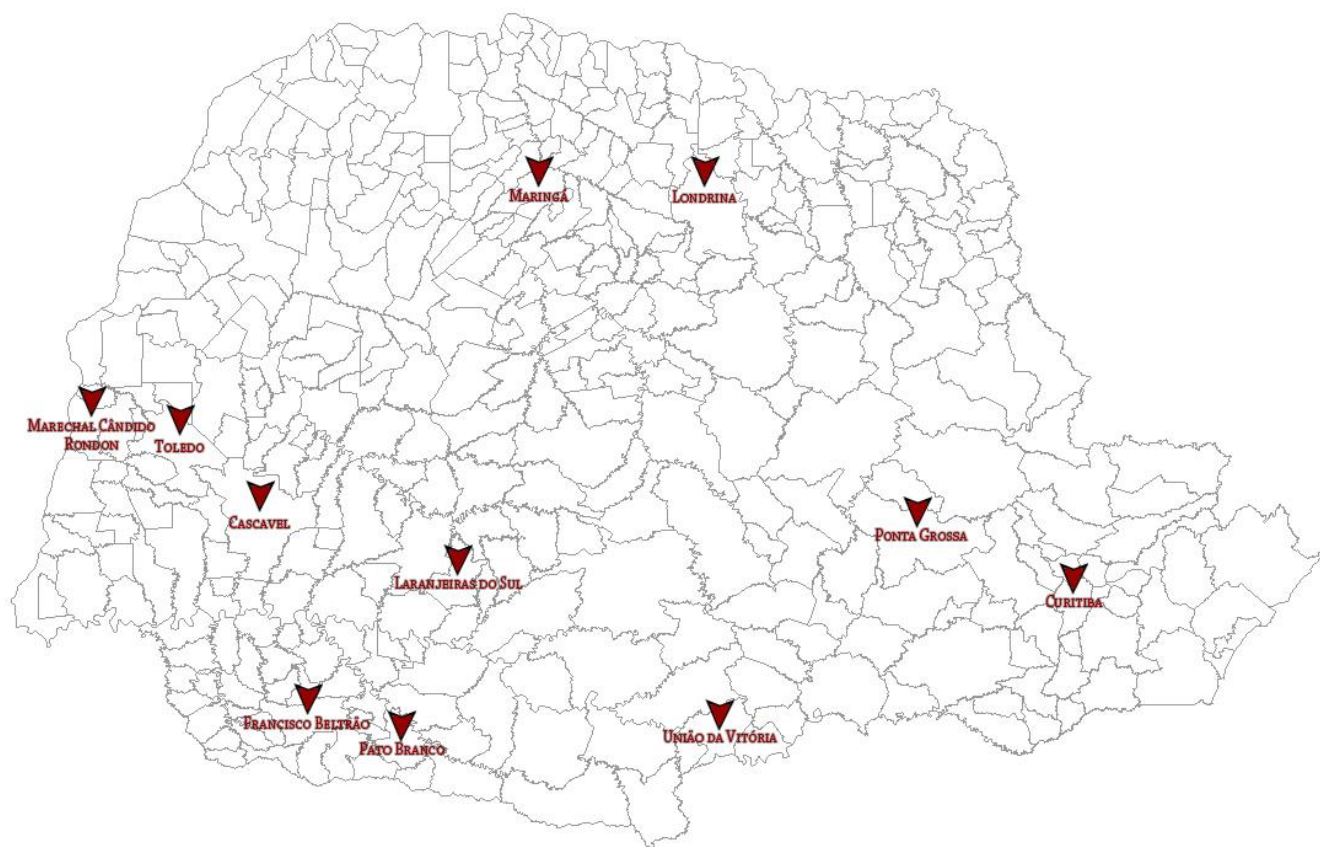


Figura 1 – Mapa com a localização das cidades-sede dos jornais analisados.

As cidades selecionadas têm características diferentes entre si, tanto de desenvolvimento atual quanto de formação histórica. Esses dados de povoamento e o contexto em que surgiram tais cidades podem influenciar na percepção que estas têm da cultura gaúcha e também na apropriação que é feita dessa identidade. Como é explicitado no Capítulo 5 desta dissertação, a formação do Paraná passou por fases bastante marcadas, tanto pelo período de tempo em que aconteceram quanto pelas singularidades de contexto e de colonização.

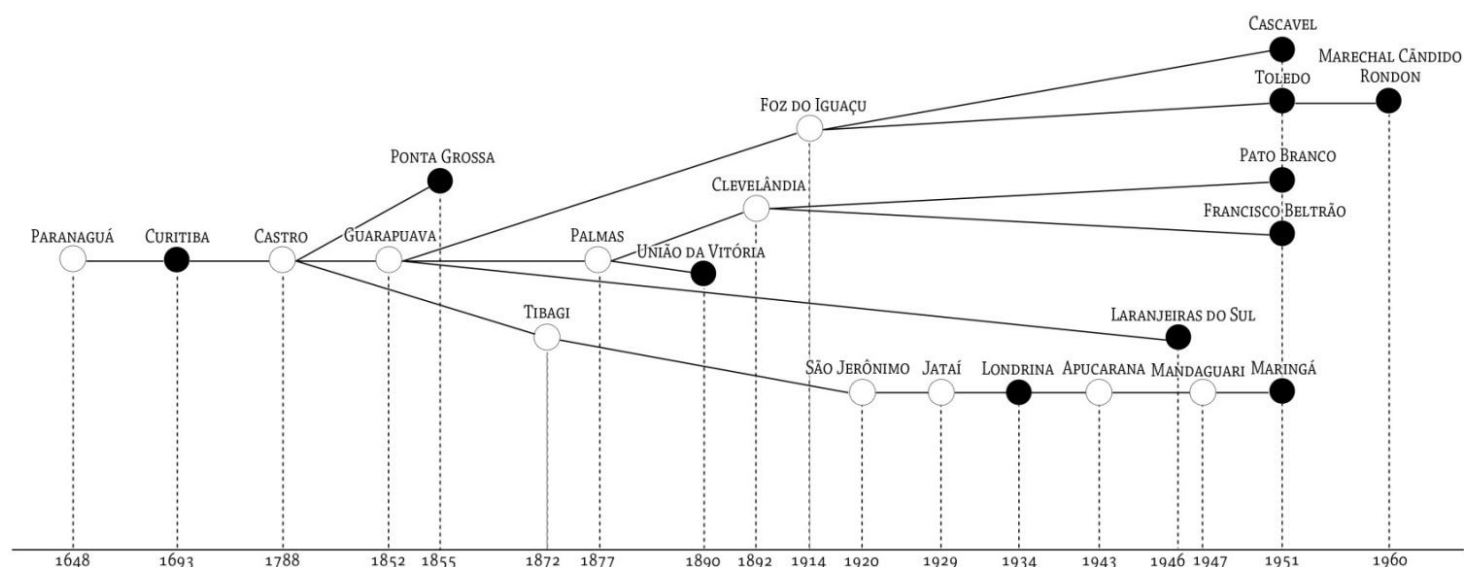


Figura 2 – Linha do tempo dos desmembramentos dos municípios selecionados na amostragem (em preto).

Elaborado pela autora, com informações de Ferreira (1996).

Outro aspecto a ser considerado é o desenvolvimento atual dessas cidades. Cidades mais povoadas e modernas, como é o caso de Curitiba, Londrina, Maringá e Ponta Grossa, teriam uma maior pluralidade de identidades em convivência e concorrendo por espaço nos jornais, o que poderia fazer com que a cultura gaúcha tenha um espaço reduzido nos diários.

JORNAL	CIDADE	POPULAÇÃO (aprox.)	TIRAGEM (exemplares/dia)
<i>Gazeta do Povo</i>	Curitiba	1 879 300	40 000
<i>Folha de Londrina</i>	Londrina	548 200	30 000
<i>O Paraná</i>	Cascavel	312 700	18 000
<i>O Diário do Norte do Paraná</i>	Maringá	397 400	17 000
<i>Diário do Sudoeste</i>	Pato Branco	79 000	12 000
<i>Diário dos Campos</i>	Ponta Grossa	337 900	11 000
<i>Jornal do Oeste</i>	Toledo	132 000	8 000
<i>O Presente</i>	Marechal Cândido Rondon	50 800	7 000
<i>Jornal de Beltrão</i>	Francisco Beltrão	86 500	6 000
<i>Correio do Povo</i>	Laranjeiras do Sul	32 100	5 000
<i>O Comércio</i>	União da Vitória	56 300	2 500

Tabela 1 – Tiragem e localização dos jornais selecionados para análise

1.1.1. LARANJEIRAS DO SUL: O CORREIO DO POVO DO PARANÁ

A cidade de Laranjeiras do Sul deriva da Colônia Militar Marechal Mallet, de 1898, que serviu como núcleo de povoamento na fronteira brasileira, em contraponto à Colônia Iguaçu, mais a Oeste, que era parcialmente dominada pelos espanhóis. Em 1943 Laranjeiras passou a ser denominada Iguaçu e foi capital do Território do Iguaçu, estado brasileiro que foi extinto em 1946, data em que o município passou a se chamar Laranjeiras do Sul. De acordo com a estimativa do IBGE (2015) para 2015, tem cerca de 32 100 habitantes.

O *Correio do Povo*, jornal diário em formato tablóide, foi fundado em 21 de setembro de 1991 e tem uma tiragem de cerca de 5.000 exemplares.

1.1.2. PONTA GROSSA: O DIÁRIO DOS CAMPOS

Ponta Grossa surge de um pouso de tropas em 1800, elevado à Freguesia de Estrêla em 1823 e oficializada como município em 1855. Ferreira (1996, p. 536) diz que no ano de 1871 o nome mudou para Pitangui, mas voltou a se chamar Ponta Grossa no ano seguinte. O maior período de progresso econômico da cidade se deu no final do século XIX e início do século XX, com a instauração na cidade de vários entroncamentos ferroviários. Ferreira (p. 537) aponta ainda que a cidade ficou conhecida como a “Capital Cívica do Paraná”, por ser berço de grandes nomes da política paranaense. Atualmente, segundo o IBGE (2015), a população pontagrossense é de cerca de 337 900 habitantes.

O *Diário dos Campos* foi fundado em 27 de abril de 1907, em Ponta Grossa. Tem uma tiragem de cerca de 11.000 exemplares por dia, em formato standart.

1.1.3. PATO BRANCO: O DIÁRIO DO SUDOESTE

A cidade que é hoje Pato Branco surge da Colônia Bom Retiro, povoação que surgiu em 1918, e teve posteriormente outros dois nomes: Vila Nova e Pato Branco. Foi densamente povoada, segundo Ferreira (1996, p. 508), por migrantes riograndenses na

década de 1930 e foi oficializada como município em 1951. O IBGE (2015) estima uma população atual de 79 000 habitantes.

O *Diário do Sudoeste* pertence ao Grupo Diário, do qual também fazia parte até 2014 o Diário de Guarapuava, e circula cerca de 12.000 exemplares por dia em Pato Branco e região. Foi fundado em 1986 e tem o formato tablóide.

1.1.4. LONDRINA: A FOLHA DE LONDRINA

Em 1934, um núcleo de povoamento no Norte do Paraná, denominado Patrimônio Três Bocas, tornou-se Londrina, cidade idealizada pela Companhia de Terras Norte do Paraná e viabilizada pela construção de ferrovias que cortam a região, como aponta Ferreira (1996, p. 404). Segunda maior cidade do Paraná, hoje Londrina tem cerca de 548 200 habitantes (IBGE, 2015).

Com uma tiragem de 30.000 exemplares por dia, em formato standart, a *Folha de Londrina* tem a segunda maior circulação do Paraná (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2013). Foi fundada em 13 de novembro de 1948 e se mantém em circulação ininterrupta desde então, atingindo diversos municípios do estado.

1.1.5. CURITIBA: A GAZETA DO POVO

Curitiba é a capital do estado do Paraná, originada de uma povoação chamada Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, fundada em 1661 (FERREIRA, 1996, p.261). Segundo o IBGE (2015), tem em 2015 uma população estimada de cerca de 1 879 300 habitantes, mas, se considerada sua Região Metropolitana, com 28 municípios, são abrangidos cerca de 3 502 800 habitantes.

A *Gazeta do Povo* é, hoje, o jornal diário de maior circulação no Paraná, com cerca de 40.000 exemplares por dia, segundo avaliação da Associação Nacional de Jornais (2013). Pertence ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom), assim como os jornais diários Jornal de Londrina e Tribuna do Paraná, além do portal de notícias Paraná Online, as rádios 98FM, Mundo Livre FM e Cultura FM de Maringá, a unidade móvel de alta

definição HDView, a RPC TV e suas oito emissoras afiliadas à Rede Globo. Seu primeiro exemplar circulou em 3 de fevereiro de 1919 (NOVENTA..., 2009), o que o faz o jornal mais antigo em circulação ininterrupta no estado. No período coletado, a *Gazeta* circulava em formato standart.

1.1.6. FRANCISCO BELTRÃO: O JORNAL DE BELTRÃO

A região onde hoje é a cidade de Francisco Beltrão começou a ser povoada em 1922, mas essa colonização se efetivou na década de 1940, com a criação da CANGO – Colônia Nacional General Osório. Ferreira (1996, p. 299) afirma que o povoado, que até então se chamava Marrecas, teve posteriormente as denominações de Santa Rosa e Francisco Beltrão. O município foi criado oficialmente em 1951 e o IBGE (2015) estima que, em 2015, a população beltronense seja de cerca de 86 500 habitantes.

Já o *Jornal de Beltrão* teve fundação em 1º de maio de 1989, com circulação em Francisco Beltrão e arredores e tiragem de 6.000 exemplares diários em formato tablóide.

1.1.7. TOLEDO: O JORNAL DO OESTE

A principal cidade fundada no território da Fazenda Britânia, que compreendia as terras da Companhia Colonizadora MARIPÁ, foi Toledo, tornada município em 1951. A população estimada pelo IBGE em 2015 é de 132 000 habitantes.

O *Jornal do Oeste*, em formato standart e uma tiragem de aproximadamente 8.000 exemplares/dia, foi fundado em 1984 e circula em Toledo e região.

1.1.8. UNIÃO DA VITÓRIA: O COMÉRCIO

Segundo Ferreira (1996,p. 700), em 1769 uma expedição exploradora portuguesa funda o Entreposto de Nossa Senhora da Vitória às margens do Rio Iguaçu, depois nomeado Porto União da Vitória, que se tornou município em 1890, desmembrado

em Porto União (Santa Catarina) e União da Vitória (Paraná) em 1917. Tem cerca de 56 300 habitantes, conforme estimativa do IBGE (2015).

Pertencente ao Grupo Verde Vale de Comunicação, do qual também participam a Rádio Verde Vale FM e a rádio União AM, *O Comércio* é oriundo de União da Vitória, fundado em 1931, e circula também no norte catarinense, com uma tiragem de cerca de 2.500 exemplares em formato tablóide americano.

1.1.9. MARINGÁ: O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ

Maringá é uma cidade planejada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, e tornada município em 1951. Destaca-se, como aponta Ferreira (1996, p.430), pela alta qualidade de vida e áreas verdes planejadas. Em pouco tempo, se tornou a terceira maior cidade do estado, com cerca de 397 400 habitantes (IBGE, 2015).

O Diário do Norte do Paraná, de Maringá, foi fundado em 29 de junho de 1974 e tem circulação diária de cerca de 17.000 exemplares em formato standart.

1.1.10. CASCAVEL: O PARANÁ

Surgida de um pouso de viajantes entre Guarapuava e Foz do Iguaçu, onde haviam colônias militares no século XIX, Cascavel foi oficialmente fundada em 1930, como assinala Ferreira (1996, p.223). Já teve os nomes de Encruzilhada, Aparecida dos Portos, Guairacá e, desde 1951, data em que o povoado se tornou município, é nomeada Cascavel. Atualmente, segundo o IBGE (2015), possui cerca de 312 700 habitantes.

O Paraná é editado em Cascavel desde 15 de maio de 1976 e pertence ao Grupo RCK Comunicações, colocando em circulação por dia 18.000 jornais em formato tablóide.

1.1.11. MARECHAL CÂNDIDO RONDON: O PRESENTE

A ocupação de Marechal Cândido Rondon está ligada à empresa colonizadora Maripá. Apesar de o núcleo colonial existir desde 1950, o município só foi desmembrado em 1961. Segundo estimativas do IBGE (2015), aproximadamente 50 800 habitantes residem neste município.

Em Marechal Cândido Rondon, *O Presente* circula em formato tablóide, com aproximadamente 7.000 exemplares/dia.

É por conta das particularidades, tanto regionais quanto do modo de fazer jornalístico, que se torna necessária a aplicação da metodologia baseada em conceitos jornalísticos ao invés de métodos e técnicas importados de outros campos. A adaptação da metodologia ao objeto possibilita entender de forma mais abrangente como tais particularidades compõem a cobertura jornalística da cultura.

Os jornais selecionados para análise constituem uma amostra significativa do que é, hoje, o jornalismo diário no Paraná. Em especial, vários destes veículos fazem o que se chama de Jornalismo Regional ou Local, já que têm uma relação bastante peculiar de proximidade com os leitores e baseiam seus critérios de noticiabilidade nos laços de vizinhança ou familiaridade.

CAPÍTULO 2 – JORNALISMO LOCAL E REGIONAL

2.1. GLOBALIZAÇÃO E A RECONFIGURAÇÃO DO REGIONAL

A partir de processos de complexificação e integração crescentes e de velocidade cada vez maior, o mundo contemporâneo foi tomado pelo fenômeno da *globalização*, que “assinala a emergência da sociedade global, como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória” (IANNI, 1999, p. 11).

Diversos autores conceituaram globalização, como Giddens (1991, p.69), que aponta a globalização como os processos atuantes em escala global que atravessam as fronteiras nacionais, integram e conectam comunidades em novas combinações de espaço e tempo. Esses processos tornam o mundo mais interconectado, tanto em realidade como em experiência. “A globalização pode ser então definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”, explica Giddens (1991, p. 69). Dessa forma, esses processos propiciariam, conforme Beck (1999, p.30), uma interferência de atores transnacionais sobre a soberania dos Estados Nacionais, sua identidade, redes de comunicação, chances de poder e orientações.

Mesmo com uma ilusão de hegemonia e consenso pela generalização e cobertura ampla da chamada sociedade global, não há uma relação harmônica entre processos globais e sociedades locais. “A globalização, além de não impor uma lógica de reação estéril, não é um progresso consensual, ainda que se sustente pela ilusão desse consenso. É um vasto campo de conflitos entre grupos sociais, interesses hegemônicos, centralidade, periferia, etc”, diz Beltrame (2005, p.58).

O processo de formação de uma sociedade global vem de séculos de mudanças tecnológicas que permitiram ao mundo ser interconectado. No entanto, Ortiz (2003, p. 56) aponta que é apenas durante o século XX, mais especificamente após a Segunda Guerra Mundial, que esse processo se realiza plenamente.

Ao mesmo tempo em que o mundo contemporâneo interconecta as diferentes partes do globo, ele também desencadeia um processo de reforço das regiões e do “local” como forma de diferenciação e sobrevivência. Franco (2003, p.11) assinala que a mudança social em curso no mundo, na base do processo de globalização, tem um duplo sentido. “Um sentido “macro”, que incide na dimensão planetária, e um sentido “micro”, que incide na dimensão local” (FRANCO, 2003, p.11).

É a duplicidade de sentidos da globalização a ideia central de Franco (2003, 104), quando ressignifica e se apropria do termo “glocalização” para tratar desse conceito de que a globalização é simultaneamente uma mundialização do local e uma localização do mundo. “A mudança social que está em curso no mundo tem um duplo sentido: altera relações na dimensão global e na dimensão local” (FRANCO, 2003, p.173). Assim, glocalização, para o autor,

é o nome de uma mudança social que está ocorrendo em virtude da conjunção de vários fatores interdependentes: novo ambiente político mundial, inovação tecnológica, nova cultura correspondente a uma sociedade cosmopolita global, nova morfologia da sociedade-rede e novos processos democrático-participativos ensaiados sobretudo em âmbito local (FRANCO, 2003, p.246)

A volta ao local em uma época em que há uma crescente cultura global se afirma como uma alternativa de indução ao desenvolvimento, com a promessa de transformar relações políticas e sociais de dominação, explica Franco (2003, p.23). Ele ressalta ainda (2005, p.22), que a reafirmação de uma sociedade local não se dá com intenção de isolamento, mas sim para configurar um certo grau de estabilidade e sobrevivência social.

Mas o que caracterizaria, então, a delimitação de regiões, de localizações? Haesbaert observa que “regionalizar num mundo em globalização é uma tarefa duplamente difícil: como se pode dividir o que em tese está em crescente processo de integração? Como se pode distinguir espaços num mundo que se diz em processo de homogeneização?” (HAESBAERT, 1999, p.20).

Franco (2003, p. 210) defende que o que caracteriza um local é, fundamentalmente, a sua identidade ou maneira de ser. Essa identidade, para Brum Netto e Bezzi (2009, p.20), se caracteriza pelos códigos que permeiam cada grupo social e sua manifestação no espaço.

Entretanto, essa manifestação não necessariamente obedece aos limites político-administrativos em suas diferentes escalas. Pois, a definição ocorre através do estabelecimento da “fronteira” responsável pela delimitação do recorte espacial, ou seja, o limite que separa sua manifestação simbólica da porção do espaço onde essa manifestação não se materializa. Por isso, destaca-se que, nem sempre o estabelecimento desses limites é claro e segue os limites político-administrativos, pois depende do movimento dos povos no espaço (BRUM NETO; BEZZI, 2009, p. 20).

As regiões do mundo são configuradas a partir de recortes da visão do globo, a partir de indicadores físicos ou geográficos, pela ocupação do território ou pelas crenças e culturas, estabelecidas na diferenciação e na semelhança com regiões vizinhas. “Hoje, mais do que nunca, [a região] é resultado de interdependências e de uma oposição dialética entre uma ordem global e uma ordem local, com a mediação tantas vezes sem defesa da formação socioespacial” (SILVEIRA, 2010, p.77).

Quando se fala do conceito de região, situa Brito (2010, p.86), é necessário se compreender não só a produção e circulação de coisas em seu espaço, mas também a criação de resistências, desejos e vontades na população ligada a esse local, específicas de cada lugar, mas que também podem conectar-se a outros lugares. Assim, a região está ligada ao mundo, não só pelo processo produtivo, mas também pelos processos de reprodução social. “A região produziria e criaria suas especificidades conforme suas particularidades históricas e culturais” (BRITO, 2010, p.86).

2.2. JORNALISMO REGIONAL

“A regionalização ocupa um lugar de destaque na mídia globalizada”, indica Lima (2008, p.66). Essa afirmação parte da ideia de que, com o fortalecimento da dimensão local em tempos de globalização, a sociedade da informação acaba por descentralizar e fragmentar as audiências. “A conseguinte desmassificação dos meios de

comunicação e a revalorização do direito à diferença propiciam a potência dos meios locais, contraponto, e, inclusive, o declínio dos nacionais” (LIMA, 2008, p.49).

Como aponta Haesbaert (1999, p.16), a mídia é parte essencial desse movimento de revalorização do regional, na medida em que a relevância desta questão não está ligada apenas à realidade concreta, que mostra uma nova força das singularidades, um revigorar dos localismos e regionalismos e das desigualdades espaciais, mas também à ação dos meios de comunicação na construção de sentidos.

Peruzzo (2005, p.69) observa que “mídia local denota uma comunicação baseada em informação de proximidade”. Essa é a principal característica das mídias regionais e locais: a delimitação territorial. Informação local, para Lima (2008, p.47), é aquela que narra fatos cujos interesses estão limitados a um território geográfico, ou seja, sua difusão é motivada pela proximidade. “É a proximidade que permite ao jornalismo perceber os contextos que determinam os valores-notícia, e, a partir daí, organizar os restantes elementos valorativos, como a novidade, a atualidade, a relevância, a consonância, o desvio e a negatividade” (LIMA, 2008, p.64).

O conceito de proximidade, delimita Peruzzo (2005, p.76), pode ser explorado a partir de perspectivas diversas, mas no caso da mídia local e regional se refere aos laços de familiaridade e singularidade com uma determinada região e território. Assim também caracteriza Sousa (2004, p.86), no sentido de que há uma relação de vizinhança entre os membros dessa comunidade.

A comunicação social regional e local tem sempre por referente um território, um espaço físico, uma área geográfica. É aquela que se vincula à realidade regional e local, à vida quotidiana da comunidade onde se insere, à vida comercial dessa comunidade, à dinamização sócio-cultural comunitária. [...] pode-se dizer que a comunicação social local e regional é aquela que se estabelece numa comunidade de vizinhos, através de meios de comunicação que lhe são próximos (SOUSA, 2004, p.86).

As características que definem a imprensa regional são, segundo Sousa (2004, p.86), a sua forte territorialização, a territorialização dos seus públicos, a proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço, o conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local. “A imprensa constrói-se nesse compromisso com a região e com as pessoas que a habitam” (SOUSA, 2004, p. 86).

O surgimento da imprensa regional e local está ligado a uma limitação tecnológica. Peruzzo (2005, p.69) assinala que a mídia local existe desde que surgiram os meios de comunicação de massa, já que historicamente o jornal, o rádio e a televisão, ao nascer, atingem apenas um raio de abrangência local ou regional. A autora aponta ainda que alguns destes meios de comunicação desenvolveram seu potencial de alcance nacional ou internacional, outros permanecem locais. Com as possibilidades de melhoras tecnológicas, muitos desses meios regionais aumentam seu alcance, mas mantêm um conteúdo voltado à comunidade a que pertencem.

Há também uma possibilidade de cidadania inerente à mídia regional. Como ressalta Ribeiro (2004, p.4), “o jornal regional ou local pode ser uma alternativa à problemática do cidadão não-atuante no debate público”. Justamente pelo critério de proximidade, e sua proximidade com o público, esses meios têm a possibilidade de abordar questões locais de interesse da comunidade, além de dar voz aos leitores, que podem fazer reivindicações, questionar e discutir problemas relevantes ao seu dia-a-dia.

Por estar próximo do cidadão, é um meio facilitador de cidadania, uma vez que, ao tratar de temas diretamente relacionados com o público, permite que a população participe do desenvolvimento local: reclamar dos direitos políticos e administrativos, fiscalizando o poder público (RIBEIRO, 2004, p.5).

Embora ainda exista uma percepção de que o jornalismo regional e local é feito de maneira artesanal, as empresas de jornalismo regional devem, para Lima (2008, p.45), ter uma estrutura adequada para competir no mercado atual. Mesmo que a circulação seja local, o tensionamento com a tendência de globalização faz com que seja necessária uma atualização e preparo para garantir a sobrevivência das empresas.

Enquanto a globalização avança, com suas possibilidades de integração, mas também o sufocamento de culturas, é desse jornalismo com público altamente específico, que trabalha com referenciais de apego territorial, um dos principais papéis de manutenção das identidades regionais.

CAPÍTULO 3 – IDENTIDADE CULTURAL, TRADIÇÃO E REPRESENTAÇÕES

É preciso considerar, nos estudos sobre identidade e culturas regionais, o debate sobre a influência da globalização sobre as identidades e identificações. Enquanto que, por um lado, os processos de formação de uma sociedade global são padronizadores e ultrapassam barreiras geográficas e políticas, por outro lado também há um movimento contrário, que dá força às culturas locais e regionais. Felippi identifica esse processo como um deslocamento identitário. “De um lado, vê-se o avanço de uma cultura global, padronizando produtos, gostos, formas de pensar e a formação de uma identidade em nível planetário; de outro, uma reconstrução das culturas e identidades regionais, como movimentos fortes pela defesa do direito de se representar”, explica Felippi (2009, p.35).

Quando fala sobre esse avanço da modernidade e definição de universalidades que tomam conta do mundo globalizado, Ortiz (2003, p. 52) destaca que as civilizações antigas operavam com um número reduzido de símbolos-chaves, que abarcavam o domínio da realidade alcançada. Portanto, o que estava fora de suas fronteiras (físicas e mentais) não fazia parte do mundo. Quando se expande a modernidade-mundo, se desfaz essa especificidade dos universos culturais. “As tradições locais já não mais serão a fonte privilegiada de legitimidade. Elas irão traduzir, resignificar os novos valores. Mas o movimento que as definia agora lhes escapa”, afirma Ortiz (2003, p. 52-53).

Por outro lado, Hall (1999) indica que a globalização acaba por explorar a diferenciação local, gerando novas articulações entre 'global' e 'local', por meio da especialização flexível e da estratégia de criação de nichos de mercado.

Se a cultura é um dos nossos referenciais de pertinência a um grupo social, um dos efeitos colaterais da globalização não seria a perda desse referencial, ou pelo menos de sua perda relativa, o que significa a impossibilidade de viver esse

referencial em sua integridade? A cultura de cada povo apresenta os elementos pelos quais ele se adapta e reage a seu tempo, desfrutando – este tempo de forma apegada ao seu local, e, pelas diferenças intrínsecas a cada grupo, interessa aos estudiosos a forma individualizada que este povo responde aos estímulos exteriores. O processo de globalização, por sua vez, minimiza a originalidade e a espontaneidade desta troca. (BELTRAME, 2005, p.58).

Como diz Robertson (1999, p. 139), em um mundo cada vez mais comprimido, em que as culturas regionais estão progressivamente mais sujeitas a pressões internas e externas, à multiculturalidade e polietnicidade, as condições para a identificação de seres individuais e coletivos estão se tornando mais complexas. Dessa forma, a identidade cultural se torna indispensável para a manutenção de um grupo social e também para o entendimento da produção do espaço local e regional em seus respectivos níveis de desenvolvimento. “Em um mundo globalizado, a cultura tem se constituído no diferencial, que resulta em atrativo socioeconômico e possibilita, muitas vezes, uma perspectiva de desenvolvimento” (BRUM NETO; BEZZI, 2009, p. 20).

A tendência gerada com a globalização é a reivindicação de identidades nacionais, regionais e local, em contraponto à tendência de homogeneização global. Brum Neto e Bezzi (2009, p. 21) assinalam que a região cultural, hoje, afirma sua identidade mediante a valorização dos códigos culturais e o resgate do passado, como forma de manter a originalidade com base nas heranças culturais. “Na tentativa de afirmar-se frente ao todo aparentemente uniformizador, valores locais passam a ser usados como elementos de resistência à massificação, promovendo a revisão de antigas identidades”, explica Pommer(2009, p. 18).

Pode-se dizer, então, que, a globalização desencadeou um movimento de reconhecimento identitário, que representa uma releitura cultural, onde os grupos sociais se reafirmam mediante laços simbólicos com os seus semelhantes e com o espaço em que vivem. Os membros de um mesmo grupo cultural tendem a seguir um sistema simbólico de crenças e valores que guiam suas atitudes, como uma espécie de “código de conduta” subjetivo e interno à legislação do Estado. Todo esse sistema simbólico se materializa no espaço, tornando-o distinto dos demais, originando a identidade do grupo cultural, através de traços típicos inerentes a determinada cultura (BRUM NETO; BEZZI, 2009, p. 23).

Hall (1999, p. 12) salienta que, nas sociedades globalizadas, o sujeito, que antes tinha uma identidade unificada e estável, se torna fragmentado, composto por várias identidades, por vezes contraditórias ou não-resolvidas. Como a globalização aumenta o grau de interação entre os indivíduos, se forma um maior número de identidades coletivas, o que significa um aumento na efemeridade dos processos identitários. Nesse

sentido, Machado, Ide e Zago (2009, p.31), assinalam que o ritmo em que os processos de identificação acontecem em um determinado contexto social depende do número que identidades coletivas existentes, que, por sua vez, depende do grau de interação entre os atores sociais.

Da mesma forma, Haesbaert (1997, p. 44) caracteriza que a modernização permite a ativação concomitante de identidades múltiplas, determinadas pelos variados territórios de que participa o indivíduo. “Como a identidade territorial é entremeada por várias outras, e seu conteúdo simbólico pode às vezes mudar rapidamente no tempo, a identidade social nunca pode ser vista como unitária e monolítica.” (HAESBAERT, 1997, p.44).

Identidade, para Castells (1999, p. 22), é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado. É uma consciência de pertencimento a determinada cultura, de forma temporária ou permanente. “A identidade cultural é a consciência coletiva do pertencimento a uma cultura, uma espécie de reconhecimento dos processos socioculturais em curso, onde os meios de comunicação podem desempenhar uma função referencial, na medida em que refletem e/ou refratam a(s) imagem(ns) do coletivo em questão” (HINERASKY, 2009, p.152).

Logo, identidades são referenciais de apego, de pertença temporária às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem de forma abstrata, sem existência real, a partir de diferenças inventadas ou não, as quais necessitam ser moldadas na vivência cotidiana das mais diversas comunidades. Estas, na medida em que dão visibilidade às identidades, estruturam-nas, mantêm-nas e/ou ressignificam-nas através de tradições identitárias. As tradições, inventadas ou não, se estruturam a partir de referenciais do passado. O próprio passado também pode ser inventado para ser aceito como o vivido de um determinado grupo social (POMMER, 2009, p. 18).

Segundo Zadinello (2015, p. 205), a cultura é o que gera os vínculos identitários de um povo, com base em características e elementos de sua história (passado) e de seu contexto social (presente). “A cultura de um povo é composta por fundamentos que provém da sua formação histórica, social e econômica que, somados e expostos à ação do tempo forjam o que chamamos de identidade de um povo.” (ZADINELLO, 2015, p.205).

Como a identidade é definida historicamente, e não biologicamente (HALL, 1999, p. 13), o sujeito assume identidades diferentes em cada momento, identidades que não precisam ser unificadas em torno de um 'eu' coerente. Burke aponta que não há uma fronteira cultural nítida entre grupos e sim um *continuum* cultural: “O que geralmente acontece é que as pessoas vivem uma vida dupla no sentido japonês da expressão, ou seja, na cultura anfitriã durante o horário de trabalho e em sua cultura tradicional nas horas de lazer”(2003, p. 90).

As identidades, conforme Ortiz (1994, p. 7), são definidas em relação a algo que lhes é exterior, portanto, são baseadas na diferenciação. Castells (1999, p. 23) sinaliza que a construção das identidades utiliza a matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso, processada pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. A construção das identidades está, portanto, relacionada a um contexto social, sendo que seus personagens, atores, processos e resultados não podem ser dissociados desse contexto. “Desse modo, no que tange ao conceito *identidade*, a questão do sentir-se pertencente a grupos ou a Nações dependeria da integração em um determinado sistema cultural e simbólico” (GONÇALVES, 2008, p. 6).

Necchi (2009, p.14) frisa que há duas vertentes nos estudos sobre a questão identitária: essencialismo e construção social. O essencialismo considera a identidade como algo inerente a um grupo ou comunidade, sendo, assim, estática, compondo um núcleo essencial que estabelece as diferenças entre um grupo e outro. A outra vertente, não-essencialismo ou construção social, entende a identidade como decorrente de um processo, um produto social nunca finalizado porque se reconstitui permanentemente. Nesta pesquisa, se trabalha com a vertente não essencialista, na busca por compreender as identidades culturais como processos de construção, nos quais o jornalismo atua de forma mais permanente nas sociedades pós-modernas e globalizadas.

Quando se fala de identidade, fala-se de identidade de alguém ou de algum grupo específico, de algo construído com base em relações sociais históricas e específicas, em referências mais sólidas que o consumo de mercadorias materiais e simbólicas, e não de uma simples demonstração de preferências pessoais. Não se pode confundir as identificações provisórias ou casuais (aquelas relacionadas ao consumo, ao compartilhar de forma isolada o mesmo espaço físico e a certas

preferências mercadológicas) com o conceito de identidades num sentido mais rigoroso (MENDONÇA, 2000, p.3).

“O consumo é governado por representações coletivas, emoções codificadas, sentimentos obrigatórios, sistemas de pensamento e pela ordem cultural que o inventa, permite e sustenta” (ROCHA; BARROS, 2003, p. 183). Dessa forma, o consumo gera identificações, mas não pode ser apreendido como instância única formadora de identidades, pois tais identificações são efêmeras: acontecem de forma instantânea, geram coletividades, mas não chegam a gerar mudanças na visão de mundo e nos valores culturais dos sujeitos.

A diferenciação do processo identitário de processos de identificação tem ainda maior importância quando se fala da forma como o processo identitário é o que torna problemática a cultura e, no final das contas, a transforma, como observa Agier: “O caminho que vai da cultura à identidade, e vice-versa, não é único, nem transparente e tampouco natural. Ele é social, complexo e contextual” (2001, p.13).

“Poder-se-ia dizer que a cultura é o conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração”, explica Câmara Cascudo (1983, p. 39). Um dos conceitos importantes para se falar da formação de culturas e identidades é a tradição. “A palavra tradição vem do latim: *traditio*. O verbo é *tradire*, e significa precipuamente entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração” (BORNHEIN, 1997, p. 18).

Assim, a tradição, transmitida de pais para filhos, é o conjunto dos valores de um grupo cultural, não somente de formas de conhecimento e opiniões, mas também do comportamento humano em sociedade. Cada comunidade busca manter esse conjunto de características, hábitos e costumes, sua *identidade*, como destaca Föetsch (2010, p. 23), para evitar a exposição e descaracterização de sua cultura.

Por meio da memória, se mantém as tradições. Bosi (1997, p. 53) assinala que a memória é o centro vivo da tradição, considerando-se que o trabalho produzido e acumulado através da história se mantém dessa forma. No entanto, a memória pode ser construída, conforme diz Maccari (1999, p. 16), ou pode ser imposta, sempre numa relação de disputas em defesa dos interesses de grupos sociais e/ou culturais.

A tradição seria, dessa forma, um modo de lidar com o tempo e espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, estruturados por práticas recorrentes. Segundo Giddens (1991, p.44), nas culturas tradicionais o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações.

No entanto, a tradição também não é estática, porque tem que ser reinventada a cada nova geração, conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes e ressignifica de acordo com o contexto social em que vive. “A consciência histórica é produzida dialeticamente no seio da comunidade que re-figura o passado, através da narração ao se expressar e se identificar com o mesmo, no sentido de se sentir *affecté-par-le-passé*” (BRUM, 2007, p. 231). O autordiz ainda que, embora se refiram a um processo coletivo de pertencimento, os sentimentos de orgulho ou de repulsa suscitados pela recepção do evento são individualmente concebidos no sentido de que o passado é peculiarizado pelo leitor.

Hobsbawn (1997, p. 9) usa o termo ‘tradição inventada’, relativo às práticas estabelecidas pelos grupos culturais com base no passado, mas de forma regulada pelos grupos. Segundo o autor, essas práticas, reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, visam inserir valores e normas de comportamento através da repetição, mantendo a continuidade com relação ao passado histórico. “A invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição” (HOBSEBAWN, 1997, p.12). Este termo inclui tanto as tradições que são realmente inventadas e institucionalizadas quanto as que surgem em um período limitado de tempo, mas se estabelecem com grande rapidez.

A análise do problema da cultura parte do reconhecimento de que não existe atividade humana desvinculada da construção de significados que passam a dar sentido à existência. Em sua vida social, os homens produzem formas de pensar essa vida e sua inserção nela. Analisar a cultura envolve a consideração do *produto* da atividade humana mas também do *processo* dessa produção, do modo como esse produto é socialmente elaborado (MACEDO, 1988, p. 35)

Como as relações identitárias resultam de processos e estão em constante transformação, as manifestações e práticas culturais teriam hoje significados diferentes que

tiveram no passado. “Os portadores de uma cultura tradicional estão sempre recriando essa cultura e seus elementos simbólicos”, afirma Dalmoro (2013, p. 85-86).

As identidades regionais, reforçadas pela globalização, têm por objetivo definir fronteiras e defender a existência de regiões ou comunidades. Bourdieu (2007, p. 116) define o discurso regionalista como um discurso performativo, que busca o reconhecimento de determinada região contra a definição dominante que a ignora. Esse discurso, portanto, traz em sua origem e seus fundamentos uma busca por legitimidade.

Logo, dizem Brum Neto e Bezzi (2009, p. 20), a cultura não tem limites rígidos, uma vez que esses dependem da coesão do grupo cultural. Caso contrário, existiriam 'ilhas culturais', com pouca expressividade espacial. O interior de uma região cultural é definido, assim, a partir de códigos específicos, particulares a cada cultura e, responsáveis pela construção de paisagens típicas, oriundas de uma mesma orientação cultural. “A região tem, então, uma identidade, que é responsável pela sua própria definição e, também, pela sua diferenciação dos demais contextos regionais que se formam ao seu entorno” (BRUM NETO; BEZZI, 2009, p. 20).

Dentre os atores sociais que têm papel fundamental na construção e na manutenção de identidades, tem lugar de destaque o jornalismo. A publicização das culturas faz com que se alimente o processo de redefinição identitário, de problematização da cultura e de identificação pessoal.

CAPÍTULO 4 – JORNALISMO E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES

Todo o tempo há uma variação na composição da cultura: não se trata de um objeto estático. Enquanto que alguns componentes tomam a frente, outros perdem espaço, numa constante construção e reconfiguração. Como não é intencional e, por isso, independe do planejamento dos atores sociais envolvidos, o processo de produção da cultura se dá em uma progressão histórica, ou seja, é uma contínua construção que não se dá necessariamente de forma inédita: ações e representações podem se repetir, sempre disputando espaço e legitimidade. E é nesse processo que a mídia tem um papel fundamental.

A cultura não pode, assim, ser compreendida como um universo hermético e pronto. É, antes, constituída pelas mais diversas formas de expressão de fatos, manifestações, atividades e valores culturais que ganham visibilidade e reconhecimento social (embora não exclusivamente) a partir da publicização dos respectivos produtos midiáticos (GADINI, 2009, p. 112).

A cidade, como local de encontro de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, origens regionais e redes de relações, como descreve Agier (2001, p.9), desenvolve os relacionamentos entre identidades, por vezes alterando ou modificando os referentes de pertencimento. Nesse processo, os meios de comunicação têm papel fundamental, “comprimindo espaço e tempo, aproximando as sociedades através dos fluxos de informação, promovendo um intercâmbio e uma mescla de culturas”, situa FELIPPI (2006, p.13).

É relativamente consensual se dizer que os meios de comunicação ajudam a construir e reforçar os debates relativos à cidadania e vida social, nos quais se inserem as expressões culturais. Essas expressões, na medida em que dialogam com o Jornalismo, ajudam a formar identidades e interferem na identificação do indivíduo por determinada cultura. Como o jornalismo se constitui de produções discursivas e não reproduções fiéis da realidade, todo elemento jornalístico é constituído por sentidos e representações.

Assim, a mídia deve assumir um papel efetivo na construção do campo cultural para que haja uma representação dessa cultura na mídia. Em especial no jornalismo impresso, o campo cultural se constrói e suas relações se configuram com base na imagem dessa cultura construída pelas notícias. “(...)Os modos como a cultura passa a ser ‘representada’ nos diários impressos são simultaneamente e diretamente ligados ao papel de ‘agente’ integrado e instituinte que a imprensa vai assumindo nos processos de construção cotidiana das relações que configuram o campo cultural” (GADINI, 2009, p. 128).

Trigueiro (2012, p.92) aponta que é necessário estudar a inserção da mídia na sociedade por meio da sua localização, entendida por ele como um conjunto de movimentos sociais em constante mudança, onde se dão os processos de mediações, dialéticos entre formas e conteúdos, e os seus resultados nos diferentes lugares das experiências de vida da sociedade contemporânea.

“A mídia, e nela o jornalismo, sempre teve papel na formação das identidades”, defende Felippi(2009, p.36), seja no século XVIII, na Europa, com os jornais como braço direito dos governos e de grupos de intelectuais na construção das identidades nacionais e do Estado-nação, seja no caso da televisão na América Latina na segunda metade do século XX. E com o processo de globalização e mundialização da cultura, a mídia ganha cada vez mais espaço na construção de identidades. Felippi indica que, com as atuais possibilidades técnicas de abrangência global, a mídia se transformou no grande motor das identidades, só que não mais somente ou hegemonicamente das nacionais, mas as identidades regionais, urbanas, étnicas, de gênero, entre outras tantas.

Ao fazer circular discursos e representações, a mídia dá visibilidade às diferentes culturas, possibilitando construir e reconstruir identidades. “Como as identidades são construídas culturalmente, a mídia desponta, em nosso tempo, como um lugar privilegiado de circulação de discursos, tornando-se fonte de referências identitárias”, ressaltamHennigeneGuareschi(2002, p.55).Nesse sentido, Colferai (2009, p.40) assinala que, dentre as práticas cotidianas do jornalismo, está a constituição de discursos sobre a realidade, por se tratar de uma atividade em que um dos principais objetivos é constituir representações.

Enquanto que, antes da revolução tecnológica que marcou a segunda metade do século XX e que deflagrou um processo acelerado de globalização, eram outros

os mecanismos prioritários de construção e transformação de identidades, “[...]atualmente, é, sobretudo, por meio do consumo da mídia que a identidade se constrói, destituindo do posto a literatura, o folclore, as artes na constituição dos signos de identificação no passado” (FELIPPI, 2008, p.56).

Embora o jornal impresso tenha assumido, desde sua popularização no final do século XIX, um papel importante nesse processo, é com a globalização que a mídia como um todo consegue se posicionar como a principal instituição na construção das identidades. “Os sistemas da mídia são canais vitais de expressão cultural, consumo e trocas de experiências diárias da globalização”, sinaliza Goldsmith(2005, p. 91).

Também há uma questão de mudança nas identidades prioritárias na sociedade: ao refletir a pluralidade de identidades, os meios de comunicação fazem com que a identidade nacional, até bem pouco tempo a mais importante identidade coletiva, como apontado por Hall (1999, p.73), dispute espaço com uma infinidade de identidades regionais e com uma insurgente identidade global, diminuindo conseqüentemente seu peso no universo discursivo. Ao fazer circular um multiculturalismo e alterar as referências de identidade, a mídia também desagrega as identidades nacionais.

É comum que o jornalismo se aproprie da cultura em sua agenda cotidiana, como indica Melo (2008, p.70), em especial a cultura popular, tanto a gerada pelos bolsões rurais, remanescentes no interior, quanto a recriada pelos núcleos imigrantes nas comunidades urbanas que se aglomeram nas periferias metropolitanas. O autor aponta ainda que o jornalismo se abastece continuamente da cultura popular, com a função de registrar indícios da sobrevivência de culturas tradicionais nas comunidades globalizadas. É nesse intuito que as manifestações populares são transformadas em notícia por terem um caráter inusitado, pitoresco ou mesmo sentimental, como salienta Melo (2008, p.24).

Ocorre uma apropriação das culturas regionais pela mídia, que as devolve ao público com nova roupagem, resultando também na mercantilização da etnia. Nesse movimento, novas identidades são forjadas, e a mídia pode homogeneizar ou fortalecer as culturas regionais e, portanto, criar novas identidades culturais. E como os meios de comunicação de massa são uma instituição das mais influentes na sociedade atual, seu papel na criação/recriação ou reforço de identidades é central (FELIPPI, 2006, p. 13)

Quando produz sentidos por meio de discursos e enunciados, a mídia influencia no modo de vida, no estatuto social e nas perspectivas culturais de quem a consome, aponta Machado *et al* (2013, p. 36). Por isso, os meios de comunicação investem

em estratégias de representação cultural para garantir que as audiências se sintam contempladas.

No Brasil, isso se dá de forma especialmente representativa. Gadini (2007, p. 100) afirma que a imprensa brasileira, por surgir ao mesmo tempo em que outras referências culturais, como bibliotecas, centros culturais e universidades, com a vinda da corte imperial para o país em 1808, já surge com presença ativa no cenário cultural.

No Paraná, a formação da identidade cultural está diretamente relacionada com o povoamento do Estado e as diferentes fases de colonização. A imprensa, em estágios progressivos de desenvolvimentos, atua de formas distintas em cada uma dessas fases.

CAPÍTULO 5 - PARANÁ: FORMAÇÃO E POVOAMENTO

O Paraná é um estado localizado na Região Sul do Brasil, com uma área de 199 307 km², divididos em 399 municípios, e uma população de aproximadamente 11 163 000 habitantes (IBGE, 2015). Emancipou-se da Província de São Paulo em 19 de dezembro de 1853, quando foi elevado à categoria de Província Autônoma do Império do Brasil.

O nome *Paraná* vem do guarani *para* (mar) e *anã* (parecido, semelhante), significando rio grande, rio semelhante ao mar. “É termo de origem geográfica e refere-se ao Rio Paraná, o maior curso d’água em território paranaense, que divisa o Estado do Paraná da República do Paraguai e do Estado do Mato Grosso do Sul”, explana Ferreira(2006, p.19).

O litoral do Paraná, por ser estreito, desempenha, segundo Maack (2012, p.136), o papel de uma zona de passagem ou porta para o oceano. Por isso, embora o povoamento português do estado se inicie por essa região, por muito tempo esse povoamento foi deficitário. O planalto, principal característica geográfica do interior do estado, apresenta condições geográficas mais favoráveis ao povoamento. “Portanto, geográfica e economicamente, o Paraná tem que ser considerado como um Estado de planalto ou de interior.” (IPARDES, 1976, p. 6).

Por ter sua atual configuração territorial concretizada através de um longo processo de conquista, exploração, ocupação e colonização, como aponta Camargo (2004, p.55), o Paraná figura como uma região multicultural. “Em verdade o Paraná é a terra de todas as gentes. Tornou-se uma região multicultural e multiracial, uma mistura de sangue e cultura, talvez única no mundo pela sua diversidade. Essa é uma de suas particularidades, talvez sua identidade”, caracteriza Lazier(2003, p. 89).

Zamariano (2006, p.55) lembra que os vestígios arqueológicos da presença humana no atual território paranaense são os sambaquis fluviais do vale do rio

Ribeira e as ferramentas das populações caçadoras coletoras do vale do rio Paraná, remontando a cerca de 8000 a.C.

Os indígenas nativos do Paraná pertenciam, em sua maioria, às etnias tupi-guarani e jês, como delineia Wachovicz: “os tupis predominavam no litoral e a noroeste do Estado. Foram estes índios os primeiros a entrar em contato com os portugueses. Do jês, destacam-se os caingangues e os xoklêngs (botocudos)” (2010, p.14)

Quanto à presença européia no Paraná, a expedição de Álvaro Nunez Cabeza de Vaca, que aporta na ilha de Florianópolis e atravessa o Paraná com destino a Asunción, Paraguai, deixa os primeiros relatos escritos das paisagens e das populações indígenas do Paraná. “A expedição de Cabeza de Vaca representa o primeiro reconhecimento, em grande estilo, do interior paranaense, e com ela ficou aberto o caminho aos europeus para o centro do continente” (MAACK, 2012, p. 75).

O *Paraná Espanhol*, primeira característica de povoamento das terras paranaenses, já que, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Espanha em 1494, esse território pertencia à Coroa Espanhola, com exceção de uma estreita faixa do litoral, como delimita Westphalen (2005, p.16). Segundo a autora, houve, logo após o descobrimento do Brasil, disputas entre as duas nações européias pela posse desse território, com a reivindicação de posse por parte dos espanhóis e a presença de portugueses na tentativa de adquirir o território por meio do sistema de Capitânicas Hereditárias.

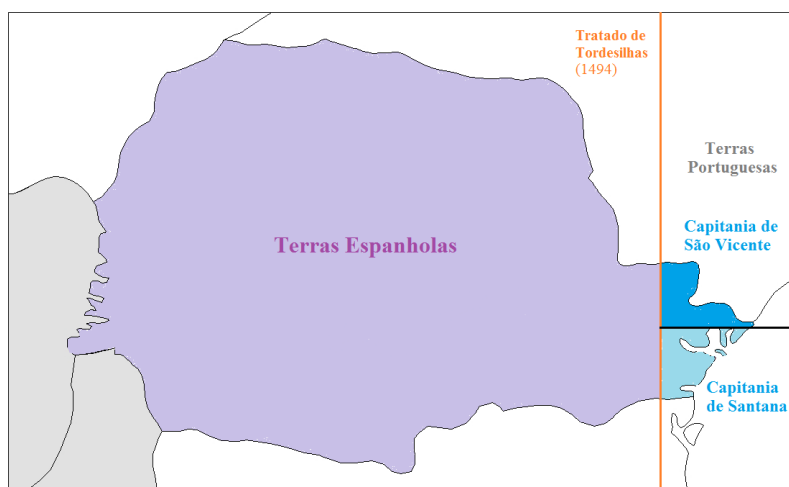


Figura 3 - Mapa da posse espanhola e portuguesa das terras paranaenses de acordo com o Tratado de Tordesilhas. Mapa da autora (2015). Informações: Wachovicz (2010, p.53).

Assim, preocupado em manter a posse destas terras, o governo da Espanha fundou algumas vilas no Paraná. Com o objetivo de impedir a penetração portuguesa na travessia do Peabiru, que era um caminho indígena que atravessava o continente, “em 1554, na margem oriental do rio Paraná, poucos quilômetros abaixo das antigas Sete Quedas (na região do atual município de Guaíra), fundou-se a Vila de Ontiveros” (ZAMARIANO, 2006, p.57).

Na região chamada pelos espanhóis de Guairá, se estabeleceram ‘*encomiendas*’, definidas por Zamariano (2006, p.57) como terras concedidas pela Coroa Espanhola com o objetivo de pacificar e catequizar os índios. Esse sistema de subordinação dos indígenas transformou-se, eventualmente, em regime de escravidão, o que gerou revoltas dos nativos no século XVI.

Segundo Ferreira (1996, p.15), com o fracasso, em um primeiro momento, das *encomiendas*, no século XVII a Companhia de Jesus recebe a permissão da Coroa instala treze reduções na região. “Nos vales às margens dos rios Tibagi, Ivaí, Piquiri, Paranapanema e Iguaçu, apesar da forte oposição dos habitantes das províncias, efetivou-se o trabalho dos missionários da Companhia de Jesus” (ZAMARIANO, 2006, p. 57).

Com as bandeiras paulistas, inicia o processo de expulsão dos jesuítas do Paraná e escravização de grande parte dos indígenas. Como aponta Rodrigues (2007, p. 61), os bandeirantes tiveram papel fundamental na abertura dos caminhos para o interior brasileiro, permitindo a conquista de diversas regiões. No entanto, foram eles que ajudaram a exterminar os indígenas, com um papel fundamental na ‘guerra’ entre os jesuítas e os colonizadores europeus (portugueses e espanhóis).

Apenas os índios aldeados pelos jesuítas constituíam numerosa população, que atingia a casa dos 100 mil. Deste total, a bandeira de Raposo Tavares foi responsável pela morte de 15 mil e a captura de 60 mil, todos vendidos em São Paulo e capitais do norte. E tal foi a oferta que o preço de 100\$000 por peça, corrente no mercado da época, decaiu para 20\$000, tendo o eficientíssimo trabalho deste bandeirante se mostrado suficiente para, em apenas alguns meses, elevar a oferta a nível muito superior à procura e ocasionar uma redução de oitenta por cento no valor da ‘peça’, conforme era denominado na época o homem americano (FERREIRA, 1996, p.20).

A partir daí, com a expansão do domínio português do território do Paraná, “convencionou-se, entre historiadores, geógrafos e topógrafos, dividir o estado do Paraná em três áreas histórico-culturais ligadas ao seu processo de ocupação e

povoamento” (ZAMARIANO, 2006, p. 59). Essas áreas seriam o Paraná Tradicional, o Norte e o Oeste.

Assim, a história do Paraná é assinalada pela formação de três comunidades regionais: a do *Paraná Tradicional*, que se esboçou no século XVII, com o apresamento de índios e a mineração do ouro, e estruturou-se no século XVIII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e no comércio do gado e, mais tarde, nas atividades extrativas da erva-mate e da madeira; e as do *Paraná Moderno*, a do Norte com a agricultura do café que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais diretamente ligada a São Paulo, e a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suíno e plantadores de cereais que, pela origem e interesses históricos, ficou a princípio mais ligado ao Rio Grande do Sul. Cada uma delas criou o seu próprio tipo de economia, formou um tipo de sociedade e fundou suas próprias cidades (WESTPHALEN, 2005, p. 24-25).

Embora, como especifica o Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul (IPARDES, 1976, p.11), se utilize essa divisão em três grandes regiões por conta das características gerais de povoamento e colonização, não há uma absoluta homogeneidade interna, já que o Norte pode ser dividido em Norte Pioneiro, Novo e Novíssimo; o Paraná Tradicional tem características diferentes no Litoral, Curitiba, Campos Gerais e Campos de Guarapuava; e o Oeste se subdivide em Extremo Oeste e Sudoeste.

O Paraná Tradicional concentrou, por boa parte da história do estado, a grande maioria da população do Paraná, inclusive ao se considerar os programas de imigração do século XIX. As regiões Oeste e Norte tinham baixa densidade demográfica até a instauração de incentivos governamentais e programas de colonização. “No começo do século XX, havia apenas pequenas e poucas povoações separadas por consideráveis distâncias, nessas regiões do Paraná” (LACHESKI, 2009, p.39-40).

No período de imigração no Paraná, segundo Rodrigues (2007, p.74-76), a base da população inicialmente era composta por portugueses, negros, índios e mestiços dessas três etnias, como em outras partes do Brasil da época. O autor assinala que as primeiras colônias estrangeiras no Paraná foram de alemães, em 1829, com um núcleo às margens do Rio Negro (hoje, as cidades de Mafra e de Rio Negro), no caminho das tropas de mulas. Em 1847 e 1852, foram criados núcleos na região do rio Ivaí (Colônia Tereza, composta por franceses) e na baía de Paranaguá (Colônia Superagui, de suíços e alemães). Em 1859, inicia a colônia de Assungui, com ingleses, franceses, italianos, espanhóis e alemães. Rodrigues aponta ainda que essas primeiras colônias tiveram pouco sucesso pela dificuldade de transporte dos produtos da agricultura, que eram seu principal produto

comercial. Novas colônias surgiram próximas a cidades já formadas, como o grupo de poloneses que, em 1871, estabeleceu-se nos arredores de Curitiba. Os italianos estabeleceram-se primeiro no litoral e depois próximos a Curitiba, assim como os alemães. Os ucranianos chegaram a partir de 1891. “Também formaram grupos menos numerosos os sírio-libaneses, os judeus, os franceses, os austríacos, os ingleses, os islandeses, os holandeses, os búlgaros e os norte-americanos, entre outras etnias” (RODRIGUES, 2007, p.75).

Outros grupos caracterizaram uma imigração mais recente ao Paraná, com características diferentes, como os japoneses, no Norte do Paraná e os holandeses nos Campos Gerais, bem como novas levas de alemães, como os que criaram a Colônia de Witmarsum, no município de Palmeira. Rodrigues (2007, p.76) destaca que a diferença entre esses dois momentos de imigração foi o planejamento e o financiamento que tiveram os núcleos vindos neste segundo momento.

Assim, a história do Paraná trata-se de uma trajetória de migrações, como afirma Lacheski (2009, p.39). Os processos de expansões em cada região do Paraná configuraram a ocupação territorial do Estado e sua estrutura sócio-econômica e, principalmente, cultural. Ao delinear a trajetória de cada região paranaense, pode-se apreender indícios de como o povoamento e as atividades econômicas construíram as identidades regionais pelo Paraná.

5.1. LITORAL, SERRA DO MAR E CURITIBA

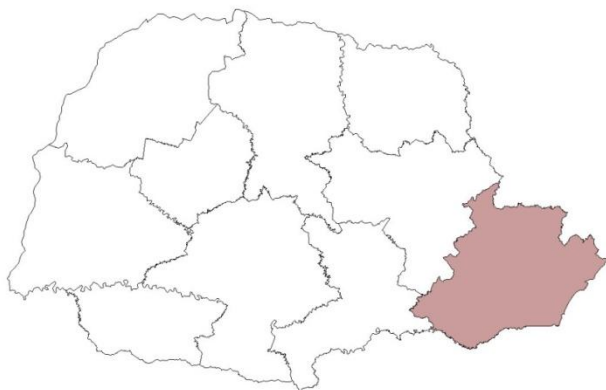


Figura 4 - Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce no Litoral e Curitiba

A primeira descoberta de ouro em terras brasileiras aconteceu no litoral paranaense, em cerca de 1570, na região de Paranaguá, Guaraqueçaba e Cananéia. “Na origem da conquista do território, o ouro. Até hoje os historiadores disputam qual o resultado final da cata. Ouro de aluvião e minas nunca descobertas, pelo menos com a significância desejada. Mas foi a ilusão do ouro que fundou o Paraná” (FERREIRA, 1996, p.29). Assim, a baía de Paranaguá atraía, segundo Westphalen (2005, p.16), a atenção dos vicentinos, motivados tanto pela presença de índios quanto pela procura de ouro.

Elevada a vila, desde 1648, por Gabriel de Lara, Paranaguá foi o primeiro núcleo de um povoamento mais efetivo no Paraná. Seus habitantes de maior destaque social pertenciam a famílias que se orgulhavam de serem descendentes dos ‘companheiros de Martim Afonso’, que com ele chegaram ao Brasil em 1531. Eram oriundos, aqueles habitantes, de Santos, São Vicente, Iguape, Cananéia, São Paulo, e muitos, direto de Portugal (RODERJAN, 1981, p.6)

Surgiram diversos povoados na região motivados pela busca do ouro. No entanto, como a busca pelo metal gera uma instabilidade de população, que abandona as povoações quando se esgotam as minas (que eram pouco produtivas) e desloca-se para novas regiões de extração mineral. Documento do IPARDES (1976, p.15) explana que é deste modo que os colonizadores transpuseram a Serra do Mar, alcançando o planalto curitibano e fundando as cidades de Curitiba e São José dos Pinhais.

Apesar da mineração não ter originado a base da sociedade paranaense, foi ela que deu início ao povoamento do Estado. Os primeiros arraiais apareceram no litoral, dando origem às cidades de Paranaguá, Antonina e Morretes e posteriormente Curitiba e São José dos Pinhais, quando os mineradores subiram os rios do litoral, transpondo a Serra do Mar, chegando ao Primeiro Planalto, onde a mineração atingiu proporções maiores (MONASTIRSKY, 1997, p.13).

Como consequência do povoamento transitório ocasionado pela mineração, após a descoberta do ouro das Minas Gerais, no final do século XVII, foram poucos os núcleos que se mantiveram povoados no litoral paranaense, em torno de Paranaguá, Antonina e Morretes. “Na sua quase totalidade, o litoral entre a serra e o mar permaneceu pouco habitado, sendo que somente a partir de 1876 sofreria nova tentativa de ocupação” (FERREIRA, 1996, p.37).

5.2.CAMPOS GERAIS

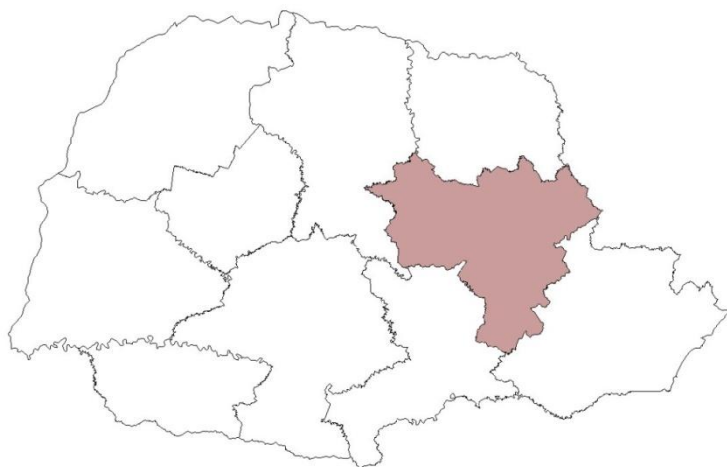


Figura 5 – Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce na região Centro-Oriental.

Com a descoberta do ouro em abundância nas Minas Gerais, a economia da Colônia passa a girar em torno da mineração. A demanda de animais para o transporte do metal e para movimentar a economia que se formava por conta dessa atividade gerou o ciclo do tropeirismo e intensificou a pecuária no sul do Brasil.

O planalto paranaense foi uma das regiões que mais se beneficiou, a nível de povoamento, com a demanda de animais derivada da mineração [nas Minas Gerais]. Os colonizadores aí estabelecidos já haviam trazido gado para estes campos, visando ao abastecimento da atividade extrativista aqui estabelecida no litoral. Vindas da orla marítima, as primeiras cabeças de gado multiplicaram-se na zona de Curitiba, estendendo-se posteriormente aos Campos Gerais (IPARDES, 1976, p. 16).

Como aponta Ferreira (1996, p.40), Minas precisava em escala sempre crescente dos muares para transportar o ouro ao porto do Rio de Janeiro e, de lá, receber as cargas que importava. “Aberto o Caminho de Viamão, que através dos planaltos dos hoje três Estados do Sul, ligava o Rio Grande a São Paulo, por mais de 100 anos desfilaram tropas e tropeiros” (FERREIRA, 1996, p.41).

Em 1731, segundo os registros historiográficos, a primeira tropa, composta de mais de duas mil cabeças, entre cavalos, mulas e éguas, foi conduzida por Cristóvão Pereira de Abreu. Estava aberta a mais famosa e importante das rotas tropeiras – tanto em volume quanto em tempo de utilização: o Caminho de Viamão. Este, porém, não era o único caminho. Era possível atingir os campos sulinos através da rota das Missões, aberta no final da década de 1840. Essa partia de Ponta Grossa, via Palmeira, Guarapuava e Palmas, depois atravessava o território catarinense, chegava a Santo Ângelo das Missões, podendo-se estender o percurso até Uruguaiana (SILVA, 2005, p. 121).

A ocupação das terras dos Campos Gerais, demarcadas pelo vale do rio Iguaçu ao sul e o rio Itararé ao norte, inicia, portanto, no século XVIII. Como assinala o Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais (UEPG, 2013), essa região reunia as principais condições para o desenvolvimento da pecuária e para o uso das pastagens como pousos de tropas, tornando-se paragem obrigatória nessas rotas de tropeiros.

Era grande o movimento das tropas que passavam pelos Campos Gerais, tanto pelo Caminho do Viamão quanto pela Rota das Missões. “A intensidade de uso deste caminho era significativa: em Sorocaba, onde se realizavam as feiras de animais, chegaram-se a negociar 200 000 cabeças por ano” (IPARDES, 1976, p. 17). Assim, ao longo desses caminhos, foram surgindo os primeiros pousos de tropas, e muitos deles se tornaram núcleos de povoamento estáveis.

Ligadas ao tropeirismo, ainda no século XVIII pequenas povoações começaram a surgir ao longo do Caminho das Tropas. Nos locais em que as tropas fixavam pouso, fazendo seus pequenos ranchos para descanso, trato e engorda do rebanho, ou esperando passar as chuvas e baixar o nível dos rios, logo surgia um ou outro morador, fundando casa de comércio, interessado em atender as necessidades dos tropeiros. Dessa forma, pequenas freguesias e vilas, como o Príncipe(Lapa), Palmeira, Ponta Grossa, Pirai do Sul, Castro e Jaguariaíva, tiveram seu desenvolvimento inicial dependente das fazendas e do movimento das tropas (UEPG, 2003)

Em menos de um século, quase toda a área dos Campos Gerais estava ocupada, ainda que com uma população escassa devido às grandes extensões de terras destinadas às pastagens. O Conselho para o Desenvolvimento do Extremo Sul (1976, p. 20)justifica: “O gênero de vida, condicionado pela pecuária extensiva, não era propício a formações demográficas significativas, o que explica sua baixa densidade”. Os campos naturais da região tornaram-se disputados, com homens fiéis à coroa portuguesa e de prestígio político recebendo cartas de sesmarias como forma de honraria.

É nesse momento em que o Paraná se desmembra de São Paulo, em 1853. Como destaca Ferreira (1996, p.49), a população paranaense no momento da emancipação era de cerca de 63 mil habitantes, dos quais dez por cento residiam em Curitiba. Só haviam duas cidades (Curitiba e Paranaguá) e sete vilas pequenas que aos poucos se desenvolviam com a atividade tropeira. Embora não houvesse uma grande população, nem uma distribuição por todo o território, já havia força política devido ao desenvolvimento econômico propiciado pelo tropeirismo.

5.3.CAMPOS DE GUARAPUAVA E DE PALMAS

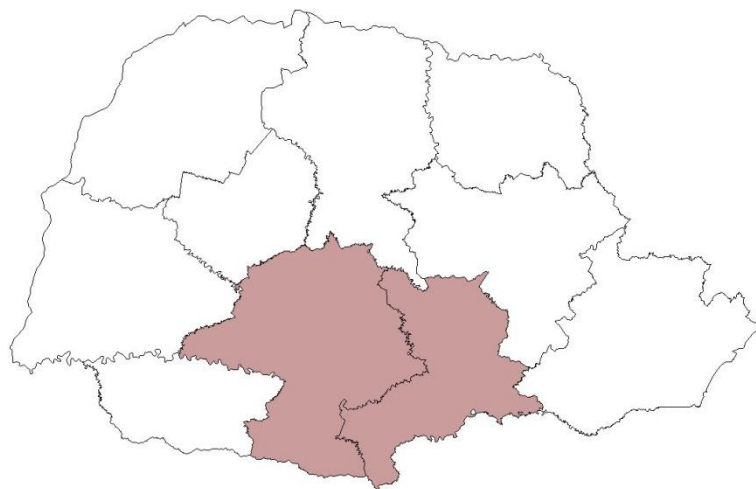


Figura 6 – Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce nas regiões Centro-Sul e Sudeste.

Com a disputa entre portugueses e espanhóis pelas terras brasileiras no século XVIII, a coroa portuguesa enviou, como conta Lacheski (2009, p.23), expedições militares para reconhecimento e posse dos territórios que ainda não eram colonizados e povoados por tribos indígenas hostis, como os sertões do rio Tibagi e Campos de Guarapuava.

O objetivo do domínio da região dos Campos de Guarapuava era fazer uma barreira contra os avanços dos espanhóis rumo às Minas Gerais e Rio de Janeiro, diz ainda Lacheski (2009, p. 24). Com o mesmo intuito também foram fundadas vilas como Lajes (Santa Catarina), o presídio (forte) de Nossa Senhora dos Prazeres e São Francisco de Paula do Iguatemi (próximo à atual cidade de Paranhos, Mato Grosso do Sul).

Comandada por Diogo Pinto de Azevedo Portugal, a Real Expedição de Conquista e Povoamento dos Campos de Guarapuava fundou o Forte Atalaia, em 1787, que deu origem à cidade de Guarapuava. A função do forte era manter protegidas as famílias que se instalaram ali dos freqüentes ataques indígenas.

Também foi um fator do povoamento da região o tropeirismo, já que por ali passava o Caminho das Missões. Assim, a cidade de Palmas, como outras da região, nasceu de um pouso de tropas, segundo Lacheski (2009, p.30), que lembra também que

fazendeiros dos Campos Gerais adquiriam grandes extensões de campo em Guarapuava para levar seus animais por temporadas, mas isso não contribuía para o povoamento da região porque esses fazendeiros mantinham suas residências na região vizinha. “Nessa conjuntura, Guarapuava apresenta um certo crescimento urbano, embora não apresentando o mesmo dinamismo dos grandes centros urbanos da época, pois, a região era monótona, com a ausência quase completa de homens na paisagem urbana” (LACHESKI, 2009, p.30).

Guarapuava foi criada por decreto do governo da Província de São Paulo em 1819; Palmas surgiu no final do século XIX por iniciativa do governo do Paraná e pela concessão de sesmarias destinadas à pecuária. No referido século, as atividades econômicas eram baseadas na extração da erva-mate, da madeira e da pecuária. A chegada em grande escala de catarinenses e gaúchos como peões das fazendas de Palmas e de Clevelândia colaborou para a ocupação da região (ZAMARIANO, 2006, p. 65).

Em um segundo momento, houve o incentivo do governo paranaense para estabelecer colônias de imigrantes russos, poloneses, ucranianos e alemães na região, para fomentar a agricultura de subsistência, que até então era ali inexistente, devido ao domínio das atividades tropeirista e de extração da erva-mate, segundo Lacheski (2009, p.36).

5.4.OESTE E SUDOESTE DO PARANÁ

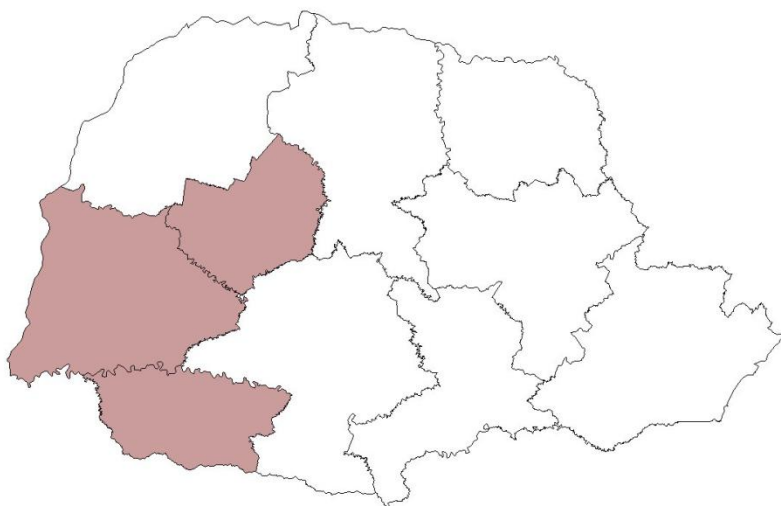


Figura 7 – Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce nas regiões Oeste, Sudoeste e Centro-Occidental.

O Oeste do Paraná teve um povoamento com características distintas do restante do Paraná, que acontece em dois momentos: primeiro, pelas *obrajes* espanholas e, mais recentemente, pela migração orientada por empresas de colonização.

O povoamento do Oeste e Sudoeste paranaense caracterizou-se por migrações fruto de fatores de expulsão. Estes fatores, criados pela dinâmica da pequena propriedade – na medida em que sua densidade demográfica cresce além daquilo que a terra comporta e a atividade exige –, expulsam os excedentes, determinando migrações maciças de agricultores em direção a novas terras (IPARDES, 1976, p. 53).

Ao contrário do que faz crer a política de defesa das fronteiras brasileiras, “o espaço do extreme Oeste paranaense não estava desocupado, mas sim estava sendo explorado economicamente por capital e mão de obra estrangeira” (SZEKUT, 2014, p.15). Além dos indígenas, essas terras eram ocupadas por estrangeiros de nacionalidade paraguaia, argentina e inglesa, em sua maioria. Szekut (2013, p.17) salienta que as atividades econômicas eram principalmente a exploração de madeira de lei e extração de erva-mate, sem a preocupação com os limites de fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

O sistema de exploração das colônias espanholas, aplicado em toda a América Latina, denominava-se *obraje*. No início do século XX, as *obrajes* espalhavam-se por todo o território do Oeste paranaense, como afirma Szekut (2014, p.41-42), por meio de acampamentos e picadas para armazenar e escoar os produtos da extração madeireira e ervateira.

Assim, as diferentes expedições que exploraram a região abriram picadas, as quais, com o passar dos anos, foram se constituindo em estradas e estabelecendo as rotas e fluxos. Esse fato nos leva a perceber que a interiorização e a constituição dos núcleos populacionais nem sempre foram planejados, como acontecia nos espaços organizados pelas colonizadoras, tendo assim alguns municípios originários de ‘pousos’ e ‘encruzilhadas’ que foram crescendo por consequência dos fluxos e oportunidades (SZEKUT, 2014, p. 41-42).

Entre esses núcleos populacionais que tiveram origem diferenciada, anteriores às colonizadoras, Szekut (2014, p.42) cita Foz do Iguaçu (colônia militar fundada em 1889), Guaíra (antiga vila espanhola) e Cascavel (oriunda do tropeirismo). Tais núcleos surgem a partir dos fluxos econômicos da região e se tornam pontos de referência em espaços de escassa infraestrutura.

No entanto, o maior fluxo de povoamento e ocupação do Oeste paranaense é recente, da primeira metade do século XX. Se deu pela implantação de um

programa governamental brasileiro denominado *Marcha para o Oeste*, adotado pelo então presidente Getúlio Vargas, que objetivava a ocupação de toda a fronteira Oeste do Brasil, buscando, além da garantia da soberania nacional, a implantação de um sentimento nacionalista, afirma Ananias (2013, p.54).

No período correspondente entre 1930 a 1945, o Brasil era governado pelo presidente Getúlio Vargas, que adotou uma política de integração e ocupação das áreas de fronteira. Sob este viés, com políticas de Estado voltadas à migração e à colonização de novos espaços, Getúlio Vargas, através da publicação do decreto 19.842, proibiu a permanência de estrangeiros em regiões de fronteira, como forma de reforçar a segurança nacional e de proteger os interesses econômicos na área. A política do governo getulista foi denominada “Marcha para Oeste”. Quanto à Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A (Maripá), empresa afinada com o projeto de Estado e que viabilizou a ocupação de parte da região Oeste do Paraná, pontua-se que uma de suas estratégias de colonização estava pautada em criar territórios culturalmente homogêneos (KINZLER, 2013, p.14).

A política centralizadora e nacionalista previa não só a ocupação do espaço, mas também o desenvolvimento das regiões de fronteira através da agricultura e industrialização. “Assim, no Oeste paranaense, seguiu-se o modelo das antigas colônias do sul do Brasil, e foram os colonos desta região os escolhidos para a colonização e a criação do ‘corpo da pátria’ neste espaço, com o objetivo de defender a fronteira agrícola” (SZEKUT, 2014, p. 13).

Ehrhardt (2000, p.57) assinala que os migrantes, provindos principalmente de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, se dedicaram à criação de suínos e à policultura, numa estrutura de pequena propriedade, que eram os moldes trazidos de seus lugares de origem e direcionados pelo planejamento das empresas colonizadoras. A colonização inicia com a derrubada da mata e o preparo do lote adquirido, formando as primeiras roças e pastagens em meio à mata semi-virgem, descreve Maccari (1999, p.32).

O principal meio utilizado pelas empresas colonizadoras foi a panfletagem e atuação de corretores com amplo conhecimento profissional, além da atuação das igrejas no convencimento dos possíveis migrantes, como conta Kinzler (2013, p.16).

Vale lembrar, também, que a Colonizadora Maripá era, primeiramente, dirigida por Alfredo Ruaro, descendente italiano e acionista da Colonizadora. A empresa tinha como objetivo trazer migrantes do sul do país para habitarem as novas terras do Oeste Paranaense. Para isso, Ruaro e sua equipe viajavam para Santa Catarina e Rio Grande do Sul a fim de propagar os benefícios das terras paranaenses e vendê-las, a baixo custo, aos agricultores (GRESPLAN, 2014, p.56).

A principal leva de migrantes que veio ao Oeste paranaense compôs-se, por volta de 1920 e 1930, por mais de 500 famílias oriundas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, principalmente agricultores de origem italiana e alemã, além de descendentes eslavos que migram do Leste do Paraná, “refletindo a pressão demográfica sobre as pequenas fazendas fundadas por gerações anteriores de imigrantes europeus” (IPARDES, 1976, p. 55).

Além das promessas de uma terra boa e de espaço para crescer no Oeste paranaense, o processo de criação de minifúndios e falta de espaço para a agricultura familiar nas colônias de origem dos migrantes teve papel decisivo na decisão de mudar-se para o Paraná. Portanto, ao contrário de outras regiões, cuja lógica de povoamento se deu pela atração provocada pelas atividades econômicas, o Oeste foi povoado também pela expulsão dos colonos de suas áreas de origem, superpovoadas. Gomes (2014, p.79) afirma que a situação econômica do Rio Grande do Sul na década de 1950 se configurava como crítica, com aumentos populacionais acima da média brasileira, minimização da propriedade em função da sucessão familiar em determinadas áreas e agigantamento, em outras, em razão da pecuária, o que colocou a população rural gaúcha em uma posição frontal com o desemprego.

O território do Sudoeste do Paraná foi, historicamente, cenário de diversos embates e lutas envolvendo a posse da terra. Entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do seguinte, índios, argentinos, paulistas, paranaenses, caboclos, gaúchos, catarinenses, empresas colonizadoras, Estado, grupos políticos, corporações, migrantes os mais diversos, foram inúmeros os personagens que participaram dos movimentos e/ou disputas por fronteiras, as quais imprimiram os atuais contornos de ocupação de suas terras (FLÁVIO, 2011, p.62).

Não é possível desconsiderar o papel das revoltas e lutas por terra nessa região na formação do atual povoamento. Um dos mais importantes fatos históricos foi a Revolta dos Posseiros, em que os posseiros refutavam a propriedade de terra das empresas Clevelândia Industrial Territorial Ltda (CITLA), Companhia Comercial e Agrícola Paraná Ltda e Imobiliária Apucarana Ltda, que por meios irregulares, buscavam vender as terras já apropriadas pelos posseiros a eles mesmos, resume Flávio (2011, p.78).

5.5. NORTE E NOROESTE DO PARANÁ

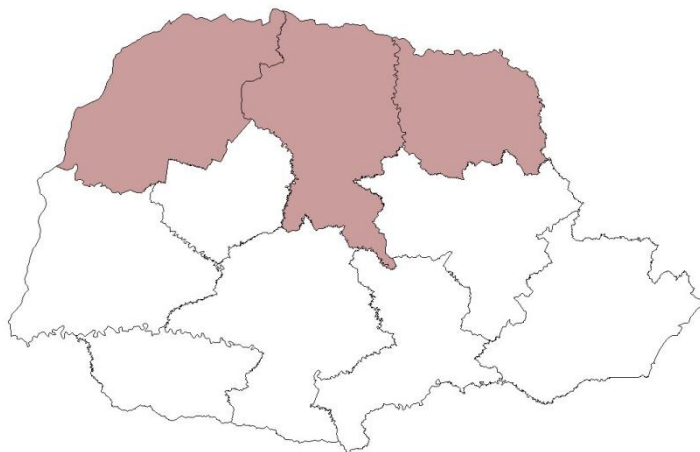


Figura 8 – Mapa do Paraná, com base na divisão em mesorregiões do IBGE (IPARDES, 2012), com realce nas regiões Noroeste, Norte Central e Norte Pioneiro.

“Nas últimas décadas do século XIX estabeleceu-se a ocupação do norte paranaense, relacionada diretamente com a cafeicultura paulista, atingindo seu auge em meados de século XX (1940-1960)” (ZAMARIANO, 2006, p.68). Nesse período, o processo de ocupação e povoamento da região Norte do Paraná se efetivou em três zonas sucessivas, como assinala Peraro (1978, p. 24): o Norte Velho ou Pioneiro, área compreendida desde a divisa nordeste com São Paulo até Cornélio Procópio, colonizada entre 1860 e 1925; o Norte Novo, de Cornélio Procópio até o Rio Ivaí, colonizada entre 1920 e 1950; e o Norte Novíssimo, entre os rios Ivaí e Piquiri, ocupada de 1940 até 1960.

A Região do Norte Velho ou Pioneiro foi a primeira a ser ocupada, - já no final do século XIX e início do século XX, ocasionando o avanço acelerado da atividade cafeeira e crescimento intenso a partir de 1929. Já na década de 1930, teve início a ocupação demográfica e econômica de novas zonas do Norte do Paraná, em virtude de uma conjuntura política-econômica propícia a esta expansão, sendo a Região do Norte Novo até então quase que completamente coberta de matas, motivo de interesse de companhias particulares. Uma delas, a Paraná Plantations Ltda. e sua subsidiária no Brasil - Companhia de Terras do Paraná, em posses de terras devolutas adquiridas do Governo do Estado, veio propiciar, em sua fase inicial de colonização (fase inglesa), o desenvolvimento da pequena e da média propriedade mediante a venda de pequenos lotes (PERARO, 1978, p.11).

Com a crise da economia ervateira e expansão do ciclo madeireiro em outras regiões do Paraná, a atividade da cafeicultura direciona o processo de ocupação do Norte do estado, conforme texto do Conselho para o Desenvolvimento do Extremo Sul (IPARDES, 1976, p.33). Isso se deu pela proximidade com São Paulo, pólo produtor de

café no Brasil, e pela fertilidade das terras roxas do Norte paranaense, apropriadas para o plantio dessa cultura.

Na década de 1920, o café já ocupava boa parte do Norte do Paraná. Sempre relacionados com o café, começaram a ser implantados projetos modernos de colonização (no Norte Novo), como o da companhia inglesa *Paraná Plantations Ltda*, depois denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Westphalen (2005, p.23) aponta que essa mesma onda colonizadora segue ocupando o Norte Novíssimo, a partir dos anos 1940. “Eram colonos nacionais, sobretudo mineiros, paulistas e nordestinos, e também estrangeiros, como alemães, japoneses e outros. Eram plantadores de café” (WESTPHALEN, 2005, p. 23).

Os povoadores eram, principalmente, paulistas, mineiros, nordestinos, além dos posseiros já instalados quando a CTNP iniciou seus trabalhos. Também foi grande a participação dos imigrantes estrangeiros no Norte do Paraná: alguns espontaneamente, outros dirigidos pela ação de empresas de colonização outras, além da Companhia de Terras (IPARDES, 1976, p. 45).

O incentivo aos programas de colonização veio do Governo Estadual, com a intenção, conta Peraro (1978, p.170), de povoar as terras devolutas situadas ao Norte do estado, dando a preferência às empresas de colonização particulares, para dar início a uma nova etapa no processo de colonização do Paraná, marcada principalmente pela atuação de uma companhia inglesa *Paraná Plantations Ltda*, que chegou a ser concessionária de 5 milhões de hectares de terras para exploração.

Diferentemente de outras regiões, em que a colonização se deu principalmente por sulistas, o Norte do Paraná recebeu migrantes brasileiros de outras regiões. Segundo Rodrigues (2007, p.81), foi o baixo preço das terras e a construção da ferrovia em direção a São Paulo que colaboraram para que viessem para a região paulistas, mineiros, baianos, catarinenses, paranaenses, além de imigrantes (japoneses, alemães, tchecos, poloneses, italianos e espanhóis).

Deve-se concluir que a Região do Norte Novo era, pelo menos à data do Censo Demográfico de 1970, mais atrativa aos fluxos migratórios dos Estados situados ao Norte. E que, os Estados sulistas - Santa Catarina e Rio Grande do Sul - apesar de terem elevada participação demográfica no Estado do Paraná, tiveram sua população distribuída em outras regiões paranaenses, que não a norte. (PERARO, 1978, p.174)

Por tais características específicas de povoamento, as regiões do Paraná tiveram um acesso diferente à identidade cultural gaúcho e cada contexto possibilitou uma adaptação distinta dos costumes e valores associados a essa identidade. Tais contextos fizeram com que o gauchismo fosse tratado de forma diferente no Oeste, no Paraná Tradicional e no Norte do estado.

CAPÍTULO 6. IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA E GAUCHISMO NO PARANÁ

6.1. IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA

Dentre as identidades regionais brasileiras, a identidade cultural gaúcha se posiciona de forma hegemônica no sul do país e se faz presente em outras partes do Brasil, representada por movimentos como o Nativismo, na música regionalista, e o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Brum (2009, p. 149) caracteriza o gauchismo como uma diversidade de pessoas e grupos que se identificam com a exaltação de usos e costumes regionais, englobando diversas manifestações que apropriam a figura do gaúcho na produção de representações.

Com suas matizes forjadas no século XIX, num processo em que a literatura teve papel marcante (RIO GRANDE DO SUL, 2000, p. 64), a identidade gaúcha constituiu uma caracterização do gaúcho e um passado heroico para essa figura, com tal penetração na sociedade que foi transformada em representação hegemônica, institucionalizada pelo governo do estado do Rio Grande do Sul no século XX, como ressalta Felippi (2009, p.38). Essa referência de uma 'nação gaúcha', como uma construção identitária, surge atrelada a uma história regional do sul do Brasil. “Ela - a nação - aparece narrada desde sempre como um prenúncio, uma promessa que “naturalmente” viria a ser cumprida” (FREITAS; SILVEIRA, 2004, p. 267).

Se, de um lado, temos representações sobre o gaúcho que remetem à sua gênese como tipo social e, portanto, opõem o social ao mítico ou cultural, de outro, elas são configuradas também pela criatividade literária, construindo discursivamente aquele que deveria ser o habitante do estado. A contradição parece dirimir-se no final da assertiva, quando o peso da interpretação recai sobre o primeiro aspecto: o literário é impreterivelmente no domínio do mítico; sua fala sobre o social o constrói porque o deturpa, idealiza. A combinação entre ideologia e representação faz com que o potencial analítico do último termo seja dissolvido em suas leituras precedentes do gauchismo enquanto um fenômeno ideológico.

Dessa forma, a análise das 'representações sobre o gaúcho' fica comprometida com a dicotomia falso/verdadeiro, ao invés de abordar como o verdadeiro é constituído como tal (ZALLA, 2002, p. 27).

Para Brum Neto e Bezzi (2009, p.26), o gaúcho, como “figura representativa”, pode ser definido através de características comuns atreladas a questões como tradicionalismo e nativismo, acentuadas nos gestos, nas crenças e nos valores. Esse tradicionalismo transita entre o urbano e o rural, entre a modernidade e a tradição, como uma forma de preservar a identidade cultural gaúcha em contraponto a um modo de vida cosmopolita e sem identificação local. Dalmoro (2013, p. 144) salienta que essa dicotomia de significados funciona como uma estratégia de resistência, pela qual o gauchismo busca preservar a cultura regional.

Com base na ressignificação pela qual a palavra 'gaúcho' passou ao longo do tempo, pode-se traçar uma trajetória da construção dessa identidade cultural. “Do que se percebe nestes poucos excertos colhidos em coletâneas de glossários ou vocabulários, é justamente a alternância sócio-cultural do termo, que foi adquirindo seus novos matizes de sentido através de uma incansável reelaboração” (GOMES, 2006, p. 343).

Como resume Zalla (2002, p. 71), o gaúcho é identificado no início como o andarengo errante, sem paradeiro nem trabalho fixo e tido como um pária social. Além de ser associado a delitos e considerado um bandoleiro nesse período, também lutou em hostes irregulares dos caudilhos nas guerras de independência, o que lhe deu má fama até meados do século XIX. Ao longo do tempo, ganha conotação positiva, com a organização das estâncias e a identificação do termo ao peão, trabalhador e com moradia fixa.

Barbosa Lessa (2008, p.24) assinala a primeira vez em que a palavra 'gaúcho' surge em um documento escrito: no diário de um dos integrantes da Comissão Demarcadora de Limites do Tratado de 1777 (entre Espanha e Portugal, define a posse da Colônia de Sacramento): “*Gauches* – palavra espanhola usada neste país para designar os vagabundos ou ladrões do campo que matam os touros chimarrões, tiram-lhes o couro e vão vender ocultamente nas povoações” (LESSA, 2008, p. 24).

Como relata Lessa (2008, p. 25), em 1820, Auguste de Saint-Hilaire define o gaúcho como um homem que apenas se alimenta de carne, mora em ranchos pobres, não tem outro prazer além do fumo e do mate, e é oficial de milícia. Lessa

transcreve também a descrição de Nicolau Dreys, que mostra indícios da fixação do gaúcho nas estâncias, os apontando como peões nas estâncias e charqueadas, com pouco dinheiro, ainda sem constituir família, mas já mostrando sua cultura nas danças e na música.

No século XVIII, a literatura começa a influenciar de forma positiva a imagem do gaúcho. O poema ‘El Gaucho Martín Fierro’, do argentino José Hernández, cuja primeira parte foi editada em 1872 e a segunda, com o título ‘La Vuelta de Martín Fierro’, em 1879, deu valores positivos à figura do gaúcho:

Em seus versos, Hernández enalteceu a então virtualmente desaparecida figura do gaúcho, habitante da pampa úmida, descendente de aventureiros europeus e índios da região, desprovido de terras, pobre, miserável mesmo, e que era alvo constante do recrutamento compulsório por parte das tropas oficiais nas campanhas contra os indígenas, ou de autênticas caçadas empreendidas pelas autoridades e pelos grandes proprietários em razão dos roubos e assassinatos que promoviam em sua desesperada luta pela sobrevivência (FALCÃO, 2000, p. 211).

O movimento literário regionalista que se desencadeia então é de suma importância para a glorificação desse tipo cultural e a criação do chamado 'mito do gaúcho', que, segundo Freitas (2009, p. 204), tem como características a oscilação entre a rudeza e a gentileza, a coragem e a bravura, a prontidão para a peleia, o amor à terra, ao pago. Essa construção serviu-se dos fatos históricos como a Guerra dos Farrapos (NECCHI, 2009, p.13), com sua consolidação no surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho, na metade do século XX. “A invenção do tradicionalismo é, portanto, um fenômeno relativamente recente – segunda metade da década de 1940 – mas está inserida no processo mais antigo e mais amplo de construção da identidade gaúcha” (ZALLA, 2002, p. 84).

Pacheco (2003, p. 28) sinaliza o papel do Movimento Tradicionalista Gaúcho no processo de produção de uma identidade cultural gaúcha, atuando de forma diferente de outros movimentos, como o Regionalismo, na literatura. “O Tradicionalismo procurou dar maior ênfase ao 'culto' das tradições, dando, assim, continuidade no que diz respeito aos aspectos de vida do homem rural, do homem campeiro, enfim, do peão” (PACHECO, 2003, p. 28).

Dessa forma, o tipo cultural gaúcho é resultado de uma construção híbrida, acentuada por Guimarães (2013, p.66), em que a figura resultante seria

simbolicamente localizada entre o indígena e o europeu, de um lado, e entre o servo e o proletário, de outro. O autor aponta ainda que esse sujeito histórico gaúcho existiu, sobretudo, como elemento de embate entre ideias políticas e propostas de nação antagônicas em um contexto de alternância de poder nos países do Prata após a derrocada da colonização espanhola. Portanto, esse sujeito surgido nas planícies da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul é ressignificado, mitificado e transformado no que é, hoje, o gaúcho.

Assim, os fluxos globais conflitam com os aspectos culturais locais, numa tentativa de coexistência, que desafia a manutenção da cultura local. O gaúcho continua vivo – um tanto quanto ressignificado – mesmo diante das transformações culturais e políticas sofridas ao longo de sua história. Como bem narrou Ciro Martins, na Trilogia do Gaúcho a Pé, o gaúcho pode até continuar vivo, mas perdeu o seu cavalo e agora segue a pé. O gaúcho a pé sucedeu o monarca, aquele rei a cavalo que desafiava tudo. Já não usa as mesmas vestes e não tem os mesmos costumes que seus ancestrais. Mas o fato de insistir em valorizar a velha imagem tem especial significação. A valorização de costumes não é gratuita e desprovida de sentido, mantida apenas por um movimento saudosista. No Rio Grande do Sul, a valorização de tradições, costumes e regras de comportamento marca a sua história e contribui para manter a cultura gaúcha viva (DALMORO, 2013, p. 23).

Em resumo, o gaúcho é uma figura regional, que se identifica mediante alguns traços característicos, muitas vezes estereotipados, como os trajes típicos, a fala “grosseira”, o vocabulário regional com termos como *bah* e *tchê*, além do tradicional chimarrão, como indicam Brum Neto e Bezzi (2009, p. 27).

Lisboa Filho (2012, p.43) observa que há uma tendência de mediatizar o gaúcho ou enfatizar sua mediatização, em grande parte das vezes, numa relação de sentidos construída com o gaúcho tradicional e histórico, ou seja, o gaúcho associado ao meio rural, principalmente nas datas que dizem respeito às comemorações de revoluções, lutas, entre outras. O autor ressalta ainda que a 'gauchidade midiática', termo que utiliza para falar do modo como a mídia se apropria da identidade cultural gaúcha, é um fenômeno vivo, dinâmico e cambiante, complexo por natureza, em que cada indivíduo personaliza sua prática, seu pertencimento, sentimento, apego e memória. “O mais fácil é dizer que se trata de algo complexo, que envolveria muito empenho para captá-la teoricamente, mas que pode ser empiricamente vivenciada e experienciada a cada dia” (LISBOA FILHO, 2012, p.57).

Em específico, o mês de setembro é aproveitado na mídia para explorar as marcas identitárias do gauchismo, como afirmam Freitas e Silveira (2004, p.274), por conta da data de 20 de setembro, Dia do Gaúcho e data de início da Revolução Farroupilha, em 1835. A semana que antecede o dia 20 de setembro é a Semana Farroupilha, comemorada pelos gaúchos com diversos festejos.

No que se refere aos produtos midiáticos que são veiculados no período da Semana Farroupilha, sem dúvida, há um tipo específico de conteúdo voltado à tradição gaúcha e uma forma de mediação que se caracteriza pela valorização de costumes e memórias, trazendo marcas ideológicas constituídas pelos produtores em sintonia com as empresas que patrocinam e veiculam tais mensagens (LISBOA FILHO, 2012, p.52).

Contribuíram de forma especial para a construção da identidade cultural gaúcha a partir do século XX dois movimentos distintos: o Movimento Tradicionalista Gaúcho e o Movimento Nativista. O primeiro, de forma organizada, busca resgatar e manter tradições dentro dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), com regulamentos próprios e promoção de competições. Já o nativismo ocorre de forma mais espontânea, sendo um movimento essencialmente musical, materializado principalmente nos festivais nativistas.

6.1.1. O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E O NATIVISMO

Barbosa Lessa (2008, p.36) sinaliza que durante o século XIX havia uma tentativa de distanciamento das elites urbanas do sul do Brasil da cultura gaúcha. Dessa forma, os produtos literários e musicais que circulavam entre as classes mais altas e mesmo as danças que se bailava nos clubes da elite e da classe média eram importados da cultura europeia. “Não querendo ser confundida com a sociedade galponeira, a sociedade urbana se esforçava por adotar padrões cosmopolitas” (LESSA, 2008, p.37). Segundo Lessa, a rejeição à cultura campeira teve motivos políticos e foi influenciada pela derrota dos gaúchos na Revolução Farroupilha e pela brutalidade das lutas na Guerra do Paraguai. Dessa forma, havia dois movimentos concomitantes: a glorificação do gaúcho na literatura e a rejeição do gauchismo nos clubes do Rio Grande do Sul:

A cultura urbana projetava-se sobre a cultura folk através daqueles elementos de fácil assimilação visual ou auditiva; por exemplo, a transposição das músicas de piano do Club Comercial e do Club Caixeiral para os *chotes*, *polquinhas*, *vaneras* e *mazurcas* das modestas gaitas-ponto. Quanto ao mais, cada um *ficou na sua*. O doutor lendo *Os Amores de um Toureiro* e o xiru contando à beira do fogo o causo dos amores de um gaudério: o doutor lendo *O Conde de Camors* e o xiru contando o causo fantástico do tesouro do arroio do Conde. O doutor lendo os poemas de Guerra Junqueiro e o xiru transmitindo quadrinhas do tempo do Paraguai: *Diz-se não chora o gaúcho, mas eu les garanto agora: falem dos pagos distantes, vamos ver se ele não chora...!* (LESSA, 2008, p.38).

Ao final do século XIX, a palavra gaúcho qualificava somente o rude campeiro, tipo essencialmente rural e iletrado, que participou das degolas da guerra civil. Nesse contexto, surge um movimento urbano em defesa das tradições gaúchas, uma espécie de “gauchismo cívico”. Os participantes desse movimento chegaram a montar agremiações, dando a elas os nomes de *Grêmio Gaúcho*, *Centro Gaúcho*... Como o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, fundado em 1898 por João Cezimbra Jacques. Mas foi com Simões Lopes Neto, fundador da União Gaúcha, em Pelotas (que existe até hoje, filiada ao MTG e com o nome de União Gaúcha Simões Lopes Neto), que esse movimento pôde ganhar espaço e vencer parte dos preconceitos vigentes na época, por meio da conquista de públicos eruditos em discursos e palestras.

Passa-se, então, a pesquisar e produzir conhecimento sobre a cultura e as tradições gaúchas. João Cezimbra Jacques já havia publicado *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*, Simões Lopes Neto publica *Cancioneiro Guasca* (com centenas de quadrinhas populares e versos gauchescos), *Lendas do Sul*, *Contos Gauchescos* e *Casos do Romualdo*, todos sobre as manifestações populares da cultura gaúcha.

Em setembro de 1947, Paixão Côrtes funda em Porto Alegre o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, organiza a primeira Semana Farroupilha, acende a simbólica Chama Crioula e abre espaço para a cultura gaúcha nas grandes cidades do Rio Grande do Sul. Em 1948, é fundado o primeiro Centro de Tradições Gaúchas: o 35 CTG. O pioneirismo desse tipo de agremiação estava no fato de que não pretendia estudar ou falar sobre o gaúcho, mas sim encarnar a figura do gaúcho, vestindo e falando à moda galponeira, mantendo os costumes do gaúcho campeiro, mesmo em meio urbano. “O foco destas pessoas, envolvidas neste começo do tradicionalismo, não era a recriação literária do gaúcho, mas sua recriação simbólica”, explica Paz (2012, p.14).

Em 1954, com 30 CTGs membros, o Movimento Tradicionalista Gaúcho organiza seu primeiro Congresso, na cidade de Santa Maria. Além das discussões sobre regulamentos e rumos do movimento, Barbosa Lessa defende sua tese em Sociologia e Política, “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”, que define as principais características e objetivos do movimento, além de apontar a preocupação do mesmo com a questão social:

É sumamente necessário que o tradicionalismo ampare social e moralmente o homem do campo, para que um dia não se chegue à situação paradoxal de uma tradição de fantasia, em que se teçam hinos de louvor ao ‘monarca das coxilhas’, ao ‘centauro dos pampas’, e esse gaúcho seja um desajustado social, um pária lutando febrilmente pela própria subsistência. A nossa cultura somente poderá se impor sobre as outras culturas, no entrechoque inevitável, se for suficientemente prestigiosa. Daí a razão por que precisamos mostrar às novas gerações – bem como àqueles que, vindos de terras distantes, acorrerem à nossa querência – que as tradições gaúchas são *realmente* belas, e que o gaúcho merece realmente a nossa admiração (LESSA, 2006, p.82).

Hoje, o Movimento Tradicionalista Gaúcho tem bases e entidades no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazônia Ocidental, Planalto Central e Bahia, além das demais entidades congregadas pela Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG) e a Confederação Internacional da Tradição Gaúcha (CITG), com membros na França, China, Estados Unidos e outros países.

Ao mesmo tempo em que o Movimento Tradicionalista Gaúcho forma raízes e cria um culto à figura do gaúcho, surge também outro movimento, predominantemente musical, que em momentos se sobrepõe e em outros compete com o tradicionalismo: o Nativismo.

O nativismo foi, no sul do Brasil, um movimento que iniciou com o surgimento de Festivais de Música Nativista nos anos 1970 e teve seu auge nos anos 1980, com o objetivo de mostrar um trabalho ligado às raízes da cultura gaúcha. Embora busque temas e inspirações no campeirismo, é um movimento essencialmente urbano.

Segundo Oliveira e Verona (2006), a música nativista agrupa ritmos musicais derivados de influências europeias (chimarrita, valsa, polca, chote, vaneira e mazurca), sul-americanas (rancheira, toada, milonga, polca paraguaia, chamamé e rasguido doble) e gêneros genuinamente gaúchos (bugio e contrapasso), além de construções rítmicas formadas por mais de um destes gêneros (milonga arrabalera, toada canção, chote figurado, dentre outros).

Antes dos anos 1970, já havia uma música regionalista gaúcha, mas que estava intimamente ligada à popularização do rádio e tinha seu público fiel no meio rural e nas classes econômicas baixas. O nativismo surge como uma tentativa de reverter a imagem caricatural e cômica do gaúcho, criada por artistas como Teixeira e Gildo de Freitas, e ganhar espaço no meio urbano e dentre as classes média e alta. O movimento buscava também promover inovações técnicas aos ritmos gaúchos:

A música que era produzida antes do festival de 1971 era considerada de pouca qualidade, recebia o rótulo de ‘grosseira’, e, além disso, havia um tom humorístico em boa parte das letras, o que ajudava a causar uma rejeição das classes letradas do meio urbano. No entanto, esse tipo de produção musical era muito popular desde a década de 1940, artistas como Teixeira, Pedro Raimundo e Gildo de Freitas, que estavam vinculados à crescente popularização do rádio, eram extremamente cultuados no meio rural, além de sofrerem grande influência da música caipira do centro do país (DUARTE, 2009, p.9).

Nos anos 1960 e 1970, se popularizaram no Brasil os Festivais de Canção, realizados principalmente no Rio de Janeiro e televisionados para todo o Brasil. Seguindo a tendência, uma emissora de rádio de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, promove em 1970 um evento chamado de “I Festival da Canção Popular da Fronteira”. Segundo Marques (2012, p. 26), o festival dizia-se voltado à música popular brasileira, mas recusava músicas regionalistas gaúchas.

Os compositores Júlio Machado da Silva Filho e Colmar Pereira Duarte inscreveram, nessa primeira edição do festival, uma canção regional – a milonga *Abichornado*, que foi desclassificada, segundo estes, por conta de seu teor “gauchesco”. Segundo Paz (2012, p.18), Colmar Duarte ligou a desclassificação ao fato de se tratar de uma canção regional, e, inconformado com a classificação (no mesmo festival) de canções em espanhol e com tema sertanejo, resolveu organizar um festival que só aceitasse composições que cantassem a cultura gaúcha. Assim surgiu o festival que é considerado o início do movimento nativista: a Califórnia da Canção Nativa, “(...) realizada pela primeira vez pelo CTG Sinuelo do Pago em 1971, com o apoio (dentre outras entidades) do MTG e da Ordem dos Músicos do Brasil” (PAZ, 2012, p.18).

Aliada ao apoio da imprensa e à adesão popular aos festivais nativistas, a criação da Califórnia abriu caminho para que outros festivais surgissem por todo o sul do Brasil, atingindo seu ápice nos anos 1980. “Entre 1971 e 1981 foram realizados 26 festivais nativistas no Rio Grande do Sul. Só no biênio 1982/1983 surgiram dezesseis

novos festivais e no ano de 1986 foram 41 os festivais nativistas realizados em todo o estado”, explica Pereira (2011, p.44).

A criação e popularização dos festivais nativistas influenciou diretamente no desenvolvimento da música regionalista gaúcha. “Os festivais ampliaram o interesse do público em geral no regionalismo, multiplicaram o número de cancionistas regionais que compuseram um número enorme de canções, conformando assim uma tradição que foi seguida pelas gerações seguintes” (PAZ, 2012, p. 19). No cenário de popularização, o momento que sucede a era de ouro dos festivais é de fortalecimento do nativismo. Os artistas gaúchos publicam diversos álbuns (principalmente em disco vinil de 12 polegadas, o formato majoritário da época) e as emissoras de rádio passam a dedicar programas exclusivamente à música gaúcha. Com o fortalecimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho, a música também passa a ganhar espaço nos bailes de CTG, cativando também os jovens e criando outro nicho de mercado para a música regional, embora houvesse críticas de que essa música de bailes fosse excessivamente simplificada, tanto na composição melódica quanto nas letras:

Enquanto isso, os festivais nativistas haviam perdido sua influência e popularidade. Mas alguns festivais ainda persistiam, e outros surgiram nos anos 90. Criou-se então um nicho bem específico de canção regional, composto de um grupo de artistas que se por um lado não embarcaram na onda da música de baile, por outro demonstrava um potencial inovador menor que o nativismo dos anos 70 e 80 (PAZ, 2012, p.23).

A partir da segunda metade dos anos 1990 se percebe uma reinvenção dos festivais nativistas. A música perde o tom crítico e político que havia durante a era de ouro dos festivais (até por conta da mudança no cenário político brasileiro: durante o auge dos festivais, o país vivia um contexto de ditadura), há menos inovações em termos de harmonia, mas explora-se a criatividade em arranjos e melodias, resgatando o violão e a percussão étnica latino-americana, com instrumentos como o bombo leguero e o cajón. Também diversifica-se a gama de ritmos, admitindo também ritmos oriundos de países vizinhos, tais como a chacareira, a zamba, o tango e a polca paraguaia. Os artistas produzem CDs, ainda no formato álbum, e a divulgação passa a ser, além dos festivais nativistas, por meio de espetáculos de música e grupos de dança.

Iniciativas de resgate dos festivais e que buscam uma retomada do nativismo surgem nos anos 2000. De acordo com a Lei 12.975, de 13 de maio de 2008,

todos os festivais nativistas são considerados Patrimônios Históricos e Culturais do Rio Grande do Sul.

6.2. GAUCHISMO NO PARANÁ

Da mesma forma como a identidade cultural gaúcha se modificou desde o surgimento desse tipo cultural, o gauchismo se expande pelo Sul brasileiro e para outras regiões do país, em momentos distintos. No Paraná, a cultura é trazida pela ação de ciclos econômicos, como o tropeirismo, ou por meio de colonizações planejadas, como no Oeste paranaense, ou ainda, mais recentemente, pelas entidades organizadas em um Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná.

Szekut (2014, p. 31) ressalta que é parte das características do gaúcho, enquanto sujeito histórico, manter laços com o território de origem a partir de valores e referências culturais, integrando assim uma mentalidade de grupo mesmo quando inserido em um processo de migração. Além disso, há uma sensação de reconhecimento com as atribuições positivas desse tipo cultural, que faz com que pessoas ou regiões que não tiveram contato histórico com a formação da identidade cultural gaúcha também sejam integradas a essa identidade pelo reconhecimento dos valores e ideais.

Entende-se que o *ser gaúcho*, ao associar suas representações às do migrante sulista, teve suas práticas reconhecidas e salvaguardadas pela história oficial, o que lhes concede difundir e preservar seus usos e costumes nos distintos lugares e tempos em que se aventuram. As referências culturais ligadas ao *ser gaúcho* passam a ser reconhecidas como ideais nas regiões onde se estabeleceu uma colonização vinculada ao migrante da região sul. Fato que contribui para que indivíduos oriundos ou não do Rio Grande do Sul se vinculem a esta identidade, pois, ao se reconhecerem e serem reconhecidos como gaúcho atrelam-se às referências positivas deste sujeito idealizado (SZEKUT, 2014, p. 34).

Em algumas regiões do Paraná, a história da formação do povo se confunde com a vinda da cultura gaúcha para o estado. Como afirma Roderjan (1981, p. 11), o gaúcho resulta de um complexo cultural que se formou em torno da vida campeira e das andanças dos tropeiros, desde os pampas sulinos até as terras goianas: “ultimamente, generalizou-se o hábito de assim denominar o natural do Rio Grande do Sul, mas o

paranaense nascido das famílias antigas da Lapa descende do *gaúcho lapiano*” (RODERJAN, 1981, p. 11).

Enquanto se forma a população dos campos do Paraná, ali também se instala a cultura gaúcha, que firma raízes e se torna parte da identidade paranaense. “Botas, bombachas, guaiaca, lenço, poncho e chapéu são peças da pilcha gaúcha. Traje semelhante que, com pequenas variações, também identifica o arquétipo paranaense”, caracteriza Zatti(2013, p. 8).A culturagaúcha é que vai formar a cultura popular dessas regiões do Paraná, como descreve Roderjan:

Nos bailinhos caboclos, dançam a música popular atual e, nos meios mais distantes, rancheiras, polcas, valsas, xotes, danças européias que já foram tradicionais nos bailes das cidades. Os Centros de Tradição Gaúcha (CTG), que existem às dezenas no Paraná, divulgam esse mesmo tipo de música, e somente um grupo de associados é que apresenta, nos intervalos do baile (fandango, como é chamado), danças gaúchas (RODERJAN, 1981, p.29)

Saint-Hilaire (1978), nos relatos de viagem pelo Brasil no século XIX, descreve diversas cenas do cotidiano paranaense, em especial sobre a forma como foi recebido nos Campos Gerais. Esse relato fornece elementos preciosos para pensar a forma como aspectos da cultura gaúcha já estavam imbricados no povo paranaense em sua formação, e também como outros elementos se somaram a estes e traduzem o gaúcho paranaense. Quando descreve a forma como se deu um encontro festivo, fala da música popular, com violão e viola, das contradanças e danças com sapaetados vibrantes (anu e chula), das modinhas, farsas e declamação de poesias:

Ele não contava em sua casa com móveis finos nem salas elegantes, não existia em Castro nada parecido com isso. Ele reuniu os músicos em sua modesta sala, que não tinha nem assoalho nem forro e só era comparável aos nossos mais modestos albergues de aldeia. Entre os músicos que ouvi tocar na casa do sargento-mor havia um homem que dedilhava o vilão com maestria sem conhecer uma única nota. Um outro manjava com grande habilidade um pequeno instrumento chamado 'machete', que não é outra coisa senão um cavaquinho, tocando-o em todas as posições imagináveis e sempre com grande talento. Esse homem sabia também contorcer as feições de tantas maneiras diferentes que causaria inveja a um famoso saltimbanco muito popular então em Paris, apelidado de careteiro. O sargento-mor não se limitou a fornecer a música; cuidou também para que houvesse dança. Não foram permitidos os batuques por causa da quaresma, mas os convivas dançaram aos pares uma dança muito semelhantes às antigas alemandas, e outras dançadas a quatro e denominadas, na região, de anu e chula, em que os dançarinos fazem uma espécie de sapateado, dobrando os joelhos, e que não deixam de ter o seu encanto. Os tocadores de violão também cantaram, mas não é esse o forte dos brasileiros, que vivem longe das grandes cidades e não têm oportunidade de aprender música regularmente. Algumas modinhas são sem dúvida muito bonitas, mas de um modo geral nada é mais triste nem mais monótono do que as cantigas populares das províncias que

eu percorri. A voz dos brasileiros é quase sempre afinada, mas o povo do interior, pertencente às classes subalternas, têm o hábito de sustentar a mesma nota durante longos minutos, à medida em que a voz vai enfraquecendo, o que faz suas cantigas se assemelharem a cantos fúnebres. Foram representadas também na casa do sargento-mor algumas farsas muito desagradáveis por sua indecência e grosseria. Finalmente, nos intervalos das danças, várias pessoas declamaram poesias bastante bonitas, e no entanto a reunião era composta apenas de artesãos e agricultores. No nosso país só conhecem versos as pessoas que têm algum estudo; é preciso estar familiarizado com a nossa poesia para sentir os seus encantos: a prosódia natural das línguas do Midi torna a sua poesia mais vulgar, habituados a ouvir e a pronunciar permanentemente sílabas medidas, os meridionais se tornam instintivamente bons juízes da metrificação dos versos (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 55-56).

Outro costume que fornece simbolismos para o gauchismo paranaense é o chimarrão, cuja grande presença nos costumes paranaenses é apontada por Saint Hilaire (1978, p.47), quando relata que uma senhora que morava no Guartelá (Campos Gerais), o hospedou em sua casa o serviu o mate como forma de hospitalidade. Avé-Lallemant (1995), viajante alemão que passa pelo Paraná em 1858, também descreve esse costume:

Mate, mate e mais mate! Essa a senha no planalto, a senha nas terras baixas, na floresta e no campo. Distritos inteiros, aliás, províncias inteiras, onde a gente desperta com o mate, madraceia o dia com o mate e com o mate adormece. As mulheres entram em trabalho de parto e passam o tempo de resguardo sorvendo mate e o último olhar do moribundo cai certamente sobre o mate. É o mate a saudação da chegada, o símbolo da hospitalidade, o sinal da reconciliação. Tudo o que em nossa civilização se compreende como amor, amizade, estima e sacrifício, tudo o que é elevado e profundo e bom impulso da alma humana, do coração, tudo está entretido e entrelaçado com o ato de preparar o mate, servi-lo e tomá-lo em comum. A veneração do café e o perfumado fetichismo do chá nada são, nem sequer dão uma idéia da profunda significação do mate, na América do Sul, que não se pode descrever com palavras, nem cantar, nem dizer, nem pintar, nem insculpir em mármore. Comparativamente, nada é o célebre ‘There be none of beauties daughters’ de Byron. Sim, tivesse Moore conhecido o mate, sua amável Peri teria reconquistado as portas do paraíso e a felicidade dos imortais com o mais belo que há, com um maravilhoso diamante, com uma gota de mate! (AVÉ-LALLEMANT, 1995, p. 38-29).

O mate é herança indígena dos guaranis, que povoavam o atual território do Paraná e Paraguai. “Os indígenas que habitavam nosso território [do Paraná] tomavam mate. E o tomavam quente, onde fazia frio, vale dizer no planalto sulino, e frio no litoral e nas barrancas do rio que nos empresta o nome”, destaca Zatti (2006, p.85).

Ferreira (1996, p.47) afirma que foram os jesuítas, no tempo das reduções do Guairá, que adquiriram esse costume e depois o difundiram por todo o sul do Brasil. Quando as 13 reduções paranaenses são destruídas pelos bandeirantes, esses mesmos jesuítas levam consigo o chimarrão para o Rio Grande do Sul, onde este passa a fazer parte dos costumes gaúchos. “Assim como os gauchos que, com a erva do Paraná,

patentearam o mate-amargo como marca identificadora de seu mais sagrado hábito, os paranaenses adotaram a pilchatropeira, que aqui chegou a cavalo, para moldar seu arquétipo” (ZATTI, 2006, p.10).

Tal é a importância do mate para a formação do Paraná que esse produto estabelece um ciclo econômico que perdura por mais de cem anos, em que a erva-mate era a principal riqueza produzida no estado, como assinala Zatti (2006, p.78). Nesse período, a vida econômica, social, política e cultural paranaense estava fundamentada na erva-mate.

Outro ciclo econômico fundamental para o gauchismo paranaense foi o tropeirismo. Para além de um ciclo econômico e uma alternativa de transporte, o tropeirismo teve, de acordo com Domingues (1999), relação direta com o povoamento do Brasil, contribuiu para a consolidação de fronteiras e mudou as relações comerciais no país. “As tropas de mulas, como transporte alternativo de cargas, foram utilizadas primeiramente pelos mineiros e, depois, pelos fazendeiros de café, até os anos 70 do século 19, quando passaram a sofrer a concorrência da estrada de ferro” (DOMINGUES, 1999).

Foi por meio dos tropeiros que se estabeleceu rotas de trocas culturais por todo o Sul do Brasil e até para outras partes do país. Pereira (1997, apud RODRIGUES, 2007, p. 63) diz que o homem dos Campos Gerais do Paraná formou a figura típica do tropeiro, intermediário entre paulistas e riograndenses. “É verdade que, ao lado dele, estavam outros tropeiros de São Paulo, dos Campos de Lajes e Curitiba, mas todos eram, como ele, ‘Paulistas dos Campos Gerais’” (PEREIRA *apud* RODRIGUES, 2007, p.63).

A tropa era o grupo de animais, dezenas a centenas deles, e o conjunto humano composto do tropeiro, dos camaradas e do cozinheiro, podendo incluir o arrieiro e, por vezes, ser acompanhada por mulheres e crianças. Os camaradas eram o grupo de auxiliares do tropeiro também conhecidos pela denominação de tocador ou tangedor. O tropeiro tanto podia ser o patrão, o dono da tropa, que transportava e negociava seu rebanho, quanto o simples condutor, intermediário que se encarregava do negócio (UEPG, 2003).

Dos fazendeiros dos Campos Gerais, muitos se tornaram tropeiros. A região possuía aspectos favoráveis a essa atividade tanto no âmbito territorial quanto conjuntural, afirma Vial (2014), p. 32). A formação da região estabelece um local propício para a cria e engorda de gado, e a localização faz com que seja um via de ligação interna que recebia e fornecia informações e aspectos culturais de outras regiões do Império.

Rodrigues (2007, p.66) ressalta que os tropeiros tinham que ser jovens e fortes, além de ter boa saúde para passar meses no lombo do cavalo. O autor aponta ainda que barões, futuros políticos e filhos de fazendeiros dos Campos Gerais, antes de assentarem família, tornavam-se tropeiros para ganhar dinheiro, já que a ocupação rendia vantagens monetárias significativas. Além disso, o contato constante com São Paulo e Rio Grande do Sul fazia com que esses jovens tropeiros casassem com mulheres desses estados, mesclando essas culturas e trazendo as esposas para fixarem residência no Paraná.

Portanto, um dos principais legados que os tropeiros deixaram foi a mistura de culturas. “O que se deve destacar é que esses indivíduos eram responsáveis por transportar gado e mulas, mas inconscientemente, por muitas vezes, eram transmissores e receptores de cultura e informação” (VIAL, 2014, p. 34). Além de levar tropas de um lugar a outro, o tropeiro desbravou caminhos, levou mercadorias, gêneros de primeira necessidade e artigos importados e, principalmente, informações. “Os tropeiros eram os correios, intermediadores de negócios entre os comerciantes a quem prestavam os seus serviços, traziam nas canastras e bruacas as mais diversas mercadorias” (SILVA, 2005, p. 108).

Relevante, pois, foi o seu papel de agente integrador do Brasil Meridional. A atividade tropeira caracterizou-se, ainda, na sua dinâmica expansionista, não só pelo ajuste de nossas fronteiras (ao se apropriar de terras espanholas legitimadas pelos Tratados Internacionais ajustados entre as Coroas Ibéricas), como também pela adequação das mais diferentes tradições, usos e costumes da época, numa miscigenação portuguesa, espanhola, negra e indígena; fator que determinaria a música, culinária, hábitos do vestuário, moral, religiosidade, práticas de medicina e organização social (SILVA, 2005, p. 109).

A identidade cultural das regiões pelas quais passou o tropeirismo, em especial os Campos Gerais, remonta a esse período histórico, com usos, hábitos e costumes gaúchos herdados dos tropeiros, define o Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais (UEPG, 2003). Sopelsa (2005, p.16) aponta que essa região não conheceu lutas pela definição de limites territoriais, mas, da mesma forma como as regiões do Rio Grande do Sul onde se desenvolveu o gaúcho primitivo, possui um passado campeiro, relacionado à criação de animais. Essa atividade faz com que se inclua nessa identidade cultural uma série de valores ligados ao dia-a-dia do comércio de animais, como a honestidade:

Há na figura do tropeiro paulista, como na do curitibano, do rio-grandense, do oriental, do correntino, do santa-fecino, uma dignidade sobranceira e senhorial que revela ainda a presença de uma tradição inconciliável, a rigor, com a moral capitalista. A dispensa muito freqüente de outra garantia nas transações além da

palavra empenhada, que se atesta quando muito no gesto simbólico de trocar um fio de barba em sinal de assentimento, casa-se melhor com as noções feudais de lealdade do que com conceito ‘moderno’ de honestidade e crédito comerciais (HOLANDA *apud* RODRIGUES, 2007, p.71).

“O intercâmbio com os gaúchos foi grande e possibilitou a assimilação de usos e costumes, com reflexos na culinária, na dança, no lazer e, principalmente, no modo de falar”(DOMINGUES, 1999). Um exemplo de termos gaúchos, de origem castelhana, que foram incorporados no linguajar paranaense, segundo Zatti (2013, p. 63), são as palavras *churrasco*, *chimango*, *charque*, *rabicho*, *arroio*, *bombacha*, *poncho*, *rincão*, *coxilha* e *estância*.

Com o intercâmbio cultural, as povoações ao longo das rotas das tropas passaram a se estruturar de forma bastante semelhante entre si. Sopelsa (2005, p.38) assinala que isso se deu pelo fato de os moradores compartilharem o mesmo vocabulário, vestuário, culinária e adquirirem hábitos parecidos, ressaltando que ao longo do Caminho das Tropas, a vestimenta comum era o poncho e a bombacha, já que os indivíduos dessas regiões passavam a maior parte do tempo sobre os cavalos.

O chimarrão, o pinheiro, as bombachas, a geada e os campos gerais formam um dos conjuntos que integram o Paraná a Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul, numa simbiose homogênea, mesmo espírito humano, mesmos usos e costumes solidificados na união que o tropeirismo conseguiu integrar (ZATTI, 2006, p. 9).

Na culinária regional, segundo Silva (2005, p. 112), são legados do tropeirismo o arroz tropeiro, o feijão sacudido e a paçoca. Também tinham peculiaridades na forma de consumir os alimentos: diferente dos bandeirantes paulistas, que consumiam feijão marrom com caldo em farnéis, os tropeiros comiam feijão preto sem caldo e com farinha de mandioca, lingüiça e toucinho, para facilitar tanto o transporte quanto a conservação.

Dessa forma, no século XX a sociedade campestre do Paraná se organizava em torno da atividade tropeira, e das lides de campo. “Companheiros constantes dos homens, a sela, o laço e o cavalo tornavam a infância dos meninos uma iniciação para as lides da peonagem” (UEPG, 2003). Saint Hilaire, observando o tipo cultural da região, nota que os homens estão sempre a cavalo, levam um laço de couro preso à sela (lombinho). “Os meninos aprendem desde a mais tenra idade a atirar o laço, a formar o rodeio e a correr atrás dos cavalos e dos bois. Vi alguns que não tinham mais do

que três ou quatro anos e já sabiam girar o laço acima da cabeça e lançá-lo com grande destreza” (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 18).

Ainda sobre os relatos de viajantes aos Campos Gerais da época, que mostravam diversas similaridades culturais entre as pessoas do Sul brasileiro, com referência a aspectos da cultura gaúcha, Camargo menciona uma descrição do homem paranaense:

Quanto ao traje, traz na cabeça um chapeuzinho de copa rasa e abas um tanto largas, que prende-se ao rosto por uma barbela de trancelim de seda ou de algodão tintos; põe-no à banda e não usa gravata; por cima da camisa traz o poncho listrado e fimbreado, a que dá o nome de ‘pala’, feito de lã; à cintura a ‘guaiaca’, sorte de ornato que tem o fim duplo de servir-lhe de bolso e de cinta; esta peça de couro garroteado é ornada de bordados flóreos de cores, na face ostensiva é presa por dois broches, ordinariamente duas moedas de ouro, prata ou metal branco, conforme os tires (gosto) dos indivíduos. As calças muito largas com feição de ceroulas; botas de couro cru; de ordinário uma perneira; esporas de enormes rosetas com largas presilhas ou correntes, que quase impedem o andar do proprietário, chamadas ‘chilenas’ e são tão grandes que não permitem na marcha, conservar os pés na posição natural, força pois, mover-se nas pontas deles tardiamente como a preguiça ou a tartaruga em terra. Na parte anterior do corpo, sobre o abdome, permanece a faca de ponta, aparelhada de prata; o chicote prende por uma presilha do braço esquerdo do cavaleiro, que estriba na ponta dos pés, e segura a brida (rédea) com a destra; traz à cinta uma ou duas garruchas e às vezes espada, e alguns de seus chicotes tem um punhal oculto no cabo. Quase nunca vai assentado em perfeita posição vertical sobre a sua cavalgadura; à miúdo, seu corpo tem uma declinação para um dos lados, sendo o centro de gravidade não nas nádegas, mas numa das coxas alternadamente (CAMARGO, 2004, p.108).

Outra forte característica da formação do Paraná que contribui para a presença do gauchismo na cultura paranaense foram as migrações de riograndenses e catarinenses para a região Oeste do estado em meados do século XX. Nesse contexto de migrações inter-regionais, os migrantes se configuram, aponta Nascimento (2013, p. 410), como agentes transformadores dos espaços sociais, por colaborarem num processo de modificação e evidenciação das identidades locais e também de negociação de sua própria identidade.

A migração é apreendida como redes que estão em constante movimento, concretizado por grupos ou indivíduos *no e pelo* espaço, a procura de um lugar para viver em condições melhores. São motivados por meio das redes sociais, na relação entre parentes e amigos, o que implica na construção-transformação de territórios, formados por relações econômicas, políticas e culturais que correspondem às territorialidades (BRISKIEVICZ, 2012, p.217).

Com o incentivo do governo brasileiro para que os indivíduos sul-riograndenses migrem para outras regiões, como o Oeste paranaense e insiram nelas suas

características de produção, Szekut (2014, p.31) afirma que as características de colonização daquele estado e da cultura dos habitantes passam a exercer influência no desenvolvimento do Brasil.

Esse processo de dispersão da cultura gaúcha por meio da migração de sul-riograndenses para outras regiões do Brasil não acontece só no Paraná. Haesbaert(1997), quando estuda a presença da cultura gaúcha no Nordeste brasileiro, afirma que “a difusão do tradicionalismo gaúcho é paralela à “diáspora” de sulistas para fora do Rio Grande do Sul e da Região Sul” (HAESBAERT, 1997, p.85).

Este [o gaúcho] passa a ser incorporado como o indivíduo desbravador das fronteiras, encaixando-se em um contexto nacional e também internacional. Os gaúchos participam não só da colonização do Oeste paranaense, do Mato Grosso do Sul e Norte do Brasil, mas também de países vizinhos, como o Paraguai, a Argentina e a Bolívia. Nesse processo, os gaúchos têm sua identidade valorizada, outorgando-lhes poder simbólico sobre os demais, a partir do reconhecimento de suas tradições, usos e costumes (SZEKUT, 2014, p.66).

No oeste paranaense, a maior quantidade de migrantes veio do Rio Grande do Sul, em meados dos anos 1940. Szekut (2014, p.32) lembra que a trajetória dos migrantes e a consolidação da identidade gaúcha se deram com o reconhecimento desse indivíduo (tipo cultural gaúcho) como sujeito idealizado, com atributos e significados atrelados à sua identidade que são valorizados pela história oficial.

O sujeito que é imigrante (alemães e italianos), migrante (entre colônias no Rio Grande do Sul) e re-migrante (do Rio Grande do Sul para o Paraná) passa a se posicionar e se identificar como gaúcho. Com a valorização do tradicionalismo gaúcho em meados do século XX, esses indivíduos reforçam sua sensação de pertencimento e de vínculo com o território de origem. “É neste período que surgem com mais vivacidade movimentos pró-cultura gaúcha no Rio Grande do Sul e se espalham, juntamente com a migração, para as distintas áreas que esta população está ocupando” (SZEKUT, 2014, p. 59). Quando esse grupo, que tem a maior representação na colonização do Oeste, é associado pela referência da origem (Rio Grande do Sul) com a identidade cultural gaúcha, há uma implantação de seus usos e costumes nesse novo espaço (Paraná).

Sobre os elementos trazidos pelos migrantes gaúchos e incorporados à cultura da região, Flávio (2011, p. 161) destaca o arroz, o churrasco, a construção de igrejas e os ritos, rezas e missas periódicas, a medicina homeopática, esportes como a

bocha, dentre outros aspectos culturais. Mas a principal contribuição foi a criação dos CTGs.

É nessa fase, de valorização do gauchismo e criação do tradicionalismo organizado, que os primeiros CTGs são fundados no Oeste do Paraná. Estão, portanto, inseridos nesse contexto de reforço da identidade gaúcha. “Trazidos anos após a chegada dos colonizadores, os CTGs se fazem elementos ativos na reprodução da vida social da cidade e do espaço rural em suas múltiplas imbricações e relações” (FLÁVIO, 2011, p.80). Nesses Centros de Tradições Gaúchas, reproduz-se, segundo Haesbaert (1997, p. 85), o modo de vida das estâncias de gado, o galpão de fazenda, com a *peonada* se confraternizando em torno do *fogo de chão*.

Assim, a construção de CTGs no Oeste do Paraná é entendida como uma forma de (re)construção de uma memória coletiva às pessoas que o integram, através da afirmação de uma identidade que tem como base as representações construídas pela tradição inventada. A capacidade de legitimação desta identidade está relacionada com o reconhecimento destes CTGs da região, pelo seu poder não apenas material, mas também simbólico (SZEKUT, 2014, p.23).

6.2.1. MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ

Considerando o passado cultural do Paraná, com influência da cultura gaúcha, não é de todo surpreendente que o primeiro Centro de Tradições Gaúchas fora do estado do Rio Grande do Sul tenha surgido em território paranaense, na cidade de Ponta Grossa, em 1958: o CTG Vila Velha. Em 1962, foi fundado o CTG Vinte de Setembro, em Curitiba, e outras entidades foram surgindo por todo o Paraná.

A exemplo dos núcleos anteriores, o CTG Vila Velha reproduzia os valores e a ideologia vivenciada nos centros rio-grandenses nesse outro mundo social, cujo desenvolvimento histórico não havia conhecido a formação de estâncias ou lutas pela demarcação de fronteiras, nem mesmo peões guerreiros e campeadores que pudessem ser mitificados e convertidos em heróis. Mas, embora resultasse de um processo histórico bastante diferente, Ponta Grossa também possuía um passado campeiro, sobre o qual assentava-se o discurso sobre sua origem. A princípio, e de uma forma geral, pode-se dizer que foi esse passado que tornou possível a aceitação de um centro dedicado ao culto às tradições gaúchas na cidade. Porquanto não tivessem ligação alguma com a Campanha gaúcha, os adeptos do CTG ponta-grossense construíram um discurso em prol da história local, por sua vez inserida na história dos Campos Gerais (SOPELSA, 2005, p.35).

Sopelsa (2004) conta que, no início, o CTG Vila Velha era formado por um pequeno grupo de indivíduos oriundos do Rio Grande do Sul, mas que em poucos anos passou a contar com paranaenses que se identificavam com a cultura gaúcha. Após campanhas de divulgação, em três anos o CTG contava com mais de 200 inscritos no seu quadro de sócios, promovendo regularmente festas e encontros nos eu galpão, além de participar de programas de rádio e publicar artigos nos jornais sobre a cultura gaúcha. Em 1965, o CTG organizou o primeiro rodeio tradicionalista do Paraná. “Nele foram realizadas tertúlias, rodas de chimarrão, churrascadas, apresentações artísticas, bailes e até mesmo uma missa crioula, atividades que chamaram a atenção da população local e das cidades circunvizinhas” (SOPELSA, 2005, p.75).

Szekut (2014, p. 16) aponta que “[...] podemos visualizar os CTGs como espaços de reconstrução da memória coletiva do gaúcho e, a partir da observação da organização e difusão destes centros, perceber que formam uma rede de sociabilidade”. Com o intuito de congregar esses CTGs e organizá-los, em 05 de dezembro de 1975, na cidade de Ponta Grossa, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná (MTG-PR). Em 9 de setembro de 1976, em Guarapuava, realizou-se a primeira Convenção Tradicionalista Gaúcha do Paraná, em que se discutiu e aprovou o estatuto e regulamentos da entidade.

Segundo o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná (2015), a entidade conta atualmente com 335 CTGs ativos, divididos em 17 regiões tradicionalistas, sendo que a 1ª Região é a mais numerosa, com 70 entidades tradicionalistas em atividade.

CAPÍTULO 7—EXPRESSÕES DA IDENTIDADE GAÚCHA NOS DIÁRIOS PARANAENSES

A presente pesquisa parte de algumas hipóteses iniciais e busca verificar sua validade, como a de que a identidade cultural gaúcha teria uma presença maior no sudoeste do Paraná, por conta da colonização rio-grandense mais recente, e menor no Norte, que não teve a presença tão marcante da cultura gaúcha na colonização; de que em cidades maiores a presença é diluída por conta da pluralidade cultural e em cidades menores, com uma atuação mais forte do jornalismo local e regional, eventos e atividades ligados à cultura gaúcha teriam maior probabilidade de ganhar espaço nos jornais; de que as notícias sobre a identidade cultural teriam um caráter de agenda cultural dos eventos e não de problematização da cultura.

Por conta do processo de formação do Paraná, que se deu em sucessivas frentes de colonização, as regiões têm diferenças marcadas e que afetam a forma como as populações, e consequentemente o jornalismo regional, vêem a cultura, a tradição e, em específico, a identidade cultural gaúcha. São diversos os aspectos que caracterizam as peculiaridades de cada região e, portanto, que influenciam na sua cultura.

No Paraná Tradicional, região composta pelo litoral, região metropolitana de Curitiba, Campos Gerais e Campos de Guarapuava, a colonização começou antes (no século XVIII) e se estendeu por um longo período. A mineração e depois o tropeirismo e criação de gado foram ciclos econômicos lentos, de evolução pausada, o que fez com que a cultura trazida pelos portugueses para o litoral, com a mineração, e pelos gaúchos para os Campos, com o tropeirismo, tivesse tempo para ser adaptada à região. Os moradores que passam a viver no Paraná nessas regiões passam pelo processo de se tornar paranaenses, trazendo sua cultura, porém a adaptando para uma nova região. Por isso, o gauchismo nessas regiões do Paraná é diferente, mais imbricado nas classes populares e reconhecível nas ações do dia-a-dia, como o ato de tomar chimarrão, a sabedoria e dizeres populares, a dança popular e as festas.

Tal peculiaridade aparece na cobertura dos jornais regionais. A *Gazeta do Povo* traz duas matérias sobre a cultura gaúcha: uma que faz referência à história do tropeirismo, e outra que fala sobre o agronegócio da erva-mate. São matérias que colocam o gauchismo com uma certa sutileza na sociedade paranaense, sem demarcar sua diferença ou a distinção de uma chamada cultura paranaense. No *Diário dos Campos*, o que aparece no período analisado é a referência histórica à formação da cidade, especialmente na comemoração do aniversário de Ponta Grossa. No *O Comércio*, de União da Vitória, todas as matérias publicadas com elementos do gauchismo têm relação com a Festa da Costela, ou seja, a demarcação de um produto que é marcante na culinária gaúcha como típico de União da Vitória, como parte da cultura gaúcha paranaense.

As regiões Norte e Noroeste têm uma formação bastante diferente do restante do Estado, já que sofreram uma colonização recente, em sua maioria no século XX, e dirigida principalmente por empresas britânicas, com imigração de japoneses e, dentre os brasileiros, mineiros, paulistas e nordestinos. As cidades da região, em especial Maringá e Londrina, cresceram rápido e se modernizaram em pouco tempo, criando ambientes urbanos com população elevada mas também com altos indicadores de qualidade de vida.

A pequena influência da cultura gaúcha nessa região fica clara na cobertura dos jornais *Folha de Londrina* e *O Diário do Norte do Paraná*, com notícias curtas sobre a ação dos CTGs na cidade. Os CTGs, nesses casos, são tratados como clubes isolados da sociedade londrinense e maringaense, não como pertencentes à cultura da região.

Não é por acaso que o maior número de notícias sobre a cultura gaúcha na amostragem desta pesquisa esteja no Oeste e Sudoeste do Paraná. A colonização realizada por empresas na região é recente (a partir dos anos 1940) e dirigida principalmente a colonos rio-grandenses e catarinenses. Esse contexto de povoamento fez com que a cultura gaúcha se colocasse como parte integrante da sociedade, embora de forma mais recente do que no Paraná Tradicional, ou seja, ainda isolada do contexto paranaense e ‘importada’ em seus formatos originais.

Assim, os jornais *Correio do Povo do Paraná*, *Diário do Sudoeste*, *Jornal de Beltrão*, *Jornal do Oeste*, *O Paraná* e *O Presente* mostram em suas coberturas uma presença de entidades da cultura gaúcha, principalmente os CTGs, no cotidiano.

Percebe-se uma ligação da forma como se trata os temas gaúchos nos jornais com a presença da colonização gaúcha. Enquanto que os jornais de Laranjeiras do Sul e de Cascavel têm uma cobertura menos expressiva, talvez por serem cidades que receberam a colonização gaúcha em outro ponto de sua formação, já existindo antes como entrepostos militares ou pequenas vilas, os jornais de Francisco Beltrão, Toledo, Pato Branco e Marechal Cândido Rondon deixam clara em sua cobertura a grande penetração do gauchismo na cultura da região, em consonância com o que apontam autores como Szekut (2014) e Zatti (2006).

A presença de notícias em diversos formatos sobre o chimarrão é marcante. Esse elemento é essencial na cultura gaúcha e paranaense, como assinala Ferreira (1996): além de ser um ritual cotidiano e cultural que é simbólico para a cultura gaúcha e também consumido pelos indígenas da região do Paraná desde o período Pré-Colonial, a produção da erva-mate marcou por um bom tempo a economia paranaense. Por isso, vários dos jornais analisados utilizaram tal referência nas suas matérias, seja na representação visual da cuia de chimarrão, seja nas notícias de Mateadas promovidas em comemoração à Semana Farroupilha, na referência ao ritual da roda de chimarrão, no nome de colunas fixas do jornal, ou na temática da produção de erva-mate.



Figura 9 – Exemplos de matérias que utilizam o elemento identitário Chimarrão nos jornais *Gazeta do Povo*, *Diário do Sudoeste*, *Jornal do Oeste*, *O Paraná* e *Jornal de Beltrão*.

Uma possível interpretação dos dados, quanto ao jornalismo local e regional, é de que os jornais de tiragem menor e que circulam majoritariamente em cidades

pequenas têm um apego maior às culturas regionais do que jornais maiores, em cidades com uma diversidade maior de identidades para contemplar nas notícias. Essa hipótese ajudaria a explicar um dos porquês que contribuem para o fato de jornais como a *Gazeta do Povo*, de Curitiba, a *Folha de Londrina*, o *Diário do Norte do Paraná*, de Maringá, e o *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa, cidades que têm as quatro maiores populações do Paraná, dedicarem pouco espaço para a cultura gaúcha nas suas páginas, mesmo durante a Semana Farroupilha.

Em cidades menores, como Francisco Beltrão, Marechal Cândido Rondon, Pato Branco e União da Vitória, supõe-se que a pluralidade cultural possa ser menor do que nas cidades com maior população e, por isso, seria mais comum encontrar notícias que falam sobre a cultura regional. Além disso, os jornais locais baseiam sua produção noticiosa na proximidade com o leitor, na medida em que abordam temas da comunidade a qual pertencem, com base no que dizem Peruzzo (2005) e Lima (2008).

Ao escolher valorizar ou não as identidades culturais regionais, os jornais delimitam uma escolha por uma determinada construção da realidade. Além da pouca visibilidade de temas culturais, as culturas regionais, em específico, não fazem parte de uma idéia cosmopolita de integração ao mundo globalizado. Supõe-se que seja esse um dos motivos contextuais para o baixo número de matérias sobre a cultura gaúcha nos jornais de tiragem maior e em cidades com maior população.

Dentre os jornais analisados nos períodos de 13 a 27 de setembro de 2014 e de 2015, com relação às matérias e chamadas de capa que faziam referência à cultura gaúcha, o que mais publicou, tanto no número de matérias e chamadas quanto no percentual relativo ao total de matérias, foi o *Jornal de Beltrão*. Em seguida, *O Comércio* publicou um percentual considerável de chamadas de capa, e também várias matérias nas páginas internas. O *Diário do Sudoeste* também deu, relativamente aos outros jornais, destaque para o gauchismo tanto nas capas quanto nas páginas internas.

Os jornais que deram menor espaço para a identidade cultural gaúcha nas suas páginas no período analisado foram a *Folha de Londrina*, o *Diário dos Campos*, a *Gazeta do Povo* e o *Diário do Norte do Paraná*, sendo que, destes, somente o jornal curitibano teve uma chamada de capa sobre o assunto, enquanto que os três outros jornais não dedicaram espaço editorial nas capas aos aspectos do gauchismo. Percebe-se que esses

quatro jornais têm tiragens mais altas e circulam em cidades com populações maiores, em contraponto aos maiores percentuais de matérias sobre a identidade gaúcha nos jornais menores, o que serve para sustentar a hipótese de que jornais de cidades pequenas têm maior apelo editorial às culturas regionais.

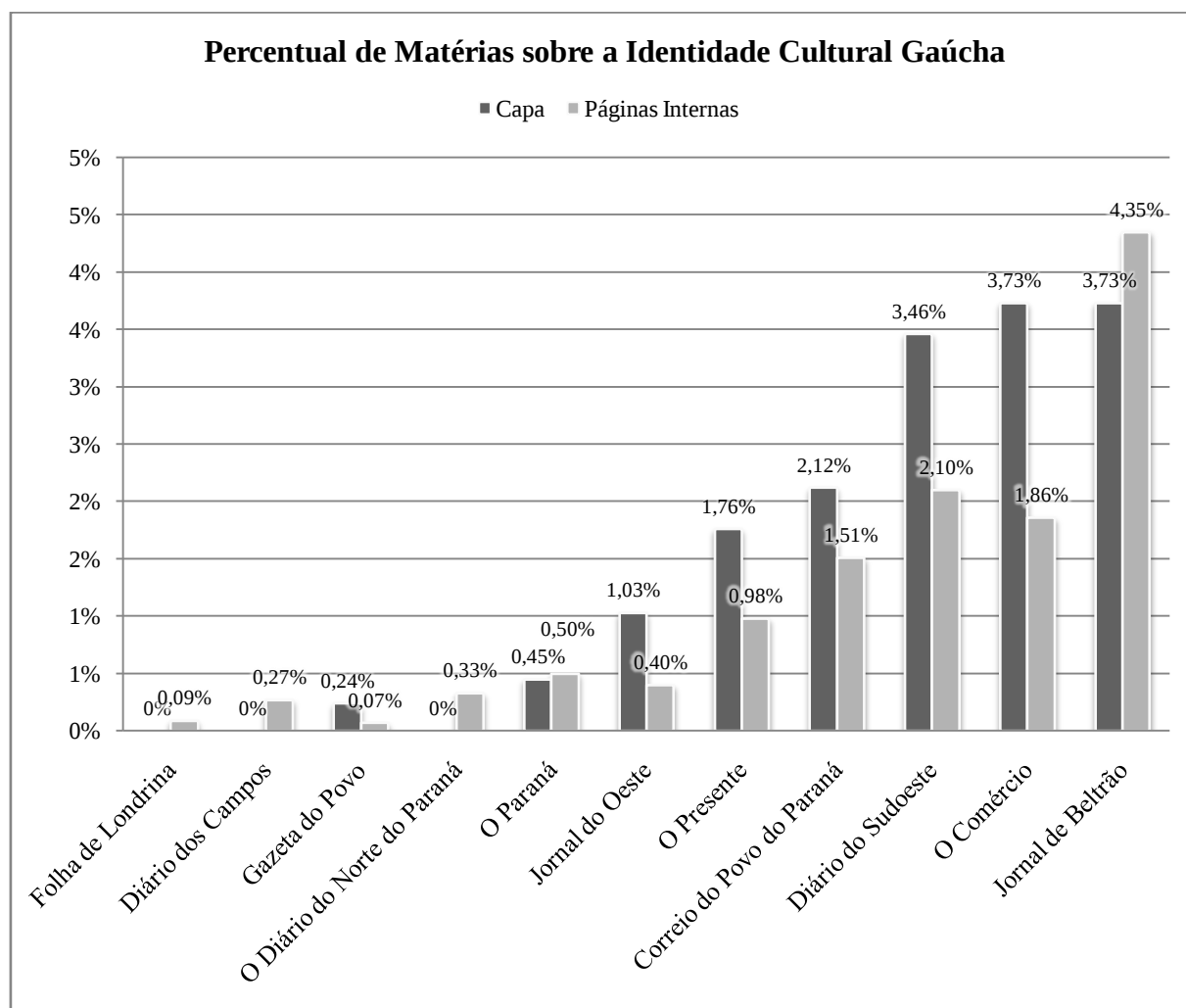


Gráfico 1- Percentual de matérias que fazem referência à identidade cultural gaúcha nas capas e páginas internas dos jornais analisados.

Em geral, a cobertura da identidade cultural gaúcha feita pelos jornais no período foi baseada mais em uma espécie de agenda cultural dos eventos tradicionalistas do que na efetiva problematização da cultura. Em uma porção considerável dos jornais houve a predominância de notícias que traziam apenas as informações básicas dos eventos, com a programação e atividades planejadas. Como compilações de dados, os textos servem ao propósito de cumprir um serviço aos leitores, sem no entanto aprofundar a apuração das notícias para além do que é recebido de assessorias ou das entidades promotoras dos eventos. Essa constatação está em consonância com o debate de Melo (2008), sobre as

características do jornalismo cultural brasileiro, dentre as quais está a prestação de serviços de agenda cultural. Esse jornalismo cultural de serviços é apontado por Gadini (2009), ao identificar que a maior parte dos cadernos culturais brasileiros dedicam mais de metade de seu espaço a informações como roteiros, programações e colunas sociais.



Figura 10 – Exemplos de notícias sobre eventos tradicionalistas publicadas nos jornais *Folha de Londrina*, *Jornal do Oeste*, *Jornal de Beltrão*, *Correio do Povo do Paraná*, *O Presente*, *O Diário do Norte do Paraná*, *Diário do Sudoeste* e *O Paraná*.

Por haver uma preferência dos jornais por publicarem as notícias com a função de “agendas culturais”, a maioria das temáticas predominantes nas matérias são os eventos da Semana Farroupilha (71 matérias) ou outros eventos gaúchos (50 matérias).

Além disso, 25 matérias são sobre as pessoas que participaram das comemorações da Semana Farroupilha e as 16 matérias restantes são sobre outros temas, como se pode ver no Gráfico 2.

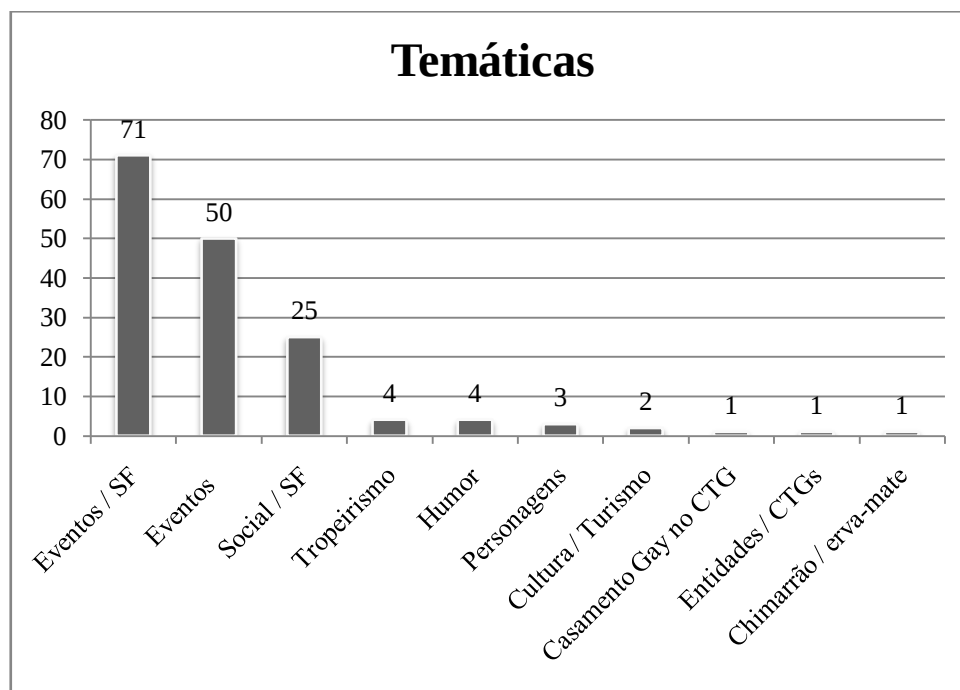


Gráfico 2 – Temáticas predominantes nas matérias sobre a identidade cultural gaúcha.

Quanto aos aspectos jornalísticos da cobertura de temas da cultura gaúcha, os gêneros das matérias mostraram uma predominância de textos informativos, com 177 entradas (chamadas de capa e matérias nas páginas internas), e 20 textos opinativos nos jornais em todo o período. Nenhum dos jornais analisados fez chamadas de capa para textos opinativos sobre a cultura gaúcha. O único jornal em que houve um maior número de matérias com caráter opinativo (dois textos) do que informativo (um texto) foi o *Diário dos Campos*.

Novamente, esse dado corrobora com a ideia de que, quando falam sobre a cultura gaúcha, os diários não propõem reflexões, mas meramente repassam informações. Peruzzo (2005, p. 82) assinala que esse tipo de jornalismo cultural, no Brasil, se torna um padrão, reproduzido por jornais das capitais dos estados e das cidades do interior. Os veículos informativos regionais deixam, então, de utilizar a relação de proximidade com o leitor com a função de problematizar a cultura, para repetir a fórmula estabelecida pelos maiores jornais brasileiros.

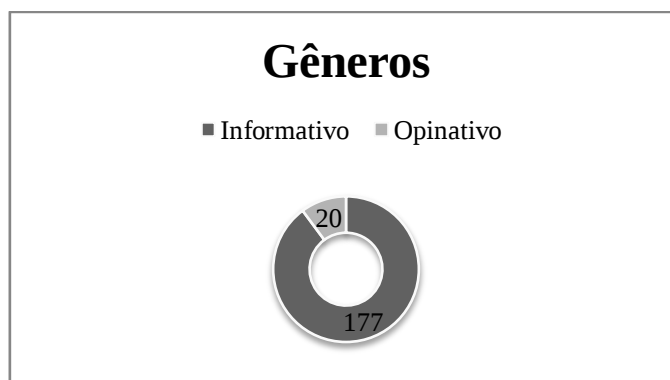


Gráfico 3 – Número de entradas de gênero informativo e opinativo.

A escolha dos formatos para as chamadas de capa denota a importância e destaque dados aos temas no jornal. Na amostragem da pesquisa, foram coletadas 34 menções de capa sobre o gauchismo, sendo que 12 eram chamadas com foto, 6 manchetes com foto, 6 fotolegendas, 6 chamadas-título e 4 chamadas sem foto. Esse número (34 entradas) significa 1,33% do total de chamadas de capa, o que, considerando-se a pouca presença da cultura em geral nos jornais brasileiros, é um número digno de nota. Das 164 matérias sobre a cultura gaúcha nos jornais, 20,73% teve o destaque nas capas.

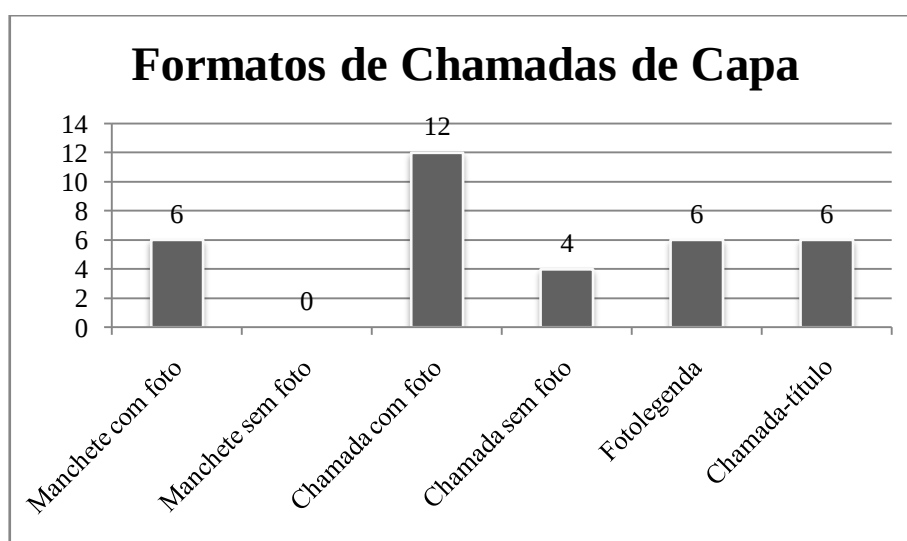


Gráfico 4 – Formatos das chamadas de capa sobre a cultura gaúcha.

“Sendo uma forma de interpretação apropriativa da realidade, os gêneros jornalísticos são uma construção e uma criação” (SOUSA, 2005, p. 231). Assim, o formato em que são redigidas e publicadas as notícias interfere na produção de sentidos, sendo uma tarefa deliberada do jornalista, segundo Sousa, que revela as apropriações e interpretações da realidade.

Nas páginas internas, as matérias foram predominantemente no formato “Notícia” ou “Coluna Assinada”, bem como “Notas Informativas”. Tais notas, tanto isoladas quanto em colunas, geralmente apresentam um texto curto, sem fontes e sem contextualização do fato noticiado, e algumas traziam fotos, principalmente nas colunas. A notícia é o gênero básico do jornalismo (SOUSA, 2005, p. 232), sendo portanto esperado a maior parte dos textos estejam formatados desta forma.

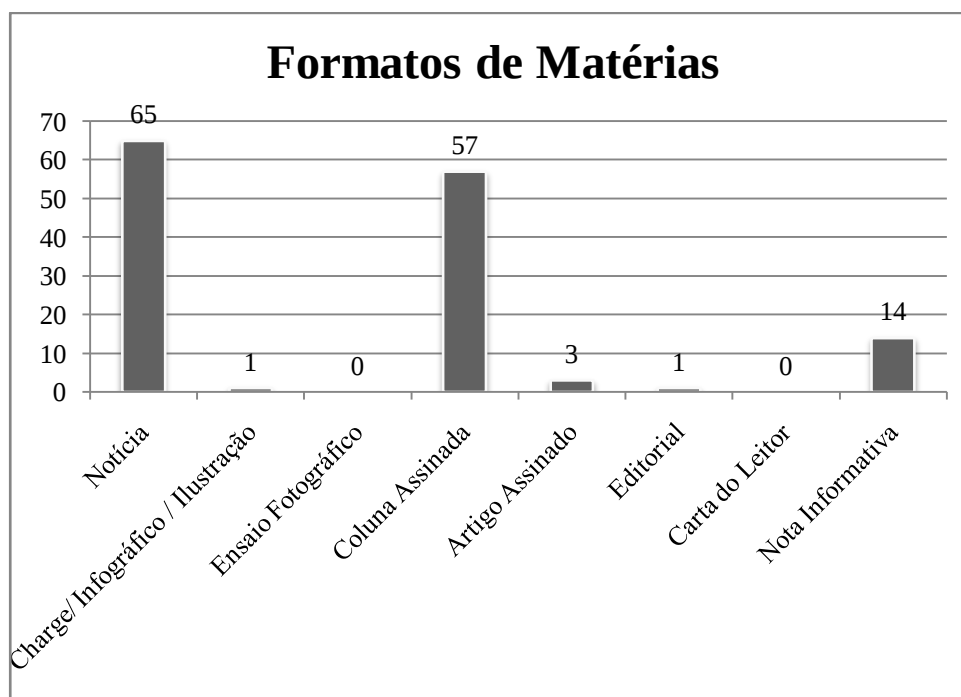


Gráfico 5 – Formatos das matérias sobre a cultura gaúcha.

Sousa (2005, p. 63) destaca que as fontes de informação imprescindíveis para o bom jornalismo. “Não existiria investigação jornalística sem fontes de informação. Mais: grande parte da informação jornalística não existiria sem fontes de informação” (2005, p.63). Considerando-se que a abordagem jornalística da realidade pressupõe um maior número de fontes, a baixa média de fontes por matéria em todos os jornais indica um prejuízo no compromisso editorial com a qualidade da informação. Como aponta Schmitz (2011, p.10), “o crédito é um elemento básico da produção jornalística. A princípio, toda fonte deve ser identificada”.

A maior média de fontes por matéria ficou com a *Gazeta do Povo*, que, embora tenha publicado apenas duas matérias sobre a cultura gaúcha, utilizou oito fontes, e a menor média ficou com *O Diário do Norte do Paraná*, que citou somente uma fonte nas 5 matérias que publicou. Sete jornais citaram, em média, menos de uma fonte por matéria,

o que demonstra o descompromisso com a pluralidade editorial, que pressupõe um número de fontes maior do que o utilizado.

No mesmo sentido, Peruzzo (2005, p.81) afirma que a falta de ampla cobertura e apuração dos acontecimentos é uma tendência do jornalismo local e regional que se pratica hoje. Ela defende ainda que “perde-se uma oportunidade de mercado, a de trabalhar com competência a informação de proximidade, que é a razão de ser da imprensa local” (PERUZZO, 2005, p.81).

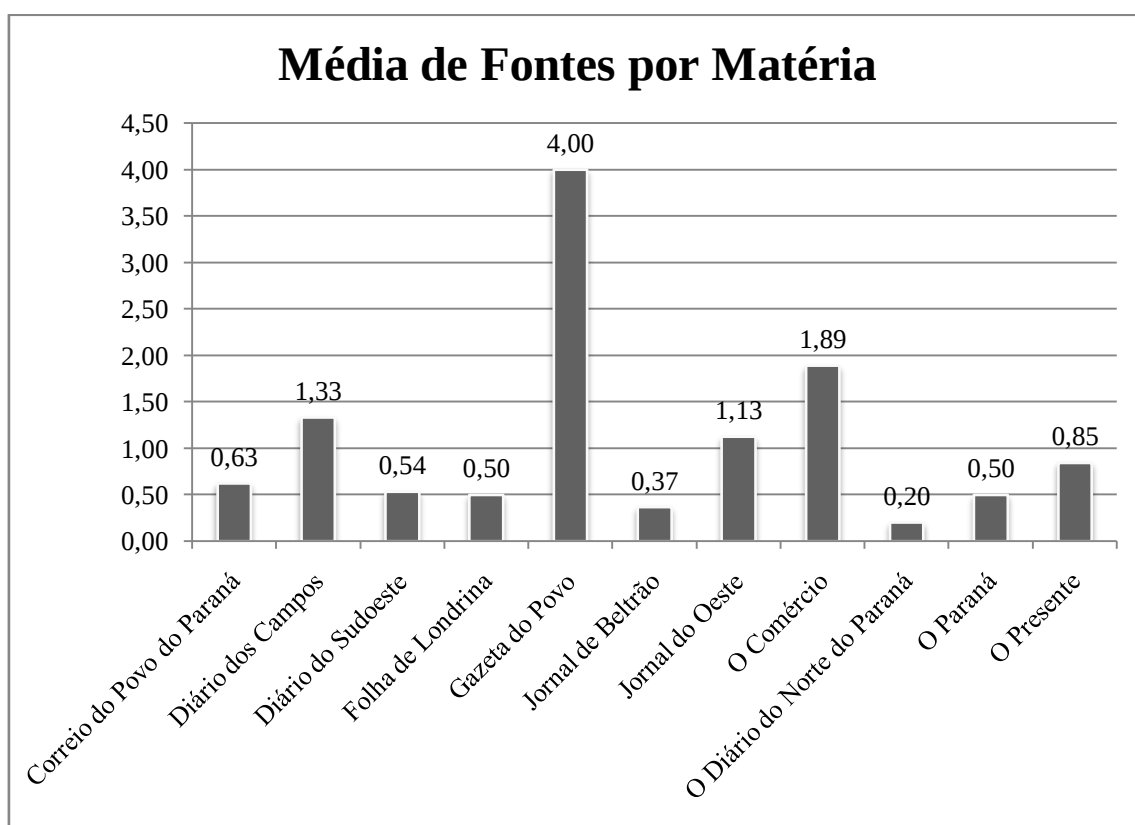


Gráfico 6 – Média de fontes por matéria sobre a cultura gaúcha.

Do total de 104 fontes citadas nas matérias sobre o gauchismo em todos os jornais no período analisado, a maioria (63 fontes) eram fontes institucionais, geralmente os patrões ou porta-vozes de CTGs. Por isso, a maior parte das notícias revelam que tais informações foram cedidas pelas entidades que promoviam eventos, sem questionar ou mesmo complementar esses dados.

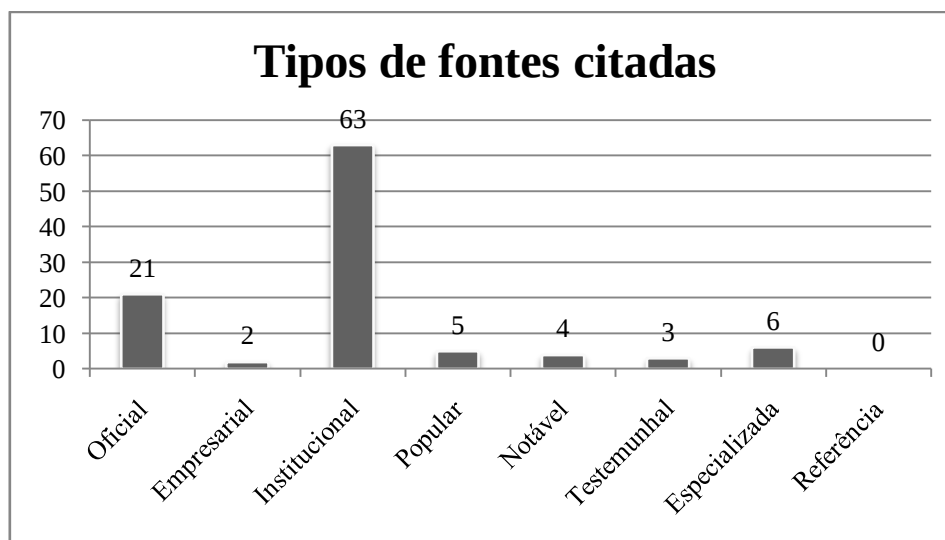


Gráfico 7 – Classificação das fontes citadas nas matérias sobre a identidade cultural gaúcha.

A imagem, como elemento jornalístico, estabelece uma distinção, agindo como um chamariz para a notícia a qual está vinculada. “As fotos constituem um dos primeiros focos de atenção do leitor e ajudam a orientar o leitor na página” (SOUSA, 2005, p.391). A notícia que possui imagens, além de chamar a atenção dos leitores, demonstra um cuidado em transmitir informações mais diversificadas e estabelecer uma relação mais próxima com a realidade. Além disso, no jornalismo cultural, a imagem tem papel fundamental, ao tornar mais visíveis elementos identitários e transmitir com mais clareza determinados aspectos da cultura em questão. Novamente, a *Gazeta do Povo* teve a maior média, com 7 fotos em 3 entradas, e a *Folha de Londrina* e *O Diário do Norte do Paraná* não publicaram nenhuma imagem.

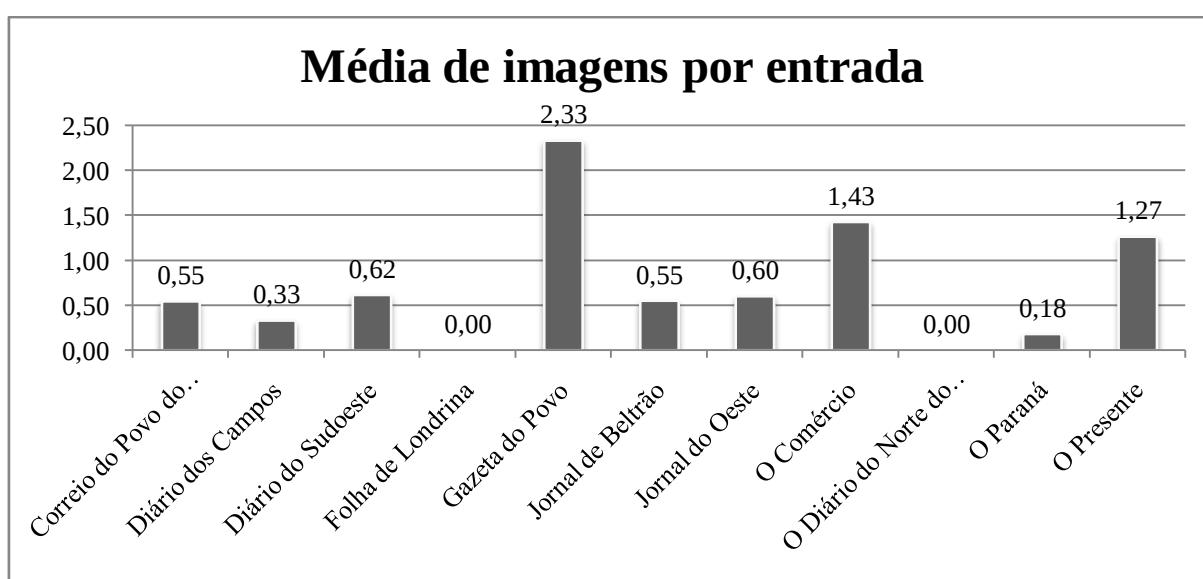


Gráfico 8 – Média de imagens por entrada nas matérias que tratam da cultura gaúcha nos jornais analisados.

Quanto ao tipo de imagem publicada, 126 eram fotografias e apenas 6 ilustrações (dentre mapas, desenhos e infográficos). A constatação segue a tendência das imagens jornalísticas, com preferência de fotografias por demandarem menor tempo de produção e por carregarem a verossimilhança que é característica da fotografia e que dá à notícia um caráter simbólico de proximidade com a verdade dos fatos. Vale ressaltar o conceito de Sousa (2005), que aponta a mudança na visão que se tem do fotojornalismo: enquanto, em um primeiro momento, a fotografia foi encarada como o registro visual da verdade, “hoje, já se chegou à noção de que a fotografia pode representar e indiciar a realidade, mas não registrá-la nem ser o seu espelho fiel” (SOUSA, 2005, p. 417).



Gráfico 9 – Tipos de imagens publicadas nas matérias sobre o gauchismo.

Como a maior parte das matérias publicadas pelos jornais nesse período sobre a cultura gaúcha fazia referência aos eventos comemorativos da Semana Farroupilha, não é surpreendente que o elemento identitário mais utilizado tenha sido “Eventos”. Em segundo lugar, “Indumentária” foi um elemento frequentemente utilizado nas imagens, como forma de referenciar visualmente a cultura gaúcha. “Culinária” e “Música” também são relacionados com o fato de as matérias falarem sobre eventos que possuíam jantares, almoços e shows de música.

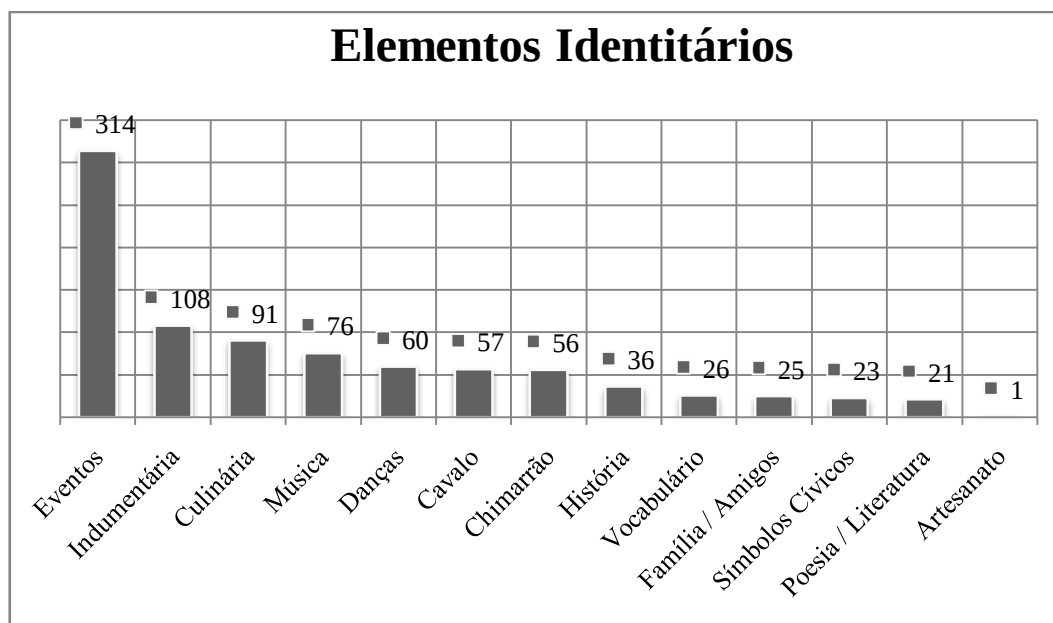


Gráfico 10 – Total de elementos identitários mobilizados na amostragem da pesquisa.

7.1. CORREIO DO POVO DO PARANÁ

No período analisado, o *Correio do Povo do Paraná* circula com 21 edições: 11 em 2014 e 10 em 2015. Foram publicadas 141 chamadas de capa, das quais 2,12% fazem referência à cultura gaúcha, enquanto que 1,51% das 528 matérias nas páginas internas são sobre o gauchismo.

CORREIO DO POVO DO PARANÁ

	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	11	10	21
CHAMADAS DE CAPA	76	65	141
SOBRE I.C.G	1	2	3
%	1,31%	3,07%	2,12%
PÁGINAS INTERNAS	264	264	528
SOBRE I.C.G	5	3	8
%	1,89%	1,13%	1,51%

Tabela 2- Matérias publicadas no *Correio do Povo do Paraná* no período analisado.

Nas páginas internas, a identidade cultural gaúcha aparece em 8 matérias. Destas, três (37,5%) tiveram chamadas de capa. Das chamadas de capa sobre identidade gaúcha veiculadas pelo jornal, duas são sobre eventos da Semana Farroupilha (“CTG Rincão Serrano promove 1ª Semana Farroupilha” – 16/09/2014 e “A pedido de Nereu Moura, Alep aprova homenagem à Semana Farroupilha” – 16/09/2015) e uma sobre personagens, duas prendas que participaram de concursos culturais (“Jovens contam segredos e atributos da vida como prendas” – 18/09/2015).

A chamada de capa e a matéria correspondente (“O que é que a prenda tem?”) diferem da cobertura usual da cultura gaúcha encontrada na amostragem, baseada em eventos e com papel de agenda cultural, como é o usual no jornalismo cultural brasileiro (GADINI, 2009). Por meio das personagens, a notícia busca contextualizar, embora de forma superficial, um dos aspectos da cultura gaúcha, que é o papel da mulher (prenda), especialmente dentro de um CTG. No entanto, ainda assim há um quadro informativo sobre as atividades comemorativas da Semana Farroupilha.



Figura 11 – Reportagem “O que é que a prenda tem?”, publicada pelo *Correio do Povo do Paraná* em 18/09/2015.

Dos elementos identitários que aparecem na cobertura do *Correio do Povo*, a referência a eventos gaúchos é a que mais aparece, principalmente nos textos e nos títulos das matérias. Nas imagens, o jornal prioriza fotografias que mostrem a indumentária gaúcha para fazer referência à identidade. Esses dados, repetidos na maior parte dos diários analisados, estão em consonância com a atual configuração do jornalismo cultural, com predominância de agenda cultural (GADINI, 2009) e com a descrição da identidade cultural gaúcha, em que aparece com destaque a ‘pilcha’ gaúcha (BRUM NETTO; BEZZI, 2009), em especial na referência ao gaúcho paranaense (ZATTI, 2013).

CORREIO DO POVO DO PARANÁ		ELEMENTOS IDENTITÁRIOS												
		CHIMARRÃO	INDUMENTÁRIA	DANÇAS	MÚSICA	HISTÓRIA	ARTESANATO	CULINÁRIA	FAMÍLIA / AMIGOS	EVENTOS	POESIA / LITERATURA	VOCABULÁRIO	CAVALO	SÍMBOLOS CÍVICOS
CAPA	TÍTULO									1		1		
	TEXTO													
	IMAGEM		2	1										
	LEGENDA											1		
PÁGINAS INTERNAS	TÍTULO									3		3		
	TEXTO	2	3	3	2	2	1	2		4	2	1	1	1
	IMAGEM		3									1	1	1
	LEGENDA		1							2			1	

Tabela 3 – Elementos identitários referenciados pelo *Correio do Povo do Paraná*

No geral, o *Correio do Povo* não publica um número grande de entradas sobre a cultura gaúcha, mas traz uma reportagem que problematiza o tema para além da agenda cultural. O jornal também utiliza uma diversidade maior de elementos identitários para falar sobre o tema, publica dois textos opinativos nas páginas internas e seis fotografias para acompanhar as matérias, o que parece demonstrar uma preocupação com a forma de tratar esse tipo de assuntos, com uma discussão da cultura, ainda que superficial.

7.2. DIÁRIO DOS CAMPOS

O *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa, teve 24 edições no período analisado dos dois anos, com 261 chamadas de capa e 1082 matérias nas páginas internas. O percentual de matérias sobre a identidade cultural gaúcha é de 0,27%, o que corresponde a três notícias, e nas capas não há nenhuma menção ao gauchismo nesse período.

DIÁRIO DOS CAMPOS			
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	12	12	24
CHAMADAS DE CAPA	119	142	261
SOBRE I.C.G	0	0	0
%	0%	0%	0%
PÁGINAS INTERNAS	536	546	1082
SOBRE I.C.G	1	2	3
%	0,18%	0,36%	0,27%

Tabela 4 – Matérias publicadas pelo *Diário dos Campos* no período analisado.

Das três matérias nas páginas internas, uma, veiculada em 24 de setembro de 2014, fala sobre os prêmios conquistados por um gaiteiro de Irati nos concursos tradicionalistas (“Artista de Irati conquista 8 títulos em concursos”). Os dois textos publicados em 2015 são artigos opinativos sobre o aniversário da cidade, que fazem referência à origem tropeira de Ponta Grossa (“Parabéns, Ponta Grossa” – 15/09/2015, “Graciosa, despretensiosa” – 17/09/2015).

Na matéria de 2014 sobre o jovem gaiteiro que participa de um CTG em Irati, embora o garoto represente o CTG e só toque músicas tradicionalistas gaúchas nas competições, esse não é o foco do texto noticioso. Predomina o perfil do personagem e o relato de como ele começou a tocar a gaita, além do tom elogioso à Secretaria de Cultura de Irati, de onde provavelmente veio o *release* da assessoria, como fica claro na informação ao fim do texto - “Das Assessorias”. Peruzzo (2005, p. 43) destaca que uma das tendências negativas do jornalismo local atualmente é a utilização acrítica de releases de assessorias de imprensa, em especial dos órgãos governamentais.



Figura 12 – Matéria “Artista de Irati conquista oito títulos em concursos”, publicada pelo *Diário dos Campos* em 24/09/2014.

O tom de relato histórico está presente nos dois artigos publicados em 2015 pelo *Diário dos Campos*. No texto “Graciosa, Despretensiosa”, o autor faz um apanhado histórico da formação de Ponta Grossa, desde o tropeirismo. O tom elogioso à beleza da cidade e seu desenvolvimento econômico fica claro, já que o texto é uma homenagem ao aniversário da cidade. A referência à formação da cidade, como foi descrita por Ferreira (1996), funciona somente como referência histórica, sem problematização da cultura pontagrossense.



Figura 13 – Artigo “Graciosa, Despretensiosa”, publicado pelo *Diário dos Campos* em 17/09/2015

Não é mobilizado grande número de elementos identitários nas matérias do *Diário dos Campos*. Duas fazem referência somente à história, que tem relação com o gauchismo, e o outro texto, à música e aos eventos gaúchos.

Quando fala sobre Ponta Grossa, o *Diário dos Campos* não publica matérias diretamente relacionadas à cultura gaúcha, fazendo somente referência a uma história marcada pelo tropeirismo. Ressalta-se a matéria publicada em 2014, sobre um jovem gaiteiro de Irati, que traz a cultura na atualidade, mas relacionada a outra cidade da região.

7.3. DIÁRIO DO SUDOESTE

O jornal de Pato Branco *Diário do Sudoeste* circula com 24 edições no período analisado, com 173 chamadas de capa, 5 das quais são sobre a cultura gaúcha. Nas páginas internas, 28 matérias sobre a identidade gaúcha configuram 2,1% das matérias publicadas pelo jornal nesse período.

DIÁRIO DO SUDOESTE			
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	13	11	24
CHAMADAS DE CAPA	83	90	173
SOBRE I.C.G	5	0	5
%	7,2%	0%	3,46%
PÁGINAS INTERNAS	760	572	1332
SOBRE I.C.G	22	6	28
%	2,89	1,04	2,1

Tabela 5 – Matérias publicadas pelo *Diário do Sudoeste* no período analisado.

Em 2015, o *Diário do Sudoeste* publica menos matérias sobre a cultura gaúcha do que em 2014. São 22 notícias no primeiro ano, com 6 chamadas de capa, enquanto que em 2015 são 6 notícias e nenhuma chamada de capa. No primeiro ano, a cobertura do jornal prioriza os eventos da Semana Farroupilha de Pato Branco e de cidades

da região, além de divulgar ações dos CTGs e de grupos da cultura gaúcha. É o caso da matéria “Semana Farroupilha termina com gastronomia, mateada e provas de tiro de laço, em Pato Branco”, de 22 de setembro de 2014, que exemplifica a forma como o jornal tratou o tema do evento gaúcho. Em diversas matérias, foi feito um apanhado de eventos que ocorriam ao mesmo tempo, reunidos em um só texto. No caso da matéria da Figura 14, o texto traz a Semana Farroupilha de Pato Branco, o jantar do Boi no Rolete, a Mateada Rosa e a Copa de Laço. Tal diferença entre as coberturas de 2014 e 2015 indica que não há uma regularidade previsível na forma como o jornal aborda o tema.

CIDADE

Semana Farroupilha termina com gastronomia, mateada e provas de tiro de laço, em Pato Branco

DAFANE DO NASCIMENTO
dafane@diariosudoeste.com.br

Comemorando a Semana Farroupilha, a semana que passou foi de festa e de muitas lembranças aos tempos passados, para os gaúchos de Pato Branco. Várias atividades em comemoração ao momento especial de culto às tradições de um povo que sobreviveu a uma “guerra guerre”, marcaram as programações dos CTGs Tarca Nativista e Carreteando a Saudade. Neste final de semana, ambos os centros de tradição gaúcha finalizaram os festejos, cada um a sua forma, sempre com muito respeito à cultura gaúcha.

Gastronomia

Conforme o patrio do CTG Tarca Nativista, Antonio Fernandes Caldehella, que a programação em comemoração à Semana Farroupilha deles iniciou ainda no sábado passado, quando eles mostraram uma cena de show na propriedade do CTG e durante toda a semana realizaram apresentações de danças tradicionais gaúchas, prosas, poesias, contos de caçador, gaita, violão, chula, dança de salão, entre outras. Além disso, das tradicionais moças de chimarrão e uma programação gastronômica especial durante a semana.

Segundo Caldehella, a entidade deu início à programação com uma cangaleta no sábado (13), que saiu da praça Presidente Vargas levando a chama cívica até o CTG, onde posteriormente foi realizada uma missa cívica, com jantar aroze de galinha e show de um grupo nativista. No domingo (14), foi realizado churrasquinho padrinho, com tertúlia. Na segunda-feira (15), todas as iaternadas se reuniram e foram servidos lanches diversos. Na terça-feira (16), a programação seguiu a mesma de segunda-feira e na quarta-feira (17) foi servida macarronada com galinha a cargo da iaternada mirim A e tertúlia. Na quinta (18), a iaternada mirim B promoveu a venda de lanches diversos e tertúlia.

Novidade

Uma das novidades da programação gastronômica aconteceu na sexta-feira (19), quando o CTG serviu o jantar Boi no Rolete. De acordo com o patrio, eles comemoraram em parceria com o CTG de Marcel Cândido Rodon, que se deu o boi, cada um com 250 quilos. “Os bois foram temperados no frigideiro, frito, leão de amêijoas, depois foram trazidos para o CTG e lá 7h foram para os fogões para assar, eles foram servidos por volta das 20h30”, contou Caldehella. Mais de 800 pessoas apreciaram a iguaria, que foi servida pelo CTG Tarca Nativista pela primeira vez.

A programação continuou no sábado (20) com o feijão tropeiro, a cargo da iaternada Adulta e no domingo (21), o CTG encerrou a Semana Farroupilha com contêido no chulo, que foi servido em

lito para 25 pessoas pela iaternada veterana.

Para o patrio, essa foi uma das melhores programações já organizada em comemoração à Semana Farroupilha. De acordo com ele, todas as iaternadas estão de parabéns pelo engajamento e pelo sucesso de público que participou dos eventos. “Todas as noites tivemos 600, 700 pessoas nos nossos eventos, o que foi importante, eu como patrio não esperava, foi muito gratificante ver as pessoas colaborando, apreciando a nossa programação”, relatou.

Mateada Rosa

O CTG Carreteando a Saudade também passou a semana envolvido na programação da Semana Farroupilha. De acordo com a diretora artística, Erosin Maria Tingo da Silva, os integrantes das iaternadas passaram nas escolas de Pato Branco, fazendo apresentações de danças e divulgando a cultura gaúcha. No sábado (20), a partir das 10h até às 16h eles realizaram em parceria com o Grupo de Apoio a Mama (Gama), a primeira Mateada Rosa. O evento foi na praça Presidente Vargas e contou com várias apresentações de dança de salão, canto, chula, dedecimações e claro, muita roda de chimarrão.

“Esses momentos servem para comemorarmos a cultura gaúcha. Apesar de estarmos fora do Rio Grande do Sul e lá as festas são maiores, para lembrar a guerra e toda a história do gaúcho, aqui nós também aproveitamos para comemorar, para mostrar a nossa cultura e como funciona o CTG”, contou Erosin.

2ª Copa de Laço

Conhecida como a Semana Farroupilha, o Núcleo de Criadores de Cavalos Crioulos do Sudoeste do Paraná, realizou neste final de semana a 2ª edição da Copa de Laço: Crioulos do Sudoeste. O evento reuniu mais de 150 cavaleiros, durante o sábado e domingo, no Parque de Exposições de Pato Branco.

De acordo com o presidente do Núcleo, Paulo Fortes, a Copa surgiu da iniciativa de 13 cavaleiros da região, que criam cavalos crioulos, os quais competiram na Copa.

As provas de tiro de laço foram divididas entre as categorias laço individual, modalidade força (A) 9 e 10 armadas, força (B) 7 e 8 armadas e força (C) 6 armadas, categoria duplo, crioulo e laço marca. Além das provas, foi realizado o leilão de cavalos crioulos, sendo que os animais adquiridos no leilão estão habilitados a concorrerem este ano e nos próximos 4 anos, a uma meta (lota) de R\$ 5 mil em vendas exclusivas.

A realização da Copa de Laço contou com a parceria da prefeitura de Pato Branco, a Câmara de Vereadores e a Sociedade Rural de Pato Branco. Ao todo, foram distribuídos em prêmios aos vencedores das categorias mais de R\$ 15 mil.

22 de setembro de 2014 | DIÁRIO DO SUDOESTE | A5



1 – Mateada Rosa marcou a programação do CTG Carreteando a Saudade na Semana Farroupilha



2 – Danças gaúchas também fizeram parte da programação gastronômica do CTG Tarca Nativista



3 – Provas da 2ª Copa de Laço: Crioulos do Sudoeste, aconteceu no Parque de Exposições de Pato Branco

LAZULI

COSMÉTICOS

Além dos produtos de beleza de alta qualidade, a Lazuli cosméticos agora possui uma completa linha de equipamentos e acessórios para deixar seu salão de beleza ainda mais bonito e acolhedor. Disponíveis de:

- Móveis;
- Produtos para depilação;
- Colorimetria capilar;
- Capitis;
- Tuacais;
- Lençóis.

Quer saber mais sobre a beleza e a Lazuli valoriza você

46 3223-5427
RUA ITABIRA, 1412 | CENTRO | PATO BRANCO

Figura 14 – Matéria “Semana Farroupilha termina com gastronomia, mateada e provas de tiro de laço, em Pato Branco”, publicada pelo *Diário do Sudoeste* em 22/09/2014.

A cobertura do *Diário do Sudoeste* é menor em 2015, também com relação ao tamanho das notícias, destaque no jornal e o aprofundamento dos temas. Sobre a Semana Farroupilha em Francisco Beltrão, o jornal dedicou neste ano uma matéria menor, sem fotos e sem chamada de capa.

A8 | DIÁRIO DO SUDOESTE | 17 de setembro de 2015

Festejos farroupilhas seguem até domingo em Francisco Beltrão

Paloma Studle
palomastudle@sudoeste.com.br

Vários eventos relacionados à Semana Farroupilha estão sendo realizados na região. E em Francisco Beltrão não é diferente. Teve início, na noite dessa terça-feira (16), os festejos farroupilhas, promovidos pelo CTG (Centro de Tradições Gaúchas) Herdeiros da Tradição em parceria com o 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada.

A programação, que ocorre no Recanto do Centauro (ou campo do quartel), segue até o próximo domingo (20). Na noite de ontem, as atividades iniciaram-se com o hasteamento dos pavilhões, um jantar à base de arroz carreteiro e tertúlia livre.

Além disso, na oportunidade houve a assinatura da ordem de serviço, pelo prefeito de Francisco Beltrão, Antonio Cantelmo Neto, para a construção do Galpão do CTG Herdeiros da Tradição.

De acordo com o patrio presidente do CTG Herdeiros da Tradição, Amarildo Petry, foi uma grande surpresa para o grupo. “Com certeza, é um sonho realizado. Isso porque o nosso CTG tem 12 anos de história e tem como grande objetivo amparar crianças e jovens dentro do tradicionalismo, em uma entidade que é muito séria; uma extensão da família de cada um”, afirma Petry.

A estrutura será construída na comunidade do Rio Tuna, em que serão investidos cerca de R\$ 250 mil, com recursos do governo federal. Além disso, haverá a contrapartida do município, que cederá o terreno para a construção da estrutura de 800 metros quadrados.

Programação

Nesta quinta-feira (17), a partir das 20h, a programação continua com outro jantar, desta vez à base de puche-

ro com acompanhamentos. Em seguida, às 20h45, iniciará o torneio de truco e às 21h segue com tertúlia livre.

Na sexta-feira (18), o jantar — também com início às 20h —, será à base de polenta recheada, arroz e saladas. Da mesma forma que quinta, haverá torneio de truco, às 20h45; e tertúlia livre, às 21h.

No sábado (19), a programação iniciará logo cedo: às 7h, com mateada e café campeiro; às 12h, almoço à base de feijoada, farofa, arroz e acompanhamentos; às 16h, atividades esportivas, com brincadeiras para as crianças; às 17h, futebol feminino — com gaúchas, senhoras de militares e convidadas; às 20h, jantar à base de vaca atolada, arroz, pão e saladas diversas; às 21h, final do torneio de truco; e às 21h45, show com Jalinton Martins e Grupo Cepa Missioneira.

Para finalizar as atividades dos festejos farroupilhas, no domingo (20), a partir das 8h, será realizada uma mateada e café campeiro. Às 8h, a programação segue com missa gaúchesca, na Paróquia Cristo Rei — bairro da Canga. Às 9h, será a vez das atividades esportivas, com brincadeiras para as crianças; 10h, haverá uma competição de futebol entre os Bombachudos x Judicário; sendo que às 14h30 está previsto o encerramento das atividades, com extinção da Centelha Farroupilha.

Conforme Petry, os festejos farroupilhas são direcionados para toda a comunidade. “Para participar estão sendo cobrados apenas os jantares — no valor de R\$ 10 cada —, bem como a mateada e o café campeiro — a R\$ 5. Eles podem ser adquiridos na hora de evento ou reservados pelos telefones: (46) 9975-3805 e 9411-1228”, disse Petry, finalizando com o agradecimento ao 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, pela parceria na primeira edição dos festejos farroupilhas.

Figura 15 – Matéria “Festejos farroupilhas seguem até domingo em Francisco Beltrão”, publicada pelo *Diário do Sudoeste* em 17/09/2015.

O elemento identitário “Eventos” é o que mais aparece na cobertura, já que boa parte das matérias faz referência às comemorações da Semana Farroupilha. No mesmo sentido, também aparecem de forma freqüente a Dança, Música, Culinária e Chimarrão. Nas imagens, como em outros jornais, muitas trazem a indumentária gaúcha como forma de criar relação visual com o gauchismo, de acordo com a descrição da cultura gaúcha paranaense de Zatti (2013).

DIÁRIO DO SUDOESTE		ELEMENTOS IDENTITÁRIOS												
		CHIMARRÃO	INDUMENTÁRIA	DANÇAS	MÚSICA	HISTÓRIA	ARTESANATO	CULINÁRIA	FAMÍLIA / AMIGOS	EVENTOS	POESIA / LITERATURA	VOCABULÁRIO	CAVALO	SÍMBOLOS CÍVICOS
CAPA	TÍTULO									5				
	TEXTO	2	1	1				1		2			1	1
	IMAGEM		1		1					1				
	LEGENDA													
PÁGINAS INTERNAS	TÍTULO	2	1	2				2		17			1	
	TEXTO	7	6	8	8	4		7	4	20	4	2	4	1
	IMAGEM		15	6	4				1		3		2	2
	LEGENDA	1		4	2					12	3		2	

Tabela 6 – Elementos Identitários referenciados pelo *Diário do Sudoeste* nas matérias sobre a cultura gaúcha.

O *Diário do Sudoeste* tem, portanto, uma das maiores coberturas sobre a cultura gaúcha dentre os jornais analisados, com foco nos eventos da Semana Farroupilha em Pato Branco e cidades vizinhas. Da mesma forma que outros diários da pesquisa, publicou mais sobre o tema em 2014 do que em 2015, dado que não parece ser justificado por nenhuma variável visível da realidade, ou seja, indica que a cobertura não é regular.

7.4. FOLHA DE LONDRINA

A região Norte do Paraná teve pouca influência gaúcha na colonização, como explicita Peraro (1978, p. 174). Talvez por esse motivo, a *Folha de Londrina* tem poucas publicações relacionadas à cultura gaúcha no período analisado. São 327 chamadas de capa e 2025 matérias, das quais apenas 2 matérias fazem referência a elementos da identidade cultural gaúcha, as duas veiculadas em 2015.

FOLHA DE LONDRINA			
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	15	15	30
CHAMADAS DE CAPA	165	162	327

SOBRE I.C.G	0	0	0
%	0%	0%	0%
PÁGINAS INTERNAS	1102	923	2025
SOBRE I.C.G	0	2	2
%	0%	0,21%	0,09%

Tabela 7 – Matérias publicadas pela *Folha de Londrina* no período analisado.

As duas matérias publicadas pela *Folha de Londrina* sobre a cultura gaúcha em 2015 são pequenas notícias: “Melhorias no Parque de Rodeios”, de 16 de setembro, e “Costela de Chão”, de 17 de setembro. Ambas foram motivadas pela realização de eventos da Semana Farroupilha, mas não há menção a isso nos textos.



Figura 16 – Matérias “Melhorias no Parque de Rodeios” e “Costela de Chão”, publicadas pela *Folha de Londrina* em 16 e 17/09/2015.

Nessas duas matérias, são mobilizados três elementos identitários: culinária, eventos e a referência à relação do gaúcho com o cavalo na menção às provas de rodeio crioulo. Em geral, a cobertura da *Folha de Londrina* foi a menor dentre os jornais analisados. Isso pode ser explicado pelo contexto da cidade de Londrina: sua colonização não teve grande relação com o gauchismo, o que não gera uma proximidade com essa cultura; hoje, a cidade tem a segunda maior população do Paraná e o jornal, uma das maiores tiragens do estado, ou seja, dá suporte à hipótese de que, em cidades maiores e jornais com maior tiragem, as culturas regionais teriam espaço menor.

7.5. GAZETA DO POVO

O maior jornal diário do Paraná em números de tiragem, a *Gazeta do Povo* publica 30 edições de 13 a 27 de setembro de 2014 e 2015. Dos 11 jornais analisados, é o que teve maior número total de chamadas de capa e de matérias nas páginas internas, mas com número pequeno sobre temas do gauchismo. Em 2014, publica uma matéria que fazia referência a elementos da cultura gaúcha e, em 2015, uma matéria com uma chamada de capa.

	GAZETA DO POVO		
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	15	15	30
CHAMADAS DE CAPA	216	193	409
SOBRE I.C.G	0	1	1
%	0%	0,51%	0,24%
PÁGINAS INTERNAS	1432	1222	2654
SOBRE I.C.G	1	1	2
%	0,06%	0,08%	0,07%

Tabela 8 – Matérias publicadas pela *Gazeta do Povo* no período analisado.

Enquanto que o número de matérias sobre a cultura gaúcha na *Gazeta do Povo* é relativamente baixo, especialmente em relação ao total de matérias (0,07% das matérias nas páginas internas, 0,24% das chamadas de capa), o compromisso editorial com a pluralidade de fontes e de imagens nas duas notícias se destaca na análise, em consonância com o que conceituam Peruzzo (2005) e Sousa (2005). A reportagem “Rota de tropeiros, escharpa pode virar patrimônio natural”, de 13 de setembro de 2014, ganha uma página inteira em formato standard, com quatro fotografias e duas ilustrações, além de dois subtítulos, com problematização do assunto. Embora não fizesse referência direta à cultura gaúcha da forma como se manifesta atualmente, o texto fala sobre o tropeirismo, como marca histórica do gauchismo no Paraná.

Da mesma forma, “Indústria do Mate: Diversificação com respeito às origens”, de 22 de setembro de 2015, remete ao agronegócio da erva-mate nas pequenas

propriedades, em meia página, com uma fotografia em tamanho grande e uma chamada de capa com foto (“Erva-mate produzida por quem sempre tomou chimarrão”).

História
SAÚDE E BEM-ESTAR | EDUCAÇÃO | ECONOMIA | ENTREVISTA | VIDA PRÁTICA

Rota de tropeiros, escarpa pode virar patrimônio natural

Nos seus 260 km de extensão, a Escarpa Devoniana abriga sítios arqueológicos e paleontológicos, além de uma natureza exuberante

PORTA GROSSA
Através da foto, da natureza

A Coordenação do Patrimônio Cultural, ligada à Secretaria Estadual de Cultura, oficializou recentemente o início do estudo para o tombamento da Escarpa Devoniana como patrimônio natural do Paraná. A análise, que será comandada pela própria Coordenação e por professores da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), vai apontar preliminarmente quais áreas poderão ser incluídas no tombamento.

Com 260 quilômetros de extensão, a formação geológica é importante para o estado por sua natureza bela e exuberante e também por sua relevância histórica, diretamente ligada ao desenvolvimento do Paraná. É o que defende o professor do curso de Agronomia da UEPG, Carlos Hugo Rocha, que participou de um grupo de trabalho que levantou informações sobre a escarpa. Sustentada por rochas que se formaram há 400 milhões de anos, a formação corta o estado como se fosse uma cicatriz, dividindo o primeiro do segundo planalto. O geógrafo Almir Pontes lembra ainda que a área possui sítios arqueológicos e paleontológicos.

Na extensão da escarpa tem também unidades de conservação como o Parque Estadual do Guaritã, que tem o terceiro maior cânion do Brasil, e o Parque Estadual de Vila Velha, cujo platô de arenitos foi formado há 400 milhões de anos. “Tem paisagens magníficas, que sempre atraíram o olhar dos visitantes”, acrescenta Carlos Rocha.

Visão ampliada
Entre esses visitantes estavam os tropeiros que passaram pela região no século 18. Segundo Rocha, os campos naturais que margeavam a escarpa davam uma visão mais ampla. “Se um animal se perdesse ou se houvesse índios, eles tinham uma visão privilegiada, diferentemente do que acontece dentro da mata fechada”, comenta o professor.

O entorno da escarpa oferece aos viajantes da época um bom lugar para dormir (os campos) e banhar-se (os rios da região) antes de levantar acampamento e seguir viagem. Foram nesses locais, conforme explica Carlos Rocha, que começaram a surgir as vilas e, mais tarde, as cidades. Com o crescimento dos núcleos populacionais foram sendo criadas também as ferrovias e estradas que ajudaram a impulsionar o desenvolvimento do estado.

GEOLÓGICA
Elevação rochosa que está sustentada pela formação fúmbas. Ela divide o primeiro do segundo planalto paranaense. Começa na Lapa e termina na divisa com São Paulo. A rocha que sustenta a escarpa se formou há 400 milhões de anos, no período devoniano.

CREAÇÃO DA APA
Em 27 de maio de 1992, o governo do Paraná, por meio da criação da Área de Proteção Ambiental (APA) da Escarpa Devoniana, criou a unidade de conservação. Ela abrange nove unidades de conservação, entre elas os seguintes parques turísticos:

- 1 Parque do Caramuru (Jaguariaíva)
- 2 Parque do Guaritã (Touros)
- 3 Parque de Vila Velha (Ponta Grossa)
- 4 Parque do Monge (Lapa)

ROTA DOS TROPEIROS
Os campos naturais ajudaram a fortalecer o tropeirismo. Nos séculos 18 e 19 os tropeiros que vinham do Rio Grande do Sul em direção a São Paulo faziam paradas onde hoje é a região dos Campos Gerais. A vista quase panorâmica do ambiente, proporcionada pelos campos, era uma aliada dos tropeiros, que podiam localizar os animais que se perdiam e ainda prevenir o ataque de índios. Na rota dos antigos tropeiros surgiram pequenas vilas, cidades e, posteriormente, ferrovias e estradas.

FLORA PREDOMINANTE
A vegetação característica do entorno da Escarpa Devoniana é de campos naturais, que integram o bioma Mata Atlântica. Segundo a publicação *Ecossistemas Paranaenses*, os campos ocupam 8,4% do território do Paraná. Eles são representados por uma vegetação de gramíneas rasteiras e são habitat de diversos animais, como o lobo-guará.

REMANESCENTES
Campos naturais margeiam a formação
A Escarpa Devoniana tem áreas remanescentes de campos naturais. Segundo a publicação *Ecossistemas Paranaenses*, o território do estado tem 8,4% de campos naturais.

Área é unidade de conservação desde 1992
O estudo para o tombamento da Escarpa Devoniana foi aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura em 20 de agosto de 2012. Desde 1992, a área da escarpa é uma unidade de conservação classificada como Área de Proteção Ambiental (APA), que permite a exploração econômica com licenciamento ambiental, mas o tombamento irá conferir maior proteção à formação geológica. Conforme o geógrafo membro da Coordenação do Patrimônio Cultural, Almir Pontes Filho, não é possível definir o tamanho da do entorno a ser incluído no estudo.

Proposta
Uma proposta para bar dois quilômetros ao longo de toda a extensão da escarpa, mas a área será definida nos estudos, que farão a análise do perfil do terreno. Independentemente do resultado do levantamento, no entanto, confiante a Coordenação, a área protegida por causa da Estadual 1.211/53, que regula os bens tombados no Paraná.

Portanto, a exploração econômica vai depender do grau de preservação, trecho avaliado na escarpa durante o estudo técnico.

O processo de definição do tombamento é longo e complexo, conforme explica a chefe da Coordenação do Patrimônio Cultural, Rosina Coeli Alice Pádua. Um dos elementos da discussão é a existência de propriedades rurais e a possibilidade de indenizações, entorno da escarpa tem áreas públicas e privadas. Não há um prazo definido para o fim do estudo. (MGP)

“Se um animal se perdesse ou se houvesse índios, eles [os tropeiros] tinham uma visão privilegiada, diferentemente do que acontece dentro da mata fechada.”

Carlos Rocha, agrônomo da UEPG, sobre a importância dos viajantes pelos campos naturais da Escarpa Devoniana.

Recentemente, a APA da escarpa ganhou um novo mapa cartográfico, mais exato que o anterior. O vetor produtivo representado pela Pádua (ilustração) Agrícola do Pádua (ilustração) predi uma revolução da agricultura, mas ainda não há uma posição do governo estadual.

Figura 17 – Matéria “Rota de Tropeiros, escarpa pode virar patrimônio natural”, publicada pela Gazeta do Povo em 13/09/2014.

» INDÚSTRIA DO MATE

Diversificação com respeito às origens

Erva-mate ganha valor agregado quatro vezes maior em reduto de pequenos produtores rurais que sempre tomaram chimarrão

TRÊS ARROIOS (RS)
José Rocher, enviado especial

A agricultura familiar vem sendo colocada à prova no Norte do Rio Grande do Sul, região conhecida pela diversidade – o que, em tese, é garantia de renda. Em busca de sustentabilidade, o setor descobre num segmento tradicional, a erva-mate, a chance de se reinventar. Investimentos em pequenas indústrias, próximas do cultivo, proporcionam receita até cinco vezes maior às regiões produtoras.

O quadro foi verificado no primeiro dia da Expedição Agricultura Familiar, que iniciou pela região de Erechim (Norte gaúcho) viagem de 15 mil quilômetros

nesta segunda-feira. A parada foi, mais precisamente, em Três Arroios, onde uma nova indústria de erva-mate, a Ideal, mostra que existem sempre caminhos alternativos para o agronegócio de pequena escala.

O empresário Carlos Ruhmke conta que escolheu o município para o investimento de R\$ 2 milhões justamente pela disponibilidade de matéria-prima. A indústria pode receber 2,4 mil toneladas ao ano, o dobro da produção total três-arroioense. Com cinco funcionários, atende o mercado nacional e está preparado para exportação. Metade da produção deve ser destinada ao mercado externo nos próximos anos.

Alternativa
Príncipe dos Vales do Alto Uruguai, o município é cortado por três arroios (riachos): Jacaré, Napoleão e Perdido. Com 2.885 habitantes, segundo a prefeitura, tem como principal fonte de renda a criação de suínos. Em seguida vem o cultivo de grãos. “A erva-mate corresponde a apenas 1,92% de nossa renda, mas com a industrializa-

ção a receita pode ser cinco vezes maior”, afirma o prefeito Lirio Zarichita (PDT). Isso porque o quilo processado da erva-mate vale mais que o do produto bruto.

Quem sempre tomou mate e produzia erva em casa para consumo próprio agora tem na atividade uma fonte de renda expressiva. O produtor Lino Roque Müller dedica nove hectares à cultura e chega a arrecadar R\$ 40 mil por ano com a atividade. “Neste ano a renda vai cair [os preços ao produtor estão 30% menores, R\$ 8 por arroba], mas está bom”, avalia. Ele deixou de processar a erva para consumo pela facilidade com que encontra nos supermercados e para ganhar tempo na la-

voura, relata.

A viabilidade da erva-mate está no uso de mão de obra familiar, aponta o técnico que coordena o escritório municipal da Emater, Jair Antonio Griebel. “O custo maior está nos cinco primeiros anos, em que não há colheita. Mas a partir do sétimo ou do oitavo ano, o investimento se paga.” A renda po-

de chegar a R\$ 5 por hectare, o dobro da aferida com a soja na região.

A Expedição Agricultura Familiar percorre as mais diversas cadeias de produção em seis estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Bahia. Nesta terça-feira, vai a campo na região gáucha da uva e do vinho, em Bento Gonçalves. Ainda nesta semana, visita polos de produção de tabaco e de alimentos orgânicos, num raio de 200 quilômetros de Porto Alegre.

Na internet
Acompanhe as viagens da Expedição Agricultura Familiar pelo Brasil afora em www.agrifaixa.com.br, com imagens e textos diários.

Em vídeo
Saiba o papel da agricultura familiar na segurança alimentar em entrevista com o consultor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Valter Bianchini, em www.agrop.com.br.

Jonathan Campos/Gazeta do Povo



Carlos Ruhmke investiu R\$ 2 milhões na construção de uma indústria de processamento de erva-mate.

Figura 18 – Matéria “Diversificação com respeito às origens”, publicada pela *Gazeta do Povo* em 22/09/2015

A *Gazeta* mobiliza poucos elementos identitários, no entanto: somente o chimarrão, em uma das matérias, e a referência histórica, na outra. Isso se dá ao fato de as duas matérias terem temas bastante específicos, ligados a um ou outro aspecto da cultura gaúcha.

A *Gazeta do Povo*, assim como o jornal londrinense, dá suporte à hipótese de que jornais maiores não dedicam tanto espaço às culturas regionais. Mesmo ao publicar matérias que fazem referência a algum elemento da cultura gaúcha, a *Gazeta* o fez de forma que pudesse ser generalizável, abordando o turismo, preservação ambiental e economia.

7.6. JORNAL DE BELTRÃO

O *Jornal de Beltrão* é, dentre os diários analisados, o que teve o maior percentual de matérias que faziam referência à cultura gaúcha, com 3,73% das chamadas de capa e 4,35% das matérias nas páginas internas, totalizando 91 entradas sobre o gauchismo (15 nas capas e 76 nas páginas internas).

JORNAL DE BELTRÃO			
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	12	13	25
CHAMADAS DE CAPA	182	220	402
SOBRE I.C.G	11	4	15
%	6,04%	1,81%	3,73%
PÁGINAS INTERNAS	846	899	1745
SOBRE I.C.G	50	26	76
%	5,91%	2,89%	4,35%

Tabela 9 – Matérias publicadas pelo *Jornal de Beltrão* no período analisado.

Com 76 notícias, a cobertura do diário com sede em Francisco Beltrão é diversificada, mas maior em 2014 que em 2015. Nos primeiros dias analisados em 2014, há algumas matérias sobre um grande rodeio artístico acontecido em Francisco Beltrão, o que garantiu uma cobertura por vários dias e com bastantes fotos, além do destaque na primeira página. Depois disso, o jornal se dedica à cobertura da Semana Farroupilha em Francisco Beltrão e em cidades da região. Um exemplo é a matéria veiculada em 23 de setembro de 2014 (“Eventos atraíram bom público nos cinco dias”), que fala sobre as comemorações em Francisco Beltrão, com quatro fotos e fazendo referência a diversos elementos identitários. Em 2015, a cobertura acontece da mesma forma, mas com menor número de textos noticiosos.

SEMANA FARROUPILHA

Eventos atraíram bom público nos cinco dias

Domingo foram assados e servidos costelões bovinos e teve missa crioula.



Na abertura da missa crioula, jovens tradicionalistas levaram pão, vinho, roupas e apetrechos usados pelos gaúchos.

JdEB – Terminou domingo, 21, com a entrega da chama crioula para os integrantes do Rancho Cavaleiros da Liberdade, de Lima Mengogan, a 10ª Semana Farroupilha da Integração, de Francisco Beltrão. A chama ficará neste local pelos próximos 12 meses e será transferida novamente para a cidade na Semana Farroupilha de 2015. O coordenador do evento, Amarildo Petry, destacou a boa presença de público durante a Semana Farroupilha.

A promoção deste ano aconteceu entre os dias 17 e 21, num dos pavilhões agropecuários do parque de exposições. Os centros de tradições gaúchas (CTGs) e os grupos de cavaleiros montaram seus ranchos com artigos rústicos, elaboraram e serviram refeições para seus integrantes e convidados. Além disso, aconteceram shows de músicas nativistas, palestras sobre a Revolução Farroupilha e indumentária gaúcha, eventos gastronômicos com pratos da culinária gaúcha, missa crioula e encontro de amigos e tradicionalistas. Durante a programação, muitas pessoas estiveram no local trajando pílulas.



Alguns dos assadores dos costelões servidos no almoço de domingo.

cos com pratos da culinária gaúcha, missa crioula e encontro de amigos e tradicionalistas. Durante a programação, muitas pessoas estiveram no local trajando pílulas.

show de abertura, um show de artista, de cantor bem expressivo, de uma boa qualidade e mesmo os outros dias a gente teve elogios pela escolha de contratação dessas pessoas".



Um dos músicos que se apresentaram na semana.

Bom presença de público
O patrão do CTG Hardeiros da Tradição e coordenador da Semana Farroupilha, Amarildo Petry, se disse satisfeito com mais esta edição. "A avaliação, sem dúvida alguma, é positiva, tivemos um número bastante expressivo de pessoas nos visitando aqui. Infelizmente tivemos dois dias de chuva bastante forte (quinta e sexta-feira), o que inibiu um pouco a visitação das pessoas, mas mesmo assim se fizeram presentes e sem dúvida alguma um agradecimento todo especial à equipe de coordenação e a todos os patrões de CTGs e coordenadores de grupos de cavaleiros que estiveram presentes aqui nesse dia."

A edição deste ano teve shows tradicionalistas com cantores locais, do Rio Grande do Sul e de Curitiba. Amarildo comentou que "nos direcionamos um

Homenagem para Sorais Quintana
A Semana Farroupilha homenageou os ex-coordenadores e pessoas que foram patronos e patrocinadoras, desde o início. Neste ano, os promotores do evento homenagearam a diretora do Departamento Municipal de Cultura, Sorais Luz Quintana, como patrono. "A homenagem a ela, sem dúvida alguma, não é só pelo fato da Semana Farroupilha, mas sim pelo o apoio que ela dá ao tradicionalismo gaúcho. Quando a gente precisa de recursos para CTGs, pra levar nossas invenções pra outros lugares, pra participar de circuitos (culturais), ela sempre manteve as portas do gabinete dela abertas pra ajudar", comentou. Ele também agradeceu o apoio da administração municipal à promoção.

Em missa crioula, padre destaca o tradicionalismo

JdEB – Além dos bons shows nativistas nas noites de quinta-feira a sábado, na manhã de domingo, 21, foi celebrada a missa crioula e que teve como equipe de liturgia o grupo de missas crioulas da Paróquia Cristo Rei, de Canga, em Beltrão.

O rito da missa e os cantos foram em linguagem e estilo gaúchos. No início da celebração, os patrões dos CTGs Amarildo Petry (Hardeiros da Tradição) e Valmir Chicatto (Rancho Crioulo) depositaram seus lenços tradicionalistas lembrando a paz entre chimangos e margatots, que guerrearam na Revolução Farroupilha, que aconteceu entre 1835 e



Os patrões Amarildo Petry e Valmir Chicatto se cumprimentam no início da missa crioula.

1845, no Rio Grande do Sul. Fumaça atrapalhou o vento que soprava no

sentido sul-norte, na manhã de domingo, acabou prejudicando um pouco o local de celebração da missa. E

que no pavilhão ao lado estavam sendo assados os costelões bovinos, em chito batido, e a fumaça vinha para o lado onde acontecia a missa. Antes da celebração religiosa, o coordenador da Semana Farroupilha pediu desculpas por este lapso.

Durante a homilia, o padre Flávio Volpato disse que "aquí nós valorizamos os valores da família; aqui nós cultuamos aquilo que Jesus nos ensinou no evangelho", numa referência ao tradicionalismo gaúcho. Ao meio-dia, cada grupo e CTG serviu o almoço à base de churrasco de carne bovina para os seus integrantes e convidados.

Figura 19 – Matéria “Eventos atraíram bom público nos cinco dias”, publicada pelo *Jornal de Beltrão* em 23 de setembro de 2014.

No *Jornal de Beltrão*, destaca-se também a existência de dois espaços fixos para tratar de assuntos da cultura gaúcha: uma coluna chamada “A Voz do Tradicionalismo”, que é publicada aos sábados e assinada por uma das figuras de liderança do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná na região e que traz uma espécie de agenda cultural dos eventos tradicionalistas; e, às terças-feiras, uma coluna de humor

chamada “Entre uma Cuia e Outra”, que discute temas do cotidiano e da política fazendo referência às conversas em uma roda de chimarrão.



A Voz do Tradicionalismo

Por Idair Bortol, coordenador da 9ª Região do MITG-PR

Circuito beltronense no Fepart 2014
Inicia hoje e prossegue amanhã o 4º Circuito Classificatório para o Fepart 2014, realizado na 9ª RT em Francisco Beltrão, pelo CTG Recordando os Pagos. Este será o maior rodeio artístico do Paraná em 2014, dentre os rodeios classificatórios para o Fepart - Festival Paranaense de Arte e Tradição do MITG de Beltrão, que acontecerá nos dias 28 a 30 de novembro, na 12ª RT, em Foz de Iguaçu, promovido pelo CTG Charraz. Antes disso acontecerá a 5ª etapa em Iriti e a 6ª em Colombo.

Semana Farroupilha em Marmeleiro
O CTG Lagando a Tradição iniciou as comemorações da Semana Farroupilha, em Marmeleiro, no dia 6 de setembro com fandango. Dia 17 de setembro, às 17 horas, realiza desfile de cavaleiros acompanhados das invenções artísticas pelas ruas da cidade, com risoto no tacho em sua sede social a partir das 20 horas. Dia 20 de setembro, sábado, Dia do Gaúcho, realiza mata-de-na Praça da Matriz às 7:30 e jantar com tertúlia às 20 horas, na sede social do CTG. Para participar dos jantares a reserva deve ser antecipada com o patrão Edgar Montagna pelo fone 3325-1584/8805-6063 ou Edson Ghettino pelo fone 8801-1429.

Semana Farroupilha da Integração 2014
A 10ª Semana Farroupilha da Integração de Francisco Beltrão acontece na próxima semana, de 17 a 21 de setembro de 2014, no Parque de Exposições Jayme Canet Junior. As atrações musicais iniciam na quinta-feira com show de Luiz Carlos Borges, antecedido de jantar, tendo como prato arroz carreteiro a cargo da coordenação do evento com apoio do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada. Na quinta-feira à noite é responsabilidade do CTG Herdeiros da Tradição, que traz show com Cantiga de Verso e Alma e no jantar o prato é vaca atolada. Na sexta-feira o CTG Rancho Crioulo recebe os visitantes com o tradicional cabrito no tacho e a novidade é paleta de novilho no tacho, abrilhantado com música missioneira e nativista com Cláudio Gonçalves. No sábado ao meio-dia, feijoadas no tacho a cargo do CTG Herdeiros da Tradição. À noite, jantar organizado pelo CTG Recordando os Pagos com os pratos churrasco e macaronada, seguido de show com Jalinton Martins. No domingo, Missa Crioula às 10:30 horas e almoço ao meio-dia a cargo de cada entidade. Ingressos para as refeições a R\$ 20 devem ser adquiridos com antecedência com a coordenação da 10ª Semana Farroupilha da Integração e entidades participantes. Informações com o Patry pelo fone (46) 9975-3805.

Baile da Mariquinha
Será no dia 27 de setembro de 2014, no Centro de Eventos Marabá, promovido pelo CTG Rancho Crioulo, que apresenta pela primeira vez em Francisco Beltrão o gaúcho Elton Saldanha, um jornalista de formação que alcançou destaque e reconhecimento como compositor, intérprete e instrumentista da música regional gaúcha. O destaque do Baile da Mariquinha é o buffet servido do início ao fim do baile. O CTG Rancho Crioulo terá o privilégio de recebê-lo para o 3º Baile da Mariquinha, evento temático e essencialmente tradicional, com comidas típicas que nos remetem ao tempo de nossos avós. Serão eleitas as três mulheres melhor caracterizadas de Mariquinha que receberão prêmios. Mesas para quatro pessoas R\$ 250,00. Aquisições antecipadas a R\$ 220,00 pelos fones (46) 3324-8023/9915-4832/9974-0725 ou na TV Beltrão.

Baile da Mariquinha e Apae
Você pode participar do 3º Baile da Mariquinha e contribuir com a Apae de Francisco Beltrão adquirindo mesas diretamente na Apae pelos fones (46) 9975-1659 com Gilmar ou 3324-5515 na secretaria da Apae.

Rodeio Campeiro Beltronense
Com iniciativa dos diretores campeiros Maurício Dal Bem e Maurício Salmoria, do CTG Recordando os Pagos, em reunião do Departamento Campeiro, com participação expressiva de prendas e peões campeiros, ficou definida a realização do 15º Rodeio Crioulo Interestadual no Parque de Rodeio da Vila Rio Tuna. É a volta do Rodeio Campeiro Oficial pela 9ª RT em Francisco Beltrão, contando pontos para a Seleção Campeira 2014 desta RT. Certamente, autoridades, empresários, tradicionalistas e comunidade beltronense estarão apoiando plenamente a iniciativa dos jovens tradicionalistas campeiros no seu retorno aos grandes eventos no Rio Tuna.

Figura 20 – Coluna “A Voz do Tradicionalismo”, publicada no *Jornal de Beltrão*

Entre uma



e outra

— Viu no que deu duvidar do machismo dos gaúchos? Botaram fogo no CTG e não deixaram acontecer o casamento de gays.

— E aí, como é que fica?

— Fica a conta. Pra reconstruir o CTG.

— E a campanha política, como você está vendo?

— Vejo na rua e vejo na televisão.

— Não é isso que eu perguntei. Deixe eu mudar a pergunta: como você está avaliando a campanha.

— Avalio que está perto do fim.

— Mas ainda tem uns bons dias. Vão gastar muito.

— Olha, desde que não mandem a conta pra mim, podem gastar à vontade.

— Diretamente não vão cobrar de você, mas indiretamente você também paga, pode ter certeza.

— Eu ia lhe oferecer mais uma cuia, mas, se é assim, tô indo embora.

— Ei, não é assim. Falei de brincadeira, o chimarrão não pode faltar nem que fique dívidas na campanha.

— Se você me garante.

— Olha, do jeito que vão as coisas, a gente não tem mais certeza de nada, mas a erva pro mate eu garanto, pode ficar sossegado.

— O que você tá dizendo não é promessa de candidato?

— De candidato a ser sempre titular do nosso mate. Só isso.

— Oba, assim tá melhor.

Figura 21 – Coluna “Entre uma cuia e outra”, publicada no *Jornal de Beltrão*.

Como a cobertura foi ampla e diversificada, o *Jornal de Beltrão* fez referência a diversos elementos identitários, com predominância dos Eventos, mas com bastantes aparições de Música e Culinária, além da indumentária na maioria das imagens. Vale ressaltar a importância da música gaúcha como parte essencial da cultura, já que mobiliza um movimento de resgate identitário, conforme explicam Oliveira e Verona (2006) e Paz (2012).

JORNAL DE BELTRÃO		ELEMENTOS IDENTITÁRIOS												
		CHIMARRÃO	INDUMENTÁRIA	DANÇAS	MÚSICA	HISTÓRIA	ARTESANATO	CULINÁRIA	FAMÍLIA / AMIGOS	EVENTOS	POESIA / LITERATURA	VOCABULÁRIO	CAVALO	SÍMBOLOS CÍVICOS
CAPA	TÍTULO									7				
	TEXTO				1			1		2			1	
	IMAGEM		9	2	2					2			1	2
	LEGENDA			1	1					8			1	2
PÁGINAS INTERNAS	TÍTULO	6		2	1					46		5	2	
	TEXTO	14	9	13	31	5		24	8	53	5		15	2
	IMAGEM	7	33	4	9			3	5	19			6	2
	LEGENDA				1			1		10	2		2	1

Tabela 10 – Elementos Identitários referenciados pelo *Jornal de Beltrão* nas matérias sobre a cultura gaúcha.

O *Jornal de Beltrão* é, dentre os jornais analisados nos períodos de 13 a 27 de setembro de 2014 e 2015, o que mais fala sobre a cultura gaúcha nas suas páginas. O número de matérias sobre o assunto foi bastante superior aos outros jornais, e também o número de chamadas de capa. Também é o jornal que mais trouxe matérias do gênero opinativo, que seriam uma forma de discutir de forma mais aprofundada os assuntos da cultura gaúcha.

A cobertura do diário beltranense exemplifica a proximidade do jornalismo local com a cultura da região em que circula, descrita por Peruzzo (2005, p.78): “As pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal, o que possibilita o confronto entre os fatos e a versão midiática de forma mais natural”.

7.7. JORNAL DO OESTE

De Toledo, o *Jornal do Oeste* publica² chamadas de capa sobre a identidade gaúcha, dentre as 193 veiculadas no período analisado, e 8 matérias nas páginas internas, dentre as 1980 desse período.

JORNAL DO OESTE			
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	13	13	26
CHAMADAS DE CAPA	92	101	193
SOBRE I.C.G	1	1	2
%	1,08%	0,99%	1,03%
PÁGINAS INTERNAS	1062	918	1980
SOBRE I.C.G	6	2	8
%	0,56%	0,21%	0,4%

Tabela 11 – Matérias publicadas pelo *Jornal do Oeste* no período analisado.

Além da cobertura da Semana Farroupilha de Toledo e de municípios da região, como Entre Rios, o diário trouxe uma matéria, em 17 de setembro de 2014, sobre um programa de resgate do Tropeirismo, fazendo referência à formação histórica do Paraná e também da cultura gaúcha, presente em elementos do texto e também na fotografia, com a indumentária e alguns símbolos tipicamente gaúchos.



Figura 22 – Matéria “Programa Aprendiz de Tropeiro recupera as raízes do Paraná”, publicada pelo *Jornal do Oeste* em 17/09/2014.

Em 2015, a cobertura é diferente: o *Jornal do Oeste* traz somente dois textos, ambos em 13 de setembro, sobre a Semana Farroupilha da cidade, mas que rendem uma manchete com foto que ocupa toda a primeira dobra (metade superior) da capa do jornal. Nas páginas internas, a reportagem correspondente (“Apaixonados pela cultura celebram Semana Farroupilha no Paraná”) ocupa uma página inteira (página monotemática como elemento gráfico de valorização do tema, segundo Sousa, 2005, p.386) e tem diversas fotografias, ilustrações e quadros.



Figura 23 – Chamada de Capa “Semana Farroupilha”, publicada pelo *Jornal do Oeste* em 13/09/2015.



Figura 24 – Matéria “Apaixonados pela cultura celebram Semana Farroupilha no Paraná”, publicada pelo *Jornal do Oeste* em 13/09/2014.

Quanto aos elementos identitários, o *Jornal do Oeste*, como a maioria dos jornais analisados, prioriza “Eventos” e, nas imagens, “Indumentária”. Nas 8 matérias sobre a identidade cultural gaúcha, aparece a referência a eventos tradicionalistas nos textos. Além destes, o diário de Toledo também mobiliza outros elementos, de forma relativamente plural.

JORNAL DO OESTE		ELEMENTOS IDENTITÁRIOS												
		CHIMARRÃO	INDUMENTÁRIA	DANÇAS	MÚSICA	HISTÓRIA	ARTESANATO	CULINÁRIA	FAMÍLIA/ AMIGOS	EVENTOS	POESIA / LITERATURA	VOCABULÁRIO	CAVALO	SÍMBOLOS CÍVICOS
CAPA	TÍTULO					1				1				
	TEXTO		1			1		1	1	1		1		
	IMAGEM		2			1							1	
	LEGENDA													
PÁGINAS INTERNAS	TÍTULO					1				5				
	TEXTO	3	3	2	1	3		2	2	8			3	
	IMAGEM	2	4			1				1			2	1
	LEGENDA					1								

Tabela 12 – Elementos Identitários referenciados pelo *Jornal do Oeste* nas matérias sobre a cultura gaúcha.

A cobertura do *Jornal de Toledo* foi baseada na agenda de eventos e consideravelmente maior no ano de 2014 do que em 2015, embora que a única matéria de 2015 tenha recebido maior destaque na capa e uma página inteira no interior do jornal. Parece ter sido feita uma escolha por abandonar o número de matérias pequenas em vários dias em prol de uma grande matéria em uma das edições. Como assinala Szekut (2014), Toledo é uma das principais cidades colonizadas pela empresa Maripá, que recebeu, portanto, grande influência da cultura gaúcha, o que fica claro na cobertura do diário.

7.8. O COMÉRCIO

O jornal de União da Vitória prioriza na sua cobertura no período analisado uma festa que é típica da cidade: a Festa Nacional da Costela, promovida por um CTG e pela associação comercial e patrocinada pelo grupo que gesta o jornal. Todas as matérias que têm relação com a identidade gaúcha veiculadas no período nos dois anos (9 notícias e 5 chamadas de capa) têm como tema a Festa da Costela.

O COMÉRCIO			
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	11	10	21

CHAMADAS DE CAPA	72	62	134
SOBRE I.C.G	3	2	5
%	4,16%	3,22%	3,73%
PÁGINAS INTERNAS	240	242	482
SOBRE I.C.G	5	4	9
%	2,08%	1,65%	1,86%

Tabela 13 – Matérias publicadas pelo jornal *O Comércio* no período analisado.

Assim, as matérias, como “Edição estréia com aplausos e carreata”, veiculada em 13 de setembro de 2014, falam sobre diversos aspectos da festa culinária, desde as atrações para o público até a prestação de contas, depois da festa. A charge publicada em 15 de setembro de 2015 mostra o envolvimento do jornal na organização da festa, quando ironiza a quantidade de trabalho necessária, mesmo depois de acabar o evento.

Edição estreia com aplausos e carreata
Começou ontem a Festa Nacional da Costela. Evento segue até amanhã, no CTC Fronteira da Amizade, em União da Vitória
• Por Mariana Honório •

Carreata
A noite já entrou para o calendário regional de grandes atrações e promove, em três dias, a degustação de gastronomia típica, tradicionalismo e shows musicais de renome nacional. A 7ª Festa Nacional da Costela é para a família e juventude, em um espetáculo de organização assinado pela Associação Comercial de União da Vitória (Acevui), Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Fronteira da Amizade e Prefeitura.

Antes realizada em março, o evento aposta na comemoração da Semana Farroupilha e de 7 a 20 de setembro, como atração extra e, por isso, migrou seis meses na "folhinha". A Festa Nacional nasce da vontade de preservar e apresentar a cultura e os costumes tradicionais dos gaúchos, aliado à vontade popular de se mostrar o potencial dos Cidades Irmãs.

PROGRAMAÇÃO
Sábado
10 horas: Abertura da praça de alimentação;
14 horas: Apresentações "Valores de Nossa Terra";
16 horas: Comida de cidoma 1800; Tenda dançante da "Tercera Idade";
18 horas: Apresentação do grupo Fronteirão;
20 horas: Show com o dueto Elien e Matheus;
22 horas: Fandango com Grupo Bom de Fiel;
23 horas: Show com Conrado e Alexandre;
Domingo
7h30: Comida de cidoma;
9 horas: Missa católica;
10 horas: Abertura da praça de alimentação;
12 horas: Almoço com costela;
14 horas: Apresentações "Valores de Nossa Terra";
17 horas: Terceira Idade; Show Nacional com Lucas Lucco

TABELA DE VALORES PRATICADOS NA FESTA
Cerveja e refrigerante - R\$ 4, cada
Água - R\$ 3
Chopp - R\$ 5
Bookward - R\$ 7
Kit Costela e Fandango
Os cartões e ingressos para os bailes no gado já estão à venda. Eles podem ser encontrados na Adrai, Onix, Lige Prado e Posto Iguazu. Os ingressos para o fandango custam R\$ 15, masculino e feminino.
O kit costela serve em média 35 pessoas. A carne é inteira, no espeto, e pesa cerca de 30 quilos. O kit é acompanhado por pão, farofa e salada. O preço é valor justo, lanches e guardanapos. O kit ao meio-dia de hoje e noite de amanhã e domingo. Ele custa R\$ 60.

Apoiadores da Comunicação Regional
GRUPO HOBI
www.grupohobi.com.br
SICOOB
Heima
Um lugar
Leve
Supermercado CHIPITOSKI
inova
COMUNICAÇÃO VISUAL

Figura 25 – Matéria “Edição estréia com aplausos e carreata”, publicada pelo jornal *O Comércio* em 13/09/2014.

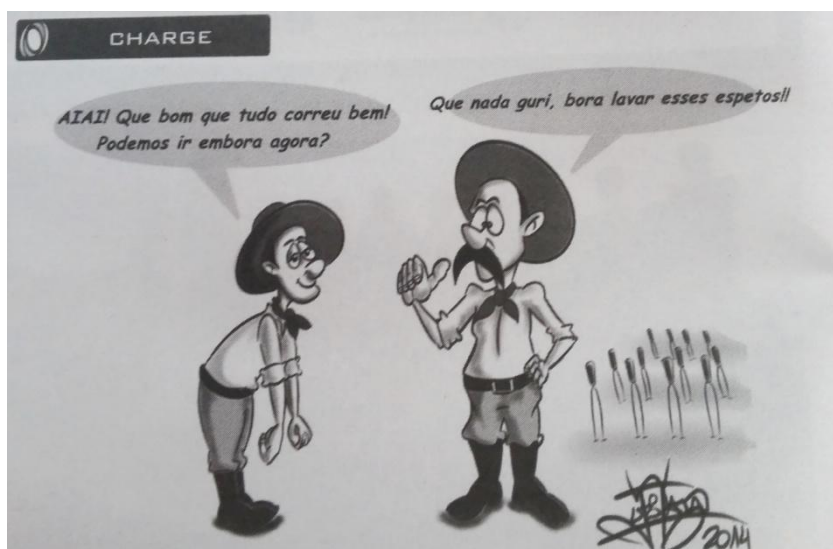


Figura 26 – Charge publicada pelo jornal *O Comércio* em 15/09/2015.

Os elementos identitários mais utilizados pel’*O Comércio* foram Culinária e Eventos, devido à Festa da Costela. Foram publicadas várias fotos na cobertura da festa, com várias fazendo referência ao prato típico ou à indumentária gaúcha. Como destacam Flávio (2011), Silva (2005) e Domingues (1999), a culinária é um dos costumes gaúchos que mais influenciaram o Paraná, em especial o característico churrasco gaúcho.

O COMÉRCIO		ELEMENTOS IDENTITÁRIOS												
		CHIMARRÃO	INDUMENTÁRIA	DANÇAS	MÚSICA	HISTÓRIA	ARTESANATO	CULINÁRIA	FAMÍLIA/ AMIGOS	EVENTOS	POESIA / LITERATURA	VOCABULÁRIO	CAVALO	SÍMBOLOS CÍVICOS
CAPA	TÍTULO							1		3		1		
	TEXTO							2		3				
	IMAGEM		1					3						
	LEGENDA													
PÁGINAS INTERNAS	TÍTULO							5		8		2		
	TEXTO				1			9	2	8		6		
	IMAGEM		3	1				5		1			1	2
	LEGENDA									1				

Tabela 14 – Elementos Identitários referenciados pelo jornal *O Comércio* nas matérias sobre a cultura gaúcha.

Embora tenha publicado um número relativamente grande de matérias que faziam referência à cultura gaúcha, em especial quando se considera o percentual de chamadas de capa que tinha esse referencial, *O Comércio* não fez uma cobertura plural da

identidade cultural gaúcha, já que todos os textos publicados foram motivados pela Festa da Costela, com pouca reflexão sobre o papel da cultura gaúcha nessa região.

7.9. O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ

O jornal de Maringá, *O Diário do Norte do Paraná* teve poucas menções à cultura gaúcha nas suas páginas. Não publica nenhuma chamada de capa sobre o assunto e, nas páginas internas, são quatro matérias em 2014 e apenas uma em 2015.

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ			
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	13	13	26
CHAMADAS DE CAPA	85	83	168
SOBRE I.C.G	0	0	0
%	0%	0%	0%
PÁGINAS INTERNAS	782	733	1515
SOBRE I.C.G	4	1	5
%	0,51%	0,13%	0,33%

Tabela 15 – Matérias publicadas pelo *O Diário do Norte do Paraná* no período analisado.

As 5 matérias que faziam referência ao gauchismo publicadas pelo *Diário do Norte do Paraná*, no entanto, são todas parte de colunas assinadas, sem fotografias ou ilustrações e com textos curtos. Como é o caso de “Convite” (17/09/2014) e “Diretoria CTG – 2014-2015” (18/09/2014), os textos cumprem apenas o papel de agenda cultural ou divulgação de informações, parecendo ser meras reproduções de informações divulgadas pelo CTG de Maringá. Essa é, para Peruzzo (2005, p. 81) uma das tendências jornalismo regional praticado hoje, que ela chama de “jornalismo declaratório”, que aceita as informações da fonte sem questionar.



Figura 27 – Matérias “Convite” e “Diretoria CTG – 2014/2015”, publicadas pelo *O Diário do Norte do Paraná* em 17 e 18/09/2014.

Como seria esperado de uma cobertura que prioriza a agenda cultural, os elementos identitários mais abordados pelo diário de Maringá foram “Eventos” e “Culinária”. Não houve nenhuma imagem sobre a cultura gaúcha nesse período no jornal e o número de fontes também foi baixo: apenas uma fonte, em cinco matérias.

Assim como a *Folha de Londrina*, o jornal maringaense mostrou que a região Norte do Paraná não sofreu grande influência da cultura gaúcha, confirmando a descrição de Peraro (1978). Os dados da cobertura do jornal nas semanas que antecedem e que sucedem o Dia do Gaúcho ajudam a corroborar a ideia de que, nas cidades maiores do Paraná, aparecem menos matérias sobre a cultura gaúcha.

7.10. O PARANÁ

O *Paraná*, jornal de Cascavel, teve no período analisado uma chamada de capa e dez matérias sobre a cultura gaúcha: nove em 2014 e apenas uma em 2015. É um número relativamente baixo, que constitui 0,45% das chamadas de capa publicadas nesse espaço de tempo e 0,98% das matérias nas páginas internas.

O PARANÁ		
2014	2015	TOTAL

NÚMERO DE EDIÇÕES	12	13	25
CHAMADAS DE CAPA	107	113	220
SOBRE I.C.G	1	0	1
%	0,93%	0%	0,45%
PÁGINAS INTERNAS	986	997	1983
SOBRE I.C.G	9	1	10
%	1,22%	0,68%	0,98%

Tabela 16 – Matérias publicadas pelo jornal *O Paraná* no período analisado.

Em 2014, a cobertura d'O *Paraná* inclui 9 matérias sobre a Semana Farroupilha em Cascavel, Toledo e Céu Azul, como é o exemplo da notícia “CTG realiza 1º Acampamento Farroupilha”, veiculada em 17 de setembro de 2014. Em 2015, só é publicado um curto texto sobre as comemorações em Cascavel (“Começa mais um Acampamento Farroupilha”, 16/09/2015).

Figura 28- Matéria “CTG realiza 1º Acampamento Farroupilha”, publicada pelo jornal *O Paraná* em 17/09/2014.



Figura 29 – Matéria “Começa mais um Acampamento Farroupilha”, publicada pelo jornal *O Paraná* em 16/09/2015.

A referência a eventos tradicionalistas é o principal elemento identitário acionado pelo jornal de Cascavel, acompanhado de referências à música e culinária, o que pode ser explicado pela predominância de matérias sobre as comemorações da Semana Farroupilha.

OPARANÁ		ELEMENTOS IDENTITÁRIOS												
		CHIMARRÃO	INDUMENTÁRIA	DANÇAS	MÚSICA	HISTÓRIA	ARTESANATO	CULINÁRIA	FAMÍLIA / AMIGOS	EVENTOS	POESIA / LITERATURA	VOCABULÁRIO	CAVALO	SÍMBOLOS CÍVICOS
CAPA	TÍTULO									9				
	TEXTO		1						1				1	
	IMAGEM													
	LEGENDA													
PÁGINAS INTERNAS	TÍTULO	1								3		2		
	TEXTO	2		2	4	3		4	1	9	1			
	IMAGEM		2	1	1				1					
	LEGENDA			1										

Tabela 17 – Elementos Identitários referenciados pelo jornal *O Paraná* nas matérias sobre a cultura gaúcha.

Embora esteja em uma região bastante influenciada pela cultura gaúcha, *O Paraná* fala pouco sobre essa cultura. Isso pode estar relacionado a duas informações contextuais: a primeira é que Cascavel, embora tenha recebido migrantes rio-grandenses no século XX, já era uma vila bem povoada antes da ação de empresas colonizadoras (Ferreira, 1996); e a segunda diz respeito ao tamanho de Cascavel, dentre as maiores

idades do estado, e à tiragem do jornal, de 18 000 exemplares, terceira maior dentre os jornais selecionados para análise nesta pesquisa.

7.11. *O PRESENTE*

Jornal que circula em Marechal Cândido Rondon, *O Presente* teve o menor número de edições dentre os jornais analisados: apenas 20 nos períodos de 13 a 27 de setembro de 2014 e 2015. Publica 13 matérias que mobilizam algum elemento da cultura gaúcha, sendo nove em 2014 e quatro em 2015. Nas capas, duas chamadas se apropriam do gauchismo, ambas em 2014.

<i>O PRESENTE</i>			
	2014	2015	TOTAL
NÚMERO DE EDIÇÕES	10	10	20
CHAMADAS DE CAPA	67	46	113
SOBRE I.C.G	2	0	2
%	2,98%	0%	1,76%
PÁGINAS INTERNAS	737	582	1319
SOBRE I.C.G	9	4	13
%	1,22%	0,68%	0,98%

Tabela 18 – Matérias publicadas pelo jornal *O Presente* no período analisado.

Além da cobertura de eventos da Semana Farroupilha, como fizeram boa parte dos jornais da região Oeste do Paraná, *O Presente* mostrou, nas matérias, a penetração da cultura gaúcha nos outros setores da cultura de Marechal Cândido Rondon, em conformidade com o que assinala documento do Ipardes (1976). Mesmo em matérias sobre festas alemãs (“Frühlingfest brinda a primavera e resgata tradições germânicas” – 16/09/2014 e “Chope Brahma será a bebida oficial da Oktoberfest” – 18/09/2014), as fotografias trazem a presença dos representantes gaúchos, seja nas apresentações de dança, seja na indumentária usada quando do anúncio das festas.



Figura 30 – Matéria “Frühlingsfest brinda a primavera e resgata tradições germânicas”, publicada pelo jornal *O Presente* em 16/09/2014.



Figura 31 – Matéria “Chope Brahma será a bebida oficial da Oktoberfest”, publicada pelo jornal *O Presente* em 18/09/2014.

Seguindo a mesma tendência da maioria dos jornais analisados, *O Presente* trouxe como elemento identitário mais frequente a referência a eventos gaúchos. Além disso, referenciou a culinária e a indumentária, elementos que também são aparentes nos eventos da cultura gaúcha.

O PRESENTE		ELEMENTOS IDENTITÁRIOS												
		CHIMARRÃO	INDUMENTÁRIA	DANÇAS	MÚSICA	HISTÓRIA	ARTESANATO	CULINÁRIA	FAMÍLIA / AMIGOS	EVENTOS	POESIA / LITERATURA	VOCABULÁRIO	CAVALO	SÍMBOLOS CÍVICOS
CAPA	TÍTULO							1		1				
	TEXTO									1				
	IMAGEM									1				1
	LEGENDA													
PÁGINAS INTERNAS	TÍTULO		1	1		1		1		6			1	
	TEXTO	1	2	1	3	4		6		11	1		2	2
	IMAGEM		3		2	1		2		3			2	1
	LEGENDA		1			1		2		4			1	

Tabela 19 – Elementos identitários referenciados pelo jornal *O Presente* nas matérias sobre a cultura gaúcha.

Com uma das menores tiragens e a segunda menor população da cidade-sede dentre os jornais analisados nesta pesquisa, *O Presente* traz um número razoável de referências à identidade cultural gaúcha, o que confirma a relação de proximidade dos jornais locais com seus públicos (PERUZZO, 2005). Com a predominância de colonos alemães na cidade de Marechal Cândido Rondon, seria esperado que a cultura gaúcha tivesse uma atuação secundária, porém mesmo as matérias sobre as celebrações alemãs no período trazem elementos da cultura gaúcha, mostrando a presença dos CTGs na sociedade.

A análise da cobertura da semana anterior e posterior ao 20 de Setembro nos diários paranaenses em 2014 e 2015 revela peculiaridades, tanto jornalísticas como regionais. Ao verificar a forma como 11 jornais de diferentes regiões do estado falam sobre marcas da cultura gaúcha e paranaense, foi possível apreender indícios de um jornalismo cultural e de um jornalismo regional sobre identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as informações sobre a cobertura dos diários paranaenses no período em torno do Dia do Gaúcho, podem ser apreendidas algumas características do jornalismo regional no Paraná e da forma como os jornais tratam os temas ligados à cultura gaúcha. Especificidades regionais, como as características de formação das cidades e o tamanho que têm hoje, interferem no tratamento dado pelos jornais ao tema, bem como as características do jornalismo regional que se pratica no estado.

Percebe-se uma relação inversamente proporcional entre o tamanho das cidades-sede e tiragens dos jornais e o número de matérias que fazem referência à cultura gaúcha, ou seja: quanto maiores as cidades e jornais, menor a quantidade de referências ao gauchismo. A constatação vai de encontro à conceituação de Giddens (1991) sobre globalização e às considerações de Hall (1999) sobre o papel da identidade regional na sociedade globalizada. Além disso, a função do jornalismo local e regional, como assinalam Franco (2003) e Haesbaert (1999), seria de reforço das culturas regionais em contraponto à padronização global. Assim, nas cidades maiores, o movimento de globalização é mais forte do que nas cidades menores.

Em grandes cidades, a pluralidade cultural proporcionada pelas migrações modernas e pela globalização faz com que as culturas regionais sejam menos predominantes do que em cidades menores, em que tais culturas ocupam espaços de destaque na sociedade. No mesmo sentido, jornais com maiores tiragens têm o intuito de abranger uma diversidade maior de pessoas e de identidades, restando pouco espaço nas páginas para expressões gaúchas ou mesmo de outros movimentos culturais.

Constata-se que a presença de matérias que fazem referência a elementos da cultura gaúcha é maior nas regiões Oeste e Sudoeste, o que tem relação com a colonização recente por riograndenses e catarinenses, que, como aponta a literatura, foi responsável por difundir o gauchismo na região. Por esse motivo, os jornais que mais

publicaram sobre a cultura gaúcha no período analisado foram o *Jornal de Beltrão* (Francisco Beltrão, Sudoeste), o *Diário do Sudoeste* (Pato Branco, Sudoeste) e *O Presente* (Marechal Cândido Rondon, Oeste).

Como afirma Szekut (2014, p.23), as entidades tradicionalistas, como os CTGs, tiveram papel de destaque na formação das sociedades do Oeste paranaense e, por isso, conseguem ter um posicionamento privilegiado, o que faz com que seus eventos e atividades sejam mais noticiados do que em outras cidades. Mesmo em cidades que têm uma ligação forte com outras culturas, como é o caso de Marechal Cândido Rondon, com um número considerável de colonos alemães, a atuação dos CTGs interfere nas atividades e festas germânicas, mesmo que de forma sutil.

Da mesma forma, no Norte e Noroeste do Paraná, são poucas as menções à cultura gaúcha nos jornais analisados: *Folha de Londrina* e *O Diário do Norte do Paraná*. O fato também tem relação com as características de colonização da região: feita principalmente por paulistas, mineiros e nordestinos, faz com que o Norte seja, em sua essência cultural, diferente de outras regiões do estado. Ali, com relação ao que diz Peraro (1978, p. 174), a cultura gaúcha tem penetração menor e, portanto, recebe menor espaço nos diários.

Quanto ao Paraná Tradicional, região que abrange o Litoral, Curitiba, Campos Gerais, de Guarapuava e de Palmas e que teve influência da cultura gaúcha na sua formação por conta do tropeirismo, de acordo com a trajetória delineada por Ferreira (1996) e Wachowicz (2010), o pequeno número de referências ao gauchismo pode ter relação com o fato de tal influência ter acontecido há mais tempo, fazendo com que os hábitos e costumes gaúchos tenham sido naturalizados e adaptados à realidade regional. Assim, por estar imbricada no cotidiano, a cultura gaúcha não gera rupturas na ordem social e não chama a atenção dos jornais. Supõe-se que tal cultura estaria, nessa região, menos relacionada a CTGs ou entidades tradicionalistas e mais relacionada com o dia-a-dia da população, nos costumes e hábitos de lazer.

Outra constatação do estudo é de que a cobertura desse assunto não é regular, o que fica claro na comparação entre os números de matérias em 2014 e 2015, que teve variações imprevisíveis. Por não estar no foco da cobertura jornalística usual, a cultura gaúcha depende de eventos ou fatos que rompem com a previsibilidade das notícias para

aparecer nas páginas dos jornais. Assim, como o tema não é tratado de forma regular, o jornal só publica matérias sobre o assunto na ocorrência de episódios que fogem à normalidade.

Os temas e formatos das matérias publicadas revelam que a cobertura da cultura gaúcha tem caráter de agenda cultural, em consonância com o que dizem autores como Gadini (2009) e Melo (2008) quando conceituam o jornalismo cultural brasileiro. São poucas as notícias que fogem da característica predominante, de convidar para os eventos ou relatar como aconteceram.

Essa característica, mesmo que possa revelar certa problematização da cultura na medida em que aborda os assuntos, tende a limitar um aprofundamento editorial dos temas da da cultura regional, ou mesmo problematiza o papel e a inserção da cultura na sociedade. Como mostra a literatura sobre Jornalismo Regional, é função da mídia local e regional apontar alternativas para a sobrevivência das expressões culturais, ou fornecer elementos ao respectivo fortalecimento temático.

Além da referência a eventos, outros elementos identitários mobilizados com frequência são a indumentária, culinária e música, que são formas tangíveis de mostrar a identidade. Zatti (2013, p.8) assinala a relação da indumentária gaúcha com a penetração dessa cultura no Paraná, se tornando um fator de reconhecimento do tipo cultural. Nas imagens, as roupas típicas do gaúcho funcionam como uma referência visual de fácil assimilação pelo leitor, que diminui a quantidade de explicações necessárias sobre a cultura noticiada.

A culinária e a música, que são a base de muitos dos eventos tradicionalistas, também são facilmente reconhecíveis, desde a descrição de Saint Hilaire (1978, p.55-56) das festas e das comidas do gaúcho paranaense até as atuais apropriações de pratos típicos e de estilos musicais. Ao mostrar (seja nos textos, seja nas imagens) tais demonstrações da cultura gaúcha, os jornais estabelecem uma proximidade desta cultura com o cotidiano do leitor, que consome as manifestações culturais no dia-a-dia.

Quanto à operacionalidade da pesquisa, houve dificuldades para encontrar as edições de alguns jornais para coleta de dados. Tal empecilho denota os problemas de circulação do jornalismo local e regional no Paraná e também a pouca abrangência e preocupação com a pesquisa científica em jornalismo nos acervos de

periódicos em bibliotecas do estado. Ao mesmo tempo, alguns jornais criam barreiras ao acesso a edições passadas, mesmo que em formato digital, chegando a cobrar cinco vezes mais do que o preço da edição do dia.

Considera-se, enfim, que a pesquisa cumpre seu papel, uma vez que não existe, aqui, qualquer pretensão de esgotar o assunto, nem de estabelecer de forma arbitrária como se dá a cobertura da cultura gaúcha nos diários paranaenses, mas sim de analisar momentos específicos e problematizar o espaço dado à cultura no jornalismo regional. Na medida das limitações de uma pesquisa de mestrado, tanto conceituais quanto relativas ao tempo, o objetivo foi cumprido.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização, **Mana**, v. 7, n. 2, p.7-33, 2001.

ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos. **Um caminhar pela toponímia das microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Maiores Jornais em Circulação no Brasil**, 2013. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em 18 fev. 2015.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **1858, Viagem pelo Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

BECK, Ulrich. **O que é Globalização?:** equívocos do globalismo, respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BELTRAME, Priscila. Globalização e cultura, processos da indústria cultural em escala mundial. In: BRANT, Leonardo (org). **Diversidade Cultural: globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas**. São Paulo: Escrituras Editora, Instituto Pensarte, 2005.

BORNHEIN, Gerd *et al.* **Cultura Brasileira: tradição / contradição**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIN, Gerd *et al.* **Cultura Brasileira: tradição / contradição**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 31-58.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e Identidade: a migração dos descendentes de italianos no município de Francisco Beltrão – Paraná**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2012.

BRITO, Thiago Macedo Alves de. A metamorfose do conceito de região: leituras de Milton Santos. **GEOgraphia**, v. 10, n. 20, 2010, p. 74-105.

BRUM, Ceres Karam. “Esta terra tem dono”: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul, o mito de Sepé Tiaraju. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18 (2), 2007, p.215-236.

_____. “Vestida de Prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas. **Revista Educação**, Santa Maria, v.34, n.1, p. 147-164, jan./abr. 2009.

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho. **Revista Ra'e Ga**, Curitiba, n.17, p. 17-30, 2009.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

CAMARGO, João Borba de. **História do Paraná (1500-1889)**. Maringá-PR: Bertoni Editora, 2004.

CASCUDO, Luis da Camara. **Civilização e Cultura**. Belo horizonte: Editora Itatiaia, 1983.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERVI, Emerson Urizzi. **A cobertura da imprensa e as eleições presidenciais 2002**. In: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=cervi-emerson-imprensa-eleicoes-2002.html>. Acesso em 02 mar 2015.

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Jornalismo e Identidade na Amazônia**: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CUNHA, Isabel Ferin. O SPSS e os estudos sobre os media e o jornalismo in LAGO, C. e BENETTI, M. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

DALMORO, Marlon. **Campereando Mercados**: práticas de resistência e cidadania mediadas pelo mercado na cultura gaúcha. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DOMINGUES, Júlio Manoel. Tropeirismo. In: SEMANA DO TROPEIRO, 32. SEMINARIO PAULISTA DE ESTUDOS TROPEIROS, Sorocaba, 1999. Palestra feita em 27 de maio de 1999 na Universidade de Sorocaba – UNISO. Disponível em:

<<http://porangabasuahistoria.com/wp-content/themes/Porangaba/upload/downloads/tropeirismo.pdf>> . Acesso em 19 out 2015.

DUARTE, Thiago Scott. **Lanças erguidas, espadas no ar:** como a música regionalista da Califórnia da Canção Nativa escreve a História do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Graduação (Curso de História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

EHRHARDT, Marcos Luís. Projeto História Viva: uma experiência em história oral na região de Marechal Cândido Rondon. P. 57- 66. In: LOPES, Marcos. **Espaços da memória:** fronteira. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã:** diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

FELIPPI, Ângela. A Identidade Gaúcha no Jornalismo Impresso – o caso Zero Hora. In: FELIPPI, Ângela; NECCHI, Vitor (org.). **Mídia e Identidade Gaúcha.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

_____. **Jornalismo e Identidade Cultural:** construção da identidade gaúcha em Zero Hora. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____._____. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

FERNANDES, Josué Corrêa. **Das Colinas do Pitangui.** Ponta Grossa: Editora Gráfica Planeta, 2003.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios.** Maringá: Memória Brasileira, 1996.

_____. **Municípios Paranaenses:** origens e significados de seus nomes. Cadernos Paraná da Gente, vol. 5. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FLÁVIO, Luiz Carlos. **Memória(s) e território:** elementos para o entendimento da constituição de Francisco Beltrão –PR. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2011.

FÖETSCH, Alcimara Aparecida. Paisagem, cultura e identidade: os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet –PR. p.18-65. In: SAHR, Cicilian Luiza Löwen (org.). **A paisagem como patrimônio cultural:** Campos Gerais e Matas com Araucária no Paraná. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

FRANCO, Augusto de. **A revolução do local**: globalização, glocalização, localização. Brasília/São Paulo: AED/Cultura, 2003.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. Lições de identidade presentes em livros didáticos de séries iniciais, **Educar**, n.34, Curitiba, 2009, p. 201-213.

FREITAS, Leítica Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Revista Educação**, Porto Alegre, ano 27, n. 2, mai./ago 2004, p. 263-281.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GADINI, Sergio Luiz. Dilemas da Pesquisa no Jornalismo Contemporâneo. Da abrangência midiática à ausência de métodos específicos de investigação. III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/iisbpjor2005_-_ci_-_sergio_luiz_gadini.pdf>. Acesso em 11 mar. 2015.

_____. Produção jornalística nas sociedades contemporâneas: breves considerações sobre a exclusão cultural e a condição de cidadania. **Emancipação**, v. 7, n. 1, 2007, p. 95-109.

_____. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

GOLDSMITH, Bem. Diversidade cultural: política, caminhos, dispositivos. In: BRANT, Leonardo (org). **Diversidade Cultural**: globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas. São Paulo: Escrituras Editora, Instituto Pensarte, 2005.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De Rio-Grandense a Gaúcho**: o triunfo do avesso, um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GOMES, Valdir. **O papel dos agentes colonizadores em Cidade Gaúcha –PR a partir da década de 1950**: um estudo na perspectiva neoinstitucionalista. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

GONÇALVES, Sérgio Campos. Cultura popular no imaginário brasileiro e latino-americano: caminhos possíveis de reflexão teórica, **Revista Eletrônica História em reflexão**, v. 2, n.3, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, jan/jun 2008.

GRESPLAN, Taiana. Antroponímia de Toledo-Paraná – 1954-2004: aspectos inovadores. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014.

GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Trad. LiriamSponholz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUIMARÃES, Rafael Eisinger. **Pampa, substantivo feminino**: a reconfiguração da literatura gauchesca na narrativa de Silvina Ocampo. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede ‘gaúcha’ no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. Região, Diversidade Territorial e Globalização. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, n. 01, p. 1-25, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia&Sociedade**, v. 14, n.1, jan/jun 2002.

HINERASKY, Daniela Aline. O Pampa virou cidade na TV: identidades na série Histórias Curtas. In: FELIPPI, Ângela; NECCHI, Vitor (org.). **Mídia e Identidade Gaúcha**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. P. 9-23.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IBGE. **IBGE Cidades@**, 2015. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 10 out. 2015.

IPARDES. Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul. **Subdivisão, posse e uso da terra no Paraná**. Curitiba: IPARDES, 1976.

IPARDES. **Relação dos municípios do estado ordenados segundo as mesorregiões e as microrregiões geográficas do IBGE**. Curitiba, 2012. Disponível em:

<http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.pdf>. Acesso em 20 mai. 2015.

KINZLER, Ademir Luis. **Fé na Fronteira**: colonização no oeste do Paraná e construção de uma hegemonia católica – o caso de Quatro Pontes (PR). Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2013.

LACHESKI, Edilane. **Guarapuava no Paraná**: discurso, memória e identidade (1950 – 2000). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná**: terra de todas as gentes e de muita história. Francisco Beltrão: Grafit, 2003.

LESSA, Barbosa. **Gaúcho**: o campeiro do Brasil. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2006.

LESSA, Barbosa. **Nativismo**: um fenômeno social gaúcho. 2.ed. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2008.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. Regionalização midiática: conceitos e exemplos. In: MARÇOLLA, Rosângela; OLIVEIRA, Roberto Reis (org). **Estudos de Mídia Regional, Local e Comunitária**. São Paulo: Arte&Ciência, 2008. p. 43-75.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. A gauchidade midiática no RS: apontamentos sobre a cultura regional na mídia. **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.1, jan./abr. 2012, p.40-57.

MAACK, Reinhardt. **Geografia física do Estado do Paraná**. 4.ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

MACCARI, Neiva Salete Kern. **Migração e Memórias**: a colonização do Oeste Paranaense. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

MACEDO, Carmen Cinira. Algumas observações sobre a questão da cultura do povo. In: VALLE, Edênio; QUEIRÓZ, José (org.). **A Cultura do Povo**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1988. p. 34-39.

MACHADO, Alisson *et al.* Meio século de RBS TV: a construção de uma identidade gaúcha para si e seu público. **Ciberlegenda**, v. 2, 2013, p. 35-46.

MACHADO, Artur; IDE, Diogo; ZAGO, Evandro (org). **Toward Global Identity Through Cultural Diversity**. Brasília: UNO, UNESCO, Universidade de Brasília, 2009.

MACHADO, Elias. Dos Estudos Sobre Jornalismo às Teorias do Jornalismo (Três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento). **E-Compós**, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/2/4>>. Acesso em 11 mar. 2015.

MACHADO, Elias. Metodologias de Pesquisa em Jornalismo: uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, 2010.

MARQUES, Sabrina de Matos. **Festivais Nativistas**: patrimônio cultural do Rio Grande do Sul?. Trabalho de Conclusão de Pós-Graduação (Artes e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MENDONÇA, M. L. Identidade, cultura e ação social: idéias e práticas. In: **XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2000. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt12/art-gt12.html>>. Acesso em jul. 2014.

MINAYO, Maria Cecília; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementariedade?, **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, jul/set 1993, p. 239-262.

MONASTIRSKY, Leonel Brizola. **Cidade e Ferrovia**: a mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ. **Informações MTG-PR**. [Mensagem profissional]. Mensagem recebida por: <aline.jasper1@gmail.com> em: 02 dez. 2015.

NASCIMENTO, Cacildo Alves. Memória, migração e identidade: a negociação da identidade gaúcha em Coxim. **Anais da XV Semana de História**, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2013, p. 407-. Disponível em: <http://ndh.ufms.br/wp-anais/AnaisdaSemanaDeHistoria/documentos/textos%20completos/cacildo_alves_nascimento_-_memoria_migracao_e_identidade-_a_negociacao_da_ident.pdf>. Acesso em 13 set. 2015.

NECCHI, Vitor. Dissonância no pampa – a construção identitária do gaúcho no filme Anahy de Las Misiones. In: FELIPPI, Ângela; NECCHI, Vitor (org.). **Mídia e Identidade Gaúcha**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

NOVENTA anos de história. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 02 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/especiais/90-anos/independencia/noventa-anos-de-historia-beaefbfbxubyxka4q07fqg85q>>. Acesso em 18 fev. 2015.

OLIVEIRA, Silvio de; VERONA, Valdir. **Gêneros Musicais Campeiros no Rio Grande do Sul**: ensaio dirigido ao violão. Porto Alegre: Nativismo, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PACHECO, Luis Orestes. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PAZ, Angelo. **Dicção de Mauro Moraes**. Trabalho de Conclusão de Graduação (Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PERARO, Maria Adenir. **Estudo do Povoamento, crescimento e composição da população do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1978.

PEREIRA, Juliano Amaral. **Música Nativista do Rio Grande do Sul como fonte de informação**. Trabalho de Conclusão de Graduação (Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, a.26, n.43, p. 67-84, 2005.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo**: História da Produção de uma Identidade Regional. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

RIBEIRO, Juliana Colussi. **Da política ao debate: jornalismo regional e espaço público**. 2004. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em mai 2015.

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. **A Identidade Gaúcha**. Porto Alegre: Traço Comunicação, 2000.

ROBERTSON, Roland. **Globalização**: teoria social e cultura global. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ROCHA, Everardo; BARROS, Carla. Cultura, mercado e bens simbólicos: notas para uma interpretação antropológica do consumo. In: TRAVANCAS, Isabel; FARIAS, Patrícia (orgs.). **Antropologia e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. P. 181-207.

RODERJAN, Roselys Vellozo. **Folclore brasileiro: Paraná**. Rio de Janeiro: MEC-SEC-FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Em busca de uma história social para o léxico rural paranaense**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

SCHMITZ, Aldo. Classificação das fontes de notícias. In: CONFIBERCOM, 1., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2011. Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/sessao_08.html> Acesso em 19 jul 2014.

SILVA, Luiz Cesar Kreps. Tropeirismo. In: SCORTEGAGNA, Adalberto et al. **Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005.

SILVEIRA, Maria Laura. Região e Globalização: pensando um esquema de análise. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v.15, n.01, p. 74-88, 2010.

SOPELSA, Renata. Aquerenciados em um novo rincão: migrantes e o culto às tradições gaúchas na cidade de Ponta Grossa-PR (1958-1968). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SOPELSA, Renata. Uma grande festa, um exemplo de sociabilidade: o primeiro rodeio tradicionalista do Paraná. **Anais do XI Encontro Regional de História**, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2004. Disponível em: <<http://www.pr.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/RenataASopelsa.htm>>. Acesso em 26 nov. 2015.

SOUSA, Jorge Pedro. Comunicação regional e local na Europa Ocidental: os casos português e galego. **Anuário UNESCO/UMESP de Comunicação**, São Bernardo do Campo: UESP, ano 7, n.07, p. 83-127, 2004.

_____. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SZEKUT, Andressa. **Centros de Tradições Gaúchas no Oeste do Paraná: a (re)construção da memória coletiva e a fixação de representações**. Dissertação

(Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2014.

VIAL, Rogério. **A participação dos escravos nos patrimônios dos Campos Gerais (1846-1864)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2014.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Os caminhos da folkcomunicação na atualidade: perspectivas para o século XXI. In: LOPES FILHO, Boagernes [et. al.]. **A folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

TUCHMAN, Gaye. **La Producción de La Noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1983.

UEPG. Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais, 2003. Disponível em: <www.uepg.br/dicio> . Acesso em 19 out. 2015.

WACHOVICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 2. Ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Formação Histórica do Paraná. In: **Simpósio de Cultura Paranaense Terra, Cultura e Poder: a arqueologia de um estado**. Cadernos Paraná da Gente, nº 4. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005. p. 15-28.

ZADINELLO, Alessandro Luchini. **O discurso publicitário regional**: uma análise das referências de gauchismo em anúncios veiculados no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ZALLA, Jocelito. **O Centauro e a Pena**: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ZAMARIANO, Márcia. **Toponímia Paranaense no período histórico de 1648 a 1853**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

ZATTI, Carlos. **O Paraná de Bombachas**. Curitiba: IHGPR, 2013.

ZATTI, Carlos. **O Paraná e o Paranismo**. Curitiba: Progressiva, 2006.

APÊNDICE A – LIVRO DE CÓDIGOS PARA A COLETA DE DADOS

LIVRO DE CÓDIGOS PARA A COLETA DE DADOS

1. CAPA

1.1. DATA: data de publicação do jornal

1.2. NÚMERO DE CHAMADAS: total de chamadas de capa

1.3. TÍTULO: transcrição do título da chamada que faz referência à identidade gaúcha

1.4. TEMÁTICA: tema predominante

1.5. GÊNERO: preencher com código.

CÓDIGO	TIPO
1	Informativo
2	Opinativo

1.6. ABRANGÊNCIA: preencher com código.

CÓDIGO	TIPO	EXPLICAÇÃO
1	Local	Quando o tema é tratado predominantemente com relação à cidade em que o jornal é editado.
2	Regional	Quando o tema é tratado predominantemente com relação a um Estado ou a um ou mais municípios além da sede do jornal.
3	Nacional	Quando o tema é tratado predominantemente com abrangência nacional.
4	Internacional	Quando o tema abrange outros países.

1.7. FORMATO: preencher com código. Indica o tipo de chamada noticiosa.

CÓDIGO	TIPO
1	Manchete com foto
2	Manchete sem foto
3	Chamada com foto
4	Chamada sem foto

5	Foto-legenda
6	Chamada Título

1.8. IMAGEM: preencher com código se houver imagem relacionada à chamada noticiosa em questão

CÓDIGO	TIPO
1	Fotografia
2	Ilustração

1.9. ELEMENTOS IDENTITÁRIOS: preencher com código em cada local da chamada

CÓDIGO	LOCAL
1	Título
2	Texto
3	Imagem
4	Legenda

CÓDIGO	ELEMENTO	EXPLICAÇÃO
1	Chimarrão	Referência ao chimarrão, à erva-mate ou aos apetrechos do chimarrão
2	Indumentária	Referência à roupa típica do gaúcho (homem com bombachas, botas, guaiaca, ou com outros trajes históricos como o chiripá; mulher com vestido de prenda, outros trajes históricos da prenda ou de bombachas)
3	Danças	Referência às danças típicas gaúchas, sejam estas danças tradicionais (folclóricas) ou danças de salão (bailes)
4	Música	Referência à música gaúcha
5	História	Referência a fatos históricos que têm relação com a cultura gaúcha e/ou paranaense
6	Artesanato	Referência ao artesanato típico do folclore gaúcho
7	Culinária	Referência à culinária regional gaúcha

8	Família / Amigos	Referência à valorização do ambiente familiar ou à convivência entre amigos na cultura gaúcha
9	Eventos	Referência a eventos da cultura gaúcha, como rodeios, desfiles, comemorações da Semana Farroupilha, mateadas, mostras culturais, bailes, dentre outros.
10	Poesia / Literatura	Referência à poesia ou à literatura gaúcha, ou mesmo à declamação de poesias gaúchas.
11	Vocabulário	Referência ao vocabulário típico gaúcho (Exemplos: “Tchê”, “Bah”, entre outros)
12	Cavalo	Referência à relação do gaúcho com o cavalo.
13	Símbolos Cívicos	Referência a símbolos cívicos, como bandeiras, hinos ou brasões.

1.10. OBSERVAÇÕES

2. PÁGINAS INTERNAS

2.1. DATA: data de publicação do jornal

2.2. NÚMERO DE PÁGINAS: total de páginas da edição

2.3. NÚMERO DE MATÉRIAS: total de matérias na edição

2.4. TÍTULO: transcrição do título da matéria que faz referência à identidade gaúcha

2.5. TEMÁTICA: tema predominante na matéria

2.6. GÊNERO: preencher com código.

CÓDIGO	TIPO
1	Informativo
2	Opinativo

2.7. FORMATO: preencher com código. Indica o tipo de matéria jornalística.

CÓDIGO	TIPO	EXPLICAÇÃO
1	Notícia	Textos informativos produzidos por jornalistas ou agências sobre a cultura

		gaúcha.
2	Charge / Infográfico / Ilustração	Desenho, infográfico, charge ou reprodução artística de temas ligados à cultura gaúcha.
3	Ensaio Fotográfico	Conjunto de fotografias sobre um tema do gauchismo.
4	Coluna Assinada	Texto (ou conjunto de textos) assinado por um colaborador do jornal, normalmente com espaço fixo no jornal.
5	Artigo Assinado	Texto interpretativo/opinativo, assinado por especialista ou figura de destaque, normalmente nas páginas de opinião.
6	Editorial	Texto opinativo, em espaço fixo no jornal, sem assinatura, que representa a opinião ou posição editorial do veículo de comunicação.
7	Carta do Leitor	Texto produzido por leitores do jornal, geralmente em espaço fixo, com opinião sobre temas da cultura gaúcha.
8	Nota informativa	Informação breve, com uma ou duas linhas, sobre temas da cultura gaúcha.

2.8. FONTES: quando houver fontes, identificar todas com código. Baseado em Schmitz (2011).

CÓDIGO	ELEMENTO	EXPLICAÇÃO
1	Oficial	Refere-se a alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado, bem como organizações agregadas (juntas comerciais, companhias públicas, etc).
2	Empresarial	Representa uma corporação empresarial da indústria, comércio, prestação de serviços ou agronegócio.
3	Institucional	Representa uma organização sem fins

		lucrativos ou grupo social.
4	Popular	Uma pessoa comum, que não fala por nenhuma organização ou grupo social.
5	Notável	Pessoas notáveis por seu talento ou fama (artistas, escritores, esportistas, etc), que falam sobre si ou seu ofício.
6	Testemunhal	Representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observador.
7	Especializada	Pessoa de notório saber específico, normalmente relacionado a uma profissão ou área de atuação.
8	Referência	Bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta.

2.9. IMAGEM: preencher com código se houver imagem relacionada à matéria em questão

CÓDIGO	TIPO
1	Fotografia
2	Ilustração

2.10. ELEMENTOS IDENTITÁRIOS: preencher com código seguindo a mesma referência das capas.

2.11. OBSERVAÇÕES